EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

A UNIÃO

128 ANOS - PATRIMÔNIO DA PARAÍBA

Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

Ano CXXVIII Número 216 | R$ 3,50 | João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 10 de outubro de 2021 | auniao.pb.gov.br | @jornalauniao

Campina Grande: 157 anos

Foto: Leydson Jackson/Divulgação

Uma cidade sentimento no coração da PB

No aniversário de 157 anos da Rainha da Borborema, campinenses e migrantes que escolheram a cidade como lar, falam sobre o amor incondicional pela cidade. Página 5

Grandes iniciativas e investimentos

Reconhecendo a importância da cidade no cenário estadual e regional, o Governo do Estado tem realizado obras significativas para melhorar a qualidade de vida do campinense. Página 6

Rainha da Borborema é "musa" de artistas

Celeiro cultural, Campina serve de inspiração para artistas dos mais diversos segmentos. A cidade é a grande paixão, tanto de autores locais, quanto dos "adotados". Página 9

Futebol e basquete, duas paixões da cidade

Galo e Raposa, maiores representantes do futebol da "Rainha", dividem os corações dos campinenses, que passaram a bater juntos pelo basquete Unifacisa. Página 21

Mineração: 35 cidades da PB têm compensação financeira

Afetados pelas atividades de exploração mineral, municípios receberão verbas indenizatórias do Governo Federal. Página 3

Entrevista

Foto: Marcos Russo

Tecnologia Professora Thaís Gaudêncio afirma que a inteligência artificial jamais substituirá o homem. Página 4

Economia

'Fintechs' oferecem facilidades e conquistam público na PB

Sem sede física e com contas totalmente digitais, as fintechs conquistam os "desbancarizados" pela praticidade que oferecem, além de serviços personalizados e simples. Páginas 17 e 18

RADAR ECOLÓGICO

Projeto leva à escola debate sobre valor de recursos naturais

Comitês nas Escolas, criados através de parceria entre Governo do Estado e Comitês de Bacias Hidrográficas, capacitam professores para educação ambiental. Página 20

Paraíba

Fortaleza atrai turistas e é palco para eventos culturais

Marco histórico da colonização das terras paraibanas, a Fortaleza de Santa Catarina movimenta a cultura com apresentação de espetáculos e atrai visitantes. Página 7

Foto: Divulgação

Tintas e pincéis para eternizar a Paraíba

Livro "Retalhos da Pintura" destaca pontos importantes do Estado nos trabalhos da artista plástica Laurita Caldas, numa parceria com a mãe, Maria Laura Caldas. Página 25

Colunas

"Para tudo tem solução, nesta vida, e não é diferente com a poluição sonora provocada pelo ruído das motocicletas, ressalte-se, com canos de escape avariados ou mexidos para funcionar como um show pirotécnico a baixa altura. " Página

Editorial

"A imortalidade, que a envolve, é absolutamente paradoxal, pois, no fundo, as academias (de letras) nada mais são que casas de mortos, antiquários onde o chiste, as falácias e a glória se misturam na oratória dos pergaminhos." Página 11

Hildeberto Barbosa Filho

"Os dados do Inside Radio 2021 mostram um fenômeno muito interessante: rádio agora não é só para ouvir, é para ver também. As emissoras estão investindo mais em canais de players de vídeo, em transmissões ao vivo do estúdio." Página 26

Angélica Lúcio

CONTATOS: uniaogovpb@gmail.com REDAÇÃO: (83) 3218-6539/3218-6509

Editorial

Ira sobre rodas

Basta uma pesquisa simples, com moradores de qualquer bairro da cidade de João Pessoa, para se constatar o quanto o barulho provocado por motocicletas tem incomodado a população da capital. Evidentemente, há locais de maior ou menor estrépito de motores. No entanto, é possível afirmar, com pouca margem de erro, que o problema atinge quase todos os habitantes.

Trata-se de uma questão diretamente relacionada à cidadania. Boa parte dos pilotos de motocicletas com o escape danificado ou adulterado, para provocar estrondos, sabe muito bem o que está fazendo. Tem consciência de que está cometendo uma infração de trânsito e incomodando ouvidos alheios – atenta, portanto, contra a saúde pública -, mas não está nem aí.

Essa turma do barulho sai às ruas todos os dias e a qualquer hora. Seus integrantes não respeitam o que antigamente se chamava de "altas horas da madrugada", e não estão preocupados se crianças de colo ou idosos com problemas de saúde acordam assustados quando eles passam acelerando suas máquinas como se estivessem fugindo do tinhoso.

Ao que parece, têm certeza da impunidade. Parecem saber que nada nem ninguém os vão incomodar. É como se guiassem suas máquinas infernais em um território sem lei nem rei, e não em um ambiente coletivo regido por uma legislação específica que disciplina o uso de veículos automotores. Neste sentido, são fora-da-lei esses inimigos do sossego.

É preciso acabar com essa bagunça. Para tudo tem solução, nesta vida, e não é diferente com a poluição sonora provocada pelo ruído das motocicletas, ressalte-se, com canos de escape avariados ou mexidos para funcionar como um show pirotécnico a baixa altura. Faz-se necessário punir os irresponsáveis que fazem isso, para que outros não sigam o mau exemplo.

As ruas precisam voltar a ser o espaço de deslocamento da gentileza, da solidariedade, do exercício de uma consciência cidadã, representada pelo respeito aos direitos e deveres de cada pessoa em relação a si mesma e às outras. Não pode continuar sendo essa arena, onde muitos fazem o que bem entendem, como se Código Penal não servisse para nada.

Crônica

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com | Colaborador

A primeira palavra

Os pais sempre ficam na expectativa ansiosa de escutar a primeira palavra pronunciada por seu filho. Entram em êxtase quando interpretam, num balbucio qualquer, a intenção de falar alguma coisa. Sem dúvidas, um dos momentos mais inesquecíveis de qualquer pai ou mãe é quando o seu filho começa a falar.

É normal que haja uma competição na expectativa de que essa primeira palavra seja "papai" ou "mamãe". Muitas vezes, porém, a criança surpreende e fala algo que não corresponde a essa ansiedade. Segundo meu pai, minha primeira manifestação oral foi "lua". Talvez ele, na sua "corujice", tenha entendido assim. Devo ter murmurado algo parecido, mas para ele, vaidosamente, essa foi a minha "primeira palavra". Será, de fato, que os sons que emiti tinham realmente esse significado? Sinceramente não encontro muito sentido nessa associação da linguagem inicial com o nosso satélite.

> "A capacidade de conversar é uma das principais evoluções no processo de evolução humana. A primeira mensagem verbal revela o sentimento humano de buscar socializar-se"

Ainda que a pronúncia não seja perfeita, mas percebe-se o desejo do bebê em principiar sua comunicação oral. A capacidade de conversar é uma das principais evoluções no processo de evolução humana. A primeira mensagem verbal revela o sentimento humano de buscar socializar-se.

A primeira palavra pronunciada é resultado da construção de habilidades e conhecimentos manifestados pela emissão de sons com significado. Na fase pré-linguística a criança assimila as coisas do seu contexto e vai gradualmente desenvolvendo a linguagem verbal. Daí não encontrar racionalidade na compreensão de que a minha palavra pronunciada tenha sido "lua". O que me levaria a priorizar o satélite como vocalização primária? Qual a relação da lua com o meu universo infantil?

O processo de aprendizagem da comunicação das novas gerações, diferencia da nossa, uma vez que recebem importante influência das tecnologias existentes, tais como celulares, tablets e televisões. Esses modernos equipamentos contribuem consideravelmente para que a criança aprenda a se comunicar. Os pais já não são mais os únicos orientadores nesse processo.

Não pode causar surpresa se a primeira palavra de uma criança nos dias de hoje, não seja, necessariamente, um vocábulo da língua materna. Depende do contexto social e cultural em que ela esteja inserida.

A tecnologia, portanto, vem substituindo os pais nesse processo de aprendizagem da linguagem. É preciso, então, ter cuidado com o tempo que a criança terá com os aparelhos eletrônicos, exigindo um controle de acordo com a idade e a mediação. É indiscutível que a tecnologia pode servir de complemento nesse processo de desenvolvimento da fala, porém, nunca deve ser desprezada a intervenção prioritária dos pais na construção dessa forma de comunicação verbal pelos filhos.

Contudo, quem é pai sabe o quanto a primeira palavra formulada pelo filho mexe com as suas emoções. Produz um sentimento de orgulho e de imensa satisfação.

Artigo

Sitônio Pinto
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

A cruz e a cicuta

Os romanos muito aprenderam com os gregos. Pode-se dizer que a civilização ocidental começou nesse aprendizado. Os gregos evangelizando o mundo com seus hábitos urbanos, a polis ensinando o homem a conviver em sociedade. Por sua vez, a Grécia foi buscar na Índia alguns de seus costumes que hoje servem de alicerce para a civilização do ocidente, preferiria dizer mediterrânea. Assim foi com a monogamia, costume de certa forma injusto e cruel para com o segmento feminino, pois deixa parte dessa maioria desacompanhada.

A colônia humana é diferente das tilápias. Estas dividem seu cardume exatamente em duas partes: uma feminina e outra masculina, assim caracterizadas quando seus indivíduos se definem como adultos. A natureza, então, determina a seus filhos: você vai ser joão, você maria. Ninguém reclama, ninguém vacila, a paz social acontece e a espécie é continuada. Os indianos e os gregos tentaram caminhos diferentes, e a humanidade ainda não se acomodou nem se acostumou. A monogamia, com os homens em minoria, deixa um excedente feminino sem formar casal.Os gregos não conheciam a mágica das tilápias do Nilo, ali tão perto, na outra beira do Mediterrâneo.

Sempre há uma civilização florescendo numa das margens do Mediterrâneo, o mar monoteísta dos árabes e judeus, nas margens sul e leste, e politeísta na margem norte, onde abundam os deuses e os demônios da Grécia e de Roma.

Como se filtrassem o que devia ser aprendido, os romanos não plagiaram dos gregos dominados as penas do ostracismo e da cicuta. O Direito Romano, tão rico da técnica jurídica, peca na finalização do processo com suas penas tão excessivas: o Poço das Moreias (onde os condenados eram oferecidos como isca para as enguias), a Rocha Tarpeia (de onde os condenados eram arremessados para se arrebentarem), a feira dos escravos (onde os inadimplentes eram vendidos como pagamento de suas dívidas). Ai dos velhacos, dos devedores e protestados.

A cruz romana coroava todas essas barbáries como instrumento de punição e suplício. A simplicidade da cicuta, sua discrição, sua limpeza e rapidez na execução, não foram copiadas pela arrogância do soldado vencedor da História. A cicuta é uma pena de morte sem carrasco. Sem martírio. Daí Sócrates tê-la escolhido, em vez da fuga oferecida pelos seus discípulos, que cooptaram seus carcereiros. Tivesse Sócrates sido condenado à morte em cruz, muito provavelmente teria optado pela fuga e ainda hoje estaria conosco, nos cafés daqui ou Paris.

Por que não o ostracismo? Sócrates desterrado como foram os degredados da Inconfidência, ou os "maus brasileiros" da Ditadura 64, a Redentora?

Mas a cruz, a decapitação, a forca, a cadeira elétrica, a injeção letal permaneceram ao longo de dois milênios e um Mediterrâneo. O Estado Islâmico não soube copiar sequer a máquina da guilhotina, sua degola é feita a faca, diz-se que as crianças são colocadas na cruz de Pilatos. A cicuta seria muito mais fácil, seria até humana. A Grécia ainda tem muito a ensinar. Mas a Paixão continua.

Ofereceram fuga ao Doutor João Dantas, preso na cadeia por ter pistolado o Presidente João Pessoa. Mas ele preferiu esperar o júri preso, mais seu cunhado o Doutor Augusto Caldas. Talvez confiado no que disse o Doutor José Américo: "Foi o maior advogado do seu tempo". Como Sócrates, o Doutor Dantas achava que, se fugisse, não seria vitorioso no veredicto da História. Preferiu ser degolado na cruz da cadeia, ele e o cunhado inocente.

Fotolegenda

Foto: Marcos Corrêa/PR

A natureza e suas soluções

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual ..... R$350,00 / Semestral ..... R$175,00 / Número Atrasado ..... R$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: 99143-6762

Efeitos da mineração: 35 cidades da PB vão receber compensação

Imposto pago pelo Governo Federal beneficia municípios impactados pelas atividades de exploração dos recursos minerais

Ana Flávia Nóbrega
anaflavia@epc.pb.gov.br

O Governo Federal, através do Ministério de Minas e Energia, divulgou, no dia 28 de setembro, a relação de municípios afetados pela atividade de mineração. Na lista, 35 cidades paraibanas terão direito à Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (CFEM).

De acordo com informações de Marcelo Falcão, diretor de Recursos Minerais e Hidrogeologia (DRMH) da Secretaria de Infraestrutura dos Recursos Hídricos e do Meio Ambiente, a CFEM ou compensação financeira pela exploração de recursos minerais é "um imposto pago para o Estado brasileiro devido ao aproveitamento econômico de recursos minerais, ou seja, jazidas e depósitos, já que eles são propriedades da união, segundo a Constituição brasileira".

A distribuição da arrecadação é dividida entre os municípios impactados, com 15%; Município onde foi extraída a substância mineral, com 60%; Estado também com 15% e para União, 10%.

A distribuição é garantida pelo Decreto 9.407/2018 que estabelece a compensação pela mineração. De acordo com inciso III, do art. 7º, terão direito à verba indenizatória quando, em seus territórios, estiverem localizadas as pilhas de estéril, as barragens de rejeitos, as instalações de beneficiamento de substâncias minerais e as demais instalações referidas no plano de aproveitamento econômico.

Entre as cidades listadas, também estão aqueles que não são produtores dos recursos minerais, mas são, de alguma forma, impactadas pela extração. "Esses municípios não são produtores, mas são impactados pelo transporte, embarque e presença de instalações industriais em seu território. O percentual foi obtido a partir da redução nos valores que serão pagos aos outros entes federativos", declarou o diretor da DRMH.

Foto: Divulgação

Marcelo Falcão, diretor de Recursos Minerais e Hidrogeologia da Secretaria de Infraestrutura dos Recursos Hídricos e do Meio Ambiente

O decreto que regulamenta a distribuição de 15% da CFEM para municípios impactados é previsto na Lei 13.540/2017. Os 48 municípios relacionados terão até o próximo dia 11 para questionar o percentual apurado, podendo requerer ainda a inclusão na relação de beneficiários, se preenchidos os requisitos, também até a mesma data.

Na relação provisória constam cidades afetadas pela estrutura de mineração de: água mineral, areia, argila, bentonita, calcário, calcita, caulim, feldspato, filito, gema, gnaisse, granito, minério de ferro, minério de ouro, minério de tântalo, minério de tungstênio, pegmatito, quartzito e quartzo.

A relação ainda deverá ser atualizada, isto porque dados da Agência Nacional de Mineração (ANM), disponibilizados pela Secretaria de Infraestrutura, dos Recursos Hídricos e do Meio Ambiente da Paraíba apontam que 58 cidades recebem recursos anualmente pela afetação com uma projeção de recolhimento da CFEM de R$ 6.321.419,26.

CIDADES AFETADAS PELA ESTRUTURA DE MINERAÇÃO

Substância:	Soma de área por estrutura /CFEM (%)
■ Água mineral:	João Pessoa (15,36 / 0,08%), Santa Rita (12,52/ 0,06%), Santana dos Garrotes (37,5/ 0,19%);
■ Areia:	Cuité (47,2/ 0,35%), Dona Inês (9,96/ 0,07%), Mamanguape (137,04/ 1,01%), Marizópolis (48,89/ 0,36%). Mogeiro (9,78/ 0,07%);
■ Argila:	Alagoa Grande (437,91/ 1,52%), Gurinhém (49,77/ 0,17%);
■ Bentonita:	Barra de Santa Rosa (402,23/ 100%);
■ Calcário:	Alhandra (98,21/ 0,75%), Boa Vista (711,02/ 5,44%), São Vicente do Seridó (30,96/ 0,24%);
■ Calcita:	Parari (539,48/ 14,92%)
■ Caulim:	Salgadinho (544,26/ 18,05%)
■ Feldspato:	Frei Martinho (34,64/ 0,34%), Nova Palmeira (65,23/ 0,67%)
■ Filito:	Fagundes (82,53/ 3,23%)
■ Gema:	Pocinhos (6,69/ 0,01%), Prata (5,88/ 0,09%)
■ Gnaisse:	Gurinhém (50/ 0,28%)
■ Granito:	Algodão de Jandaíra (99,98/ 0,10%), Aparecida (565,83/ 0,58%), Casserengue (545,73/ 0,56%), Cuité (1500/ 1,55%), Esperança (48,47/ 0,05%), Fagundes (339,19/ 0,35%), Junco do Seridó (2184,4/ 2,26%), Nova Palmeira (1220,48/ 1,26%), Picuí (1852,1/ 1,91%), Salgado de São Félix (49,49/ 0,05%), Santa Luzia (150/ 0,15%), São Mamede (27,16/ 0,03%), São Vicente do Seridó (1825,53/ 1,89%), Tacima (98,96/ 0,10%), Triunfo (1152/ 1,19%)
■ Minério de Ferro:	São Mamede (761,23/ 2,74%)
■ Minério de Ouro:	Princesa Isabel (7375,44/ 8,07%)
■ Minério de Tântalo:	Salgadinho (266,74/ 21,72%)
■ Minério de Tungstênio:	Várzea (143/ 32,03%)
■ Pegmatito:	Nova Palmeira (706,98/ 4,82%)
■ Quartzito:	Bonito de Santa Fé (23,23/ 0,07%), Junco do Seridó (60,43/ 0,18%), Monte Horebe (92,71/ 0,28%), Várzea (135,3/ 0,41%)
■ Quartzo:	Frei Martinho (49,62/ 0,02%), São Vicente do Seridó (67,24/ 0,03%)

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

LULA DIZ QUE SÓ DECIDE SOBRE CANDIDATURA EM 2022, MAS RESSALTA: "QUANDO SUBIR NO CAMINHÃO, NÃO DESÇO MAIS".

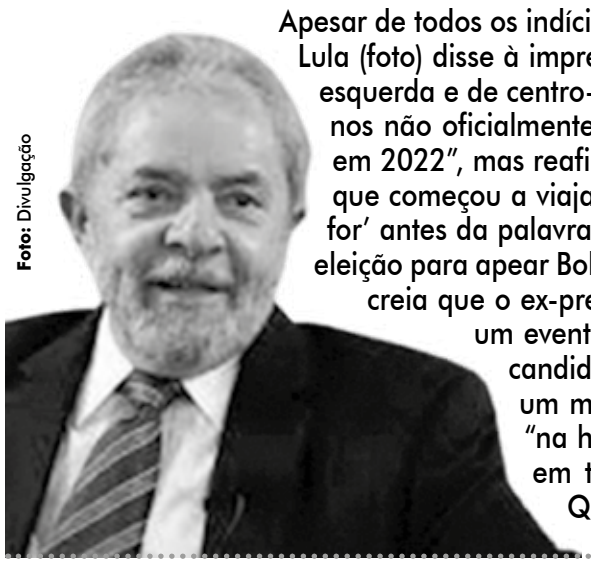


Foto: Divulgação

Apesar de todos os indícios de que será candidato a presidente, no próximo ano, o ex-presidente Lula (foto) disse à imprensa, em Brasília, onde passou a semana em reuniões com partidos de esquerda e de centro-esquerda, que sua candidatura ainda não está posta, de fato, pelo menos não oficialmente. Disse que somente anunciará essa possibilidade "no momento certo, em 2022", mas reafirmou que até lá irá "conversar com todo mundo". Possivelmente, desde que começou a viajar pelo país, é a primeira vez que o líder petista põe a expressão 'se eu for' antes da palavra 'candidato'. Até porque, inúmeras vezes, assegurou que iria disputar a eleição para apear Bolsonaro do poder. Estratégia? Marketing? Seja lá o que for, não há quem creia que o ex-presidente poderia sair do páreo para apoiar um outro nome. Exceto por um eventual problema de saúde – que ele não tem –, não é crível que um pré-candidato que lidera todas as pesquisas de intenção de voto possa vir a fazer um movimento de recuo. E a prova cabal é que ele disse, ato contínuo, que "na hora em que eu subir no caminhão, estará subindo o primeiro colocado em todas as pesquisas de opinião pública que pode ganhar no 1º turno. Quando eu subir no caminhão, não desço mais".

"POSSIBILIDADE DE DIÁLOGO"

Raniery Paulino admite que há certa dificuldade de convivência entre o MDB, presidido pelo senador Veneziano Vital do Rêgo, e o Progressistas, que está sob o comando do deputado Aguinaldo Ribeiro, no que diz respeito a estarem irmanados no projeto de reeleição do governador João Azevêdo (Cidadania). Porém, afirma: "Existe também possibilidade de diálogo".

BATEU O MARTELO

O deputado estadual Doda de Tião (PTB) bateu o martelo: não será mesmo candidato à reeleição em 2022. E já anunciou apoio à pré-candidatura de João Paulo Segundo, ex-prefeito de Boqueirão, a deputado estadual – a coluna já havia anunciado, meses atrás, a possibilidade de desistência do parlamentar, que sairá do PTB, no próximo ano.

PSOL IRÁ RECORRER

O PSOL irá recorrer da decisão da Justiça Eleitoral que julgou improcedente a Ação de Investigação Judicial Eleitoral (Aije) contra a vereadora Eliza Virgínia (PP). A legenda acusa a vereadora de João Pessoa de, supostamente, ter induzido as pessoas a acreditarem, em 2020, que ela seria a responsável por repassar recursos da Lei Aldir Blanc para a comunidade gospel.

O QUE PASSOU, PASSOU

Tempos atrás, Manoel Ludgério (PSD) andou, digamos assim, ressabiado com os seus correligionários, Romero Rodrigues e Bruno Cunha Lima. O motivo? Eles não teriam apoiado à postulação de sua esposa, a vereadora Ivonete Ludgério, para mais um mandato como presidente da Câmara. Mas parece que, em relação a Romero, a boa relação prevaleceu.

O ENTUSIASTA

E tanto é assim que Manoel Ludgério diz que Romero Rodrigues "é o maior líder político de Campina Grande". O parlamentar é um dos entusiastas da aproximação do ex-prefeito de Campina Grande com o grupo do governador João Azevêdo (Cidadania), com vistas às eleições do próximo ano. Disse que Romero deveria "analisar com carinho" essa possibilidade.

GALDINO: "O GOVERNADOR TEM COMPROMISSO COM CAMPINA"

"Isso é *fake news*. Já são mais de R$ 800 milhões que o governo tem investido na cidade". Do presidente da ALPB, Adriano Galdino (PSB), rebatendo críticas da oposição, em Campina Grande, de que o governo teria esquecido a cidade. "O governador, nesses quase três anos de gestão, tem tido muito compromisso com Campina Grande", afirmou.

Edição: Luiz Carlos Editoração: Ednando Phillipy

Thaís Gaudêncio,
Professora da UFPB

"O homem sempre poderá desligar o botão da IA"

Para Thaís Gaudêncio, problemas como desigualdade social, saúde - principalmente mental - justiça e respeito, impactados, cada vez mais, pela tecnologia, precisam ser discutidos e enfrentados

Foto: Marcos Russo

Doutora em Ciência da Computação, Thais Gaudêncio diz que inteligência artificial é para auxiliar o homem e não para substituí-lo: "A decisão final sempre será humana"

Luiz Carlos
lulajp@gmail.com

Um cenário que até pouco tempo atrás era tema da ficção hoje é realidade, especialmente para usuários de celulares, computadores e outras engenhocas tão comuns à rotina de quem se utiliza de ferramentas tecnológicas no trabalho, na diversão, nas relações pessoais e no estudo. A inteligência artificial (IA) que permite maior rapidez e qualidade em tudo, no entanto, não vai substituir o homem. É o que pensa a bióloga e doutora em Ciência da Computação, Thaís Gaudêncio, professora do Centro de Informática da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa. Ela não hesita quando reflete sobre o futuro: "ao homem caberá, sempre a decisão final de desligar o botão". Nessa conversa com **A União**, Thaís fala dos avanços no entendimento de como o cérebro humano funciona e de como esses estudos poderão abrir novas perspectivas para os pesquisadores conseguirem avanços cada vez mais consistentes na programação de máquinas, cujo objetivo sempre será dar qualidade e requinte ao homem. Ela não acredita que um dia a humanidade será governada por algoritmos, porque por traz da máquina sempre haverá um homem que poderá desligar o botão. Mas alerta para a dependência que estamos tendo da tecnologia e seus equipamentos ao lembrar de como há uma semana o mundo desesperou-se quando três redes sociais sofreram uma pane e ficaram fora do ar por várias horas. Thaís diz que a neurociência ainda não compreendeu totalmente os processos de funcionamento do cérebro, a comunicação entre os neurônios e os padrões da inteligência humana e que, por isso, não dá para se avistar uma luz no fim do túnel quando o tema é aonde poderemos chegar na relação entre homem e máquina. Um outro tema abordado por ela é a posição da Paraíba nesse contexto de desenvolvimento científico: "Estamos na vanguarda, com pesquisa envolvendo órgãos públicos, música e outras áreas do conhecimento. A gente sente mesmo, desde os órgãos públicos, muito empenho em entender que o futuro é tecnologia, é inteligência artificial", afirma.

> "Estamos melhores do que estávamos séculos atrás, mas podemos avançar ainda mais"

A entrevista

Professora, a realidade já está próxima da ficção científica quando o tema é a inteligência artificial?

Depende da ficção científica. Existem vários filmes e séries que tratam do assunto. Dos românticos aos mais distópicos possíveis. A série Black Mirror, por exemplo, em um dos seus episódios, trata da aquisição de um robô que "simula" o marido fisicamente e sua forma de agir. Essa possibilidade de conversar com uma namorada morta foi desenvolvida recentemente por um programador com IA, que apresentou para a máquina diálogos seus com ela, ensinando-a os padrões de suas conversas. Então a arte nos indica possibilidades e muitas delas, hoje, já começam a fazer parte de nossas vidas, como no desenho animado dos Jetsons.

Há autores, como o israelense Yuval Harari, que preveem um futuro com o homem se fundindo com a máquina?

Há muita gente na área de neurociências que trabalha com a interação homem/máquina e hoje já é uma realidade, quando você pensa nas próteses da bioengenharia. Uma mão mecânica, um braço, uma perna. Esses exoesqueletos têm um detalhamento na forma como ele interage com o ambiente. Tudo leva a um futuro onde a interação entre máquina e homem será muito maior e com mais qualidade, com refinamento e com as vontades do homem no controle da máquina para os movimentos finos também tendem a melhorar.

O que o senhora destacaria como o que lhe chama mais a atenção quando tratamos de IA, por exemplo, no dia a dia?

As possibilidades na área de biotecnologia e saúde merecem destaque pelo impacto que causam em nossa qualidade de vida. A descoberta recente da estrutura tridimensional das proteínas é extremamente promissora para a medicina e biologia. Além disso, é interessante interagir de forma cotidiana com as recomendações dos aplicativos ou com nossos assistentes pessoais e perceber os avanços nessas áreas.

Estamos próximos de ser governados por um algoritmo?

O apagão das três maiores redes sociais recente nos mostra que já temos uma grande dependência desses algoritmos. É interessante pensar que é uma dependência centrada em uma empresa privada. Qual seria o impacto de passarmos dias ou semanas sem essas ferramentas?

Será que até questões bem analógicas, como alimentar-se, fazer sexo ou curar-se de uma doença, poderão acabar sendo resolvidas digitalmente, com sensores captando sintomas e a IA encontrando as soluções necessárias para saciar a fome ou administrar um antibiótico?

Alimentar-se é um ato mecânico que exige a ingestão do alimento para a sua saciedade, assim como curar-se de uma doença, que necessita da interação molecular para regulação de algum processo. O sexo também é um ato mecânico, que proporciona estímulos. No entanto, alimentar-se também nos estimula sensações. Dessa forma, a IA pode, no futuro, nos ajudar a simular sensações de prazer nos humanos, uma vez que ela seja ensinada como isso ocorre.

Nessa relação com a máquina, o homem sempre poderá desligar o botão?

Sim, os donos dos algoritmos têm esse poder, no entanto, precisamos refletir sobre seu desejo de desligar e em que condições eles o fariam.

Não é fácil imaginar que as máquinas, com esse desenvolvimento a que chegamos e ainda chegaremos, poderão assumir todos os controles?

O controle e as decisões das máquinas são definidos e ensinadas, respectivamente, por quem as programa. Assim, a grande discussão atual deve estar em torno de quem define e como definem essas máquinas. Os homens são carregados de vieses: quais deles estão sendo apresentados para as máquinas? Quem controla as experiências ensinadas a elas?

A máquina um dia poderá sentir, ter essa característica que nos torna humanos?

Não. A máquina pode simular sentimentos ensinados pelos homens. Esses sentimentos, que também podem ser simulados por nós, podem causar essa sensação de humanidade, que é simplesmente a reprodução de um padrão ensinado.

Nos livraremos de problemas que nos acompanham desde os primórdios da humanidade, como doenças, fome e poder?

Não, eles continuarão conosco e talvez sejam agravados com a centralização, cada vez maior desse poder nas mãos dos poucos detentores dessas tecnologias.

A senhora é otimista em relação a esse futuro?

Sempre. Estamos melhores do que estávamos séculos atrás, mas podemos avançar ainda mais. Problemas como desigualdade social, saúde, principalmente mental, justiça e respeito, impactados, cada vez mais, pela tecnologia, precisam ser discutidos e enfrentados.

A máquina pensará ou apenas será capaz de repetir?

O próximo código a ser decifrado é o neural. Conseguimos aprender muito sobre o código genético, mas pouco ainda se sabe sobre os processos que ocorrem em nossos cérebros. Dessa forma, as máquinas seguirão repetindo padrões, pelo menos até o dia que consigamos saber, em detalhes, como esse órgão funciona, e assim, o ensinemos a elas.

Como criar padrões para a inteligência artificial, e cada ser humano é único e especial?

Aí se terá uma IA mais geral e treinar, especificamente, sua IA particular. Faça determinada coisa e grave. Do mesmo jeito que se interage com Alexa. Nossos dispositivos estão aprendendo padrões conosco. Será um padrão específico por pessoa.O futuro é por aí, mas mesmo na área da neurociência, muita coisa do cérebro ainda está sendo entendida.

A humanidade caminha para ser governada por algoritmos, por máquinas?

Essa pergunta e perfeita, quando na semana passada caíram as três principais redes sociais, no mundo, e as pessoas ficaram desesperadas. Talvez já estejamos sendo governados por algoritmos. Estamos alimentando as redes para tomar decisões, mas essas decisões, a escolha delas são programadores que estão fazendo. Toda inteligência artificial tem um programador por trás. A IA não toma decisão sozinha. Na minha concepção, as inteligências artificiais serão incapazes sempre. Precisam que alguém ensinem o que devem fazer a partir de uma sensação, de uma percepção.

Como na ficção de 2001 uma Odisseia no Espaço, sempre haverá um humano para desligar o botão?

Sempre haverá alguém para desligar o botão. O problema é quem controla o botão. Na pane das redes a gente viu que o Mundo estava desesperado – são algoritmos que controlam esses programas todos, mas tem uma pessoa, que pode desligar esse botão. O que é repetição, a máquina decide, mas o que for mais sério, a decisão sempre será do homem. Na verdade, o homem é quem toma a decisão. Não é para substituir o homem, mas para auxiliá-lo.

A Paraíba, como se enquadra nesse futuro de quase ficção da inteligência artificial?

A Paraíba me surpreende positivamente, porque está tomando a dianteira no sentido de entender a inteligência artificial e fazer uso dela nos seus processos. A Paraíba é extremamente vanguardista.

Que projetos estão sendo trabalhados, que a senhora destacaria?

A gente trabalha com a Secretaria de Fazenda do Estado, com a Secretaria de Segurança, com Educação, com o Tribunal de Contas. Trabalhamos com música, com paraibanos que abriram start up nos Estados Unidos. A gente sente mesmo, desde os órgãos públicos, muito empenho em entender que o futuro é tecnologia, é inteligência artificial.

Patrimônio

Fortaleza de Santa Catarina, em Cabedelo, atrai turistas de todo o país e recebe apresentações de teatro, música e danças populares. Página 6

Foto: Edson Matos

Fotos: Leydson Jackson

Campina Grande, uma cidade sentimento

História do município, que completa 157 anos de emancipação amanhã, envolve amor, acolhimento, orgulho e muito afeto

Ana Flávia Nóbrega
anaflavia@epc.pb.gov.br

A história de Campina Grande, desde os seus primórdios, envolve amor, acolhimento, orgulho e muito afeto. A cidade passou de rota de travessia para povoado, vila e cidade pela força de todos os sentimentos que, a partir desse chão, brotaram nos pioneiros que decidiram fincar suas raízes na Rainha da Borborema e escreveram as primeiras linhas dessa história.

Nos seus 157 anos de emancipação política, completados nesta segunda-feira, 11 de outubro, os sentimentos aflorados na crença de crescimento e importância dessa cidade estão ainda maiores do que antes. Isto porque, tanto para quem nasceu ou quem escolheu Campina Grande para viver, falar da cidade vai muito além do relato apenas, é sentimento, estado de espírito e fenômeno que forma e transforma identidades.

Campina Grande é hoje a segunda maior cidade da Paraíba, um polo de referência tecnológico para todo o país, protagonista na economia, figurando entre os maiores centros de investimentos e, claro, segue sendo a terra do Maior (e melhor) São João do Mundo.

Mesmo com toda essa importância palpável, são as entrelinhas cotidianas, escritas por quem tem Campina como lar, que descrevem a cidade. Nenhum campinense (ou campina-grandense), seja de nascimento ou de acolhimento, fala desse território sem amor. E é justamente por isso, que o município se transformou na potência que já é hoje e com projeções ainda mais positivas para o futuro.

Fora da cidade desde 2007, José Pereira, analista de sistemas e integrante do *podcast* Baião de Dois, sobre futebol nordestino, mora hoje em São Paulo, mas segue vivendo o sentimento sem fim que é ser de Campina Grande.

"Campina Grande possui uma aura diferenciada, não precisa viver para amar aquela cidade, basta conviver. Saber que aquela comunidade de tecnologias, Campina não é chamada de Rainha à toa, pois teve um papel fundamental na integração da Borborema", declarou José Pereira.

> "Os habitantes de Campina Grande são apaixonados por esta cidade! Acho que ninguém consegue explicar o que faz a Rainha da Borborema ser tão amada por quem aqui põe seus pés"

Nos últimos meses, José Pereira eternizou, em forma de tatuagem, cenários da cidade como uma forma de sempre recordar o seu lugar de pacata perceber que ser caminho de passagem para longas viagens poderia ser um motor de desenvolvimento é algo que muito nos orgulha e assim continuou sendo, fosse na época do algodão ou no desenvolvimento fato, enquanto não regressa, mesmo que apenas de passagem.

"Com o passar dos anos, a cada momento em que ponho os pés em solo campinense, eu me sinto lisonjeado por saber que encontrarei familiares e amigos da minha primeira parte da vida. Ali você tem tua primeira formação, seja ela pessoal ou de valores, é Campina quem te apresenta uma boa parte do mundo como ele é, repleto de virtudes e defeitos. É exatamente porque eu morei em Campina Grande que eu posso afirmar como a Paraíba tem um papel muito importante em um combalido Nordeste. É de explicar que o nosso interior é rico em diversos aspectos. Em outras palavras, Campina Grande tem participação direta na formação de qualquer indivíduo cujo nela foi criado", afirmou o analista de dados.

Para um dos idealizadores do Retalhos Históricos de Campina Grande, *blog* e páginas nas redes sociais que desempenham a função de resgate histórico e de memória da formação da cidade, Emmanuel Sousa, a paixão do campinense pela sua cidade é nítida, mas muito difícil de ser explicada.

"Os habitantes de Campina Grande são apaixonados por esta cidade! Acho que ninguém consegue explicar o que faz a Rainha da Borborema ser tão amada por quem aqui põe seus pés. Nossa gênese foi meio assim, não é?! Os tropeiros aqui pararam, certa vez, pararam novamente e nunca mais essa região parou de acolher as pessoas. Deve ser seu povo, deve ser seu clima, deve ser sua cultura... amor não se explica, se sente e se vive, intensamente", afirmou Emmanuel Sousa que também é contador e diretor financeiro da Secretaria de Finanças de Campina Grande.

Através do espaço criado em 2009, que tem também Adriano Araújo como idealizador, os editores do blog chegaram a parar por um ano, em 2014, mas a demanda da população de Campina Grande foi tamanha que a retomada veio, um ano depois, mesmo com as obrigações profissionais de ambos.

Amor que movimenta a Rainha da Borborema

A paixão do povo de Campina pela sua terra é capaz, até, de movimentar a economia e desenvolvimento da cidade. Através da linguagem do amor, a população, segundo Rosália Borges Lucas, secretária de Desenvolvimento Econômico da cidade, consegue trazer turistas e até novos habitantes.

"Esse amor que a gente tem é o que traz as pessoas e elas terminam voltando porque falamos de Campina Grande com sentimento, desde a feira central, nossos times, nossas músicas, artistas, nossa literatura de cordel, orgulho das nossas universidades e seus cursos... Temos amor genuíno. Campina Grande não é uma cidade, é um sentimento. Onde a gente vai, a gente leva esse sentimento. Onde estou, eu falo de Campina Grande e todo mundo da cidade é assim, do orgulho que temos de tudo", ressaltou a secretária.

Por conta desse potencial, Campina Grande, pela primeira vez na história, se colocou como destino turístico na maior feira de Turismo da América Latina, a Abav Expo & Collab, que aconteceu de 6 a 8 de outubro, no Centro de Convenções, em Fortaleza.

Miguel Ângelo Gomes, coordenador de turismo da cidade, afirma que a iniciativa, impressiona aos que chegam e conhecem a cidade por conta do sentimento impresso em palavras, gestos e acolhida do povo campinense.

"As pessoas ficam muito impressionadas e encantadas com a maneira com a qual nós nos apresentamos. Sempre que recebemos visitas técnicas, agentes de viagens ou mesmo turistas, ele se impressiona muito com o amor que temos por Campina Grande e essa essência é fundamental porque o primeiro turista da cidade é o cidadão, se o cidadão não conhece a sua cidade ele não vende, ele não fala bem. As pessoas precisam viver essa experiência que é Campina Grande. Experiência multissensorial, gastronômica, uma cidade encantadora. Quem conhece Campina não esquece jamais", declarou o coordenador.

Fruto da parceria da Prefeitura, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, com o Sebrae, o Destino Campina Grande amplia a valorização e a divulgação de todo o potencial turístico campinense e cidades vizinhas com características que valorizam a cultura, a gastronomia, o regionalismo e a natureza e os eventos realizados na cidade.

Miguel Ângelo Gomes reitera, ainda, o sentimento de ser Campina Grande. "Costumo dizer que Campina é uma cidade-estado, assim como eram as pólis gregas, uma cidade que tem uma certa independência e é uma cidade-estado de espírito, espírito do campinismo. Quando nós, campinenses, ouvimos pronunciar o nome de Campina Grande, somos provocados a sermos tão grandes quanto. O campinismo é o nosso sentimento, é o nosso orgulho", finalizou o coordenador.

Nesses 157 anos, a Rainha da Borborema e os seus nobres súditos são movidos pelo amor, sentimento que impulsionou e impulsionará a maior cidade do Agreste paraibano para seguir trilhando os rumos do desenvolvimento.

Continua na página 6

Campina Grande amplia a valorização e divulgação de todo potencial turístico

Fotos: Suplan

Obras de reforma do prédio onde vai funcionar o Escritório de Representação do Governo da Paraíba somam investimentos da ordem de R$ 2,8 milhões

Governo do Estado realiza obras e investimentos em CG

Ao longo de 2021, o governo reafirmou o compromisso e a importância da Rainha da Borborema com trabalho em toda a cidade

Ana Flávia Nóbrega
anaflavia@epc.pb.gov.br

Ao longo de 2021, o Governo do Estado da Paraíba reafirmou o compromisso e a importância da Rainha da Borborema no cenário estadual e regional. Inúmeros anúncios de obras, investimentos e iniciativas foram realizadas, entre eles, o projeto emergencial Prato Cheio, executado pelo Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano (Sedh), em parceria com a Arquidiocese da Paraíba. O projeto passou a entregar, ainda em abril, um total de mil refeições diárias, entre café, almoço e janta, para a população em situação de rua e de vulnerabilidade social.

A cidade também recebeu a expansão do Programa Integrado Patrulha Maria da Penha, com abertura do curso de formação para 50 profissionais, entre policiais militares e civis e integrantes das equipes multidisciplinares.

O Programa Integrado Patrulha Maria da Penha faz o monitoramento e acompanhamento das mulheres com medidas protetivas de urgência ou as que solicitaram medidas, além de oferecer atendimento multidisciplinar, com olhar focado para as mulheres saírem do ciclo da violência. Um projeto referência que cuida e garante vida de mulheres em todo o Estado. Atualmente, de acordo com a secretária da Mulher e da Diversidade Humana, Lidia Moura, a Patrulha passou a atender também mulheres da região polarizada por Campina Grande, compreendendo 34 municípios, no total.

Entre as obras, foram anunciados e colocados em prática, uma série de investimentos com a grandiosidade que a cidade merece. Em processo de análise de licitações, o Centro de Convenções de Campina Grande tem o investimento de aproximadamente R$ 113 milhões em um projeto que possibilitará a expansão da capacidade turistíca, de comércio e atração de novos negócios da cidade, com o recebimento de eventos de impacto nacional.

Do montante total investido, o Governo do Estado conseguiu R$ 40 milhões viabilizado pela Caixa Econômica Federal, além de R$ 48 milhões em emendas parlamentares e outros R$ 72 milhões serão de recursos do tesouro estadual para executar a obra. O projeto foi apresentado à sociedade campinense no ano passado e será construído em uma área de 75.825,76m², com espaço físico de 18.102,99m². O equipamento contará com Feira de Eventos, Auditório, portarias, heliponto, Praça das Bandeiras e amplo estacionamento com 578 vagas. Segundo, Simone Cristina Coelho Guimarães, superintendente da Suplan, as obras têm previsão para serem iniciadas para o dia 5 de novembro.

Em andamento, a reforma de um prédio do Estado, localizado nas proximidades da antiga Estação Ferroviária, onde funcionará o Escritório de Representação do Governo da Paraíba, faz parte dos investimentos estaduais na cidade. No local irão funcionar a Procuradoria Geral do Estado, a Agevisa, o Gegov, o Orçamento Democrático, além dos gabinetes do governador e da vice-governadoria. As obras de reforma e adequação do prédio somam investimentos da ordem de R$ 2,8 milhões. A entrega será realizada em fevereiro de 2022. Em janeiro, o governador João Azevêdo autorizou o início das obras do Arco Metropolitano Leste de Campina Grande, que irá interligar diretamente as rodovias BR-230, BR-104 e PB-095, numa extensão de 6,4 Km. O investimento de R$ 17,6 milhões, oriundos do tesouro do Estado, irá contemplar diretamente 650 mil paraibanos.

A obra tem como objetivo principal facilitar a vida de quem vai para a região do Brejo e precisa utilizar o trânsito urbano da Rainha da Borborema. Dessa forma, caminhões e carretas que utilizam as vias urbanas da cidade passaram a utilizar a alça, desafogando o perímetro de Campina Grande. Além disso, a obra beneficiará melhoria da mobilidade urbana, redução do tempo de deslocamento das pessoas e dos índices de acidentes de trânsito e a promoção do desenvolvimento e elevação da qualidade de vida da população.

Os serviços em execução são de terraplenagem em cortes e aterros, desmonte de rocha, implantação do sistema de drenagem para escoamento de águas pluviais, construção de um viaduto sobre a BR-104, pavimentação em concreto asfáltico, sinalização horizontal e vertical, colocação de defensas metálicas, recuperação de áreas degradadas e paisagismo. Com raízes no saudosismo de outrora, em virtude da tradição junina, os investimentos refletem a face futurística da cidade, com uma projeção ainda maior dessa capacidade de enxergar mais longe. Através da participação popular pelo Orçamento Democrático Estadual, Campina Grande recebeu a ponte que interliga os conjuntos habitacionais Raimundo Asfora e Acácio Figueiredo. Outras reformas no ano ocorreram no Hospital de Emergência e Trauma, pavimentação, quatro ginásios no programa Bom de Bola e Centro Integrado de Comando e Controle.

Na celebração do 157º aniversário, Campina Grande ganha presentes

Na última sexta-feira, em cerimônia comemorativa em alusão ao aniversário de 157 anos de emancipação, o governador João Azevêdo inaugurou o novo Centro de Controle Operacional Simão Almeida, da Cagepa. E autorizou as licitações para obras no esgotamento sanitário do Bairro do Cruzeiro e Jardim Tavares, melhoramento do sistema de esgotamento sanitário do Distrito de Galante. E ainda, autorização de licitação do sistema de abastecimento de água do Distrito de Catolé de Boa Vista e Zona Oeste de Campina Grande.

No Hospital de Clínicas, obra do Governo do Estado com entrega em 2020 e atuação exclusiva no tratamento da covid-19, João Azevêdo assinou convênio com o Hospital da FAP no valor de R$ 5 milhões e entrega de três novas salas de cirurgia. O hospital, anunciado e inaugurado no contexto da pandemia, é referência no tratamento da doença e passou a ser espaço que atende a Rainha da Borborema e mais 69 cidades para especialidades diversas e cirurgias eletivas. Mais de 2 mil pacientes receberam alta. Também foram anunciadas a ordem de serviço para a implantação do Centro de Atendimento ao Autista, implantação do Escritório Social e convênio com a APAE para a construção de ginásio adaptado para pessoas com deficiência. Também foram entregues a pavimentação de vias no bairro das Malvinas e ordens de serviço para a pavimentação de ruas do Mutirão, no Serrotão, no Ligeiro e manutenção do Parque do Bodocongó.

Para a educação, a Universidade Estadual da Paraíba recebeu o convênio no valor de R$ 9.565.000 para a aquisição e implantação de laboratórios para o ensino técnico e tecnológico, além do lançamento do edital, no valor de R$ 5 milhões, para o Centro de Laboratórios Multiusuários para pesquisadores em áreas estratégicas para o desenvolvimento do estado da Paraíba. Autorizou também a licitação da nova Escola de Ensino Médio e Integral com Ginásio de Esportes para o conjunto habitacional do Aluísio Campos e da Escola José Jofilly, antigo CAIC, no bairro das Malvinas.

Foto: José Marques/Secom-PB

João Azevêdo visitou a cidade, inaugurou obras, autorizou licitações e assinou convênios

Fotos: Edson Matos

Fortaleza de Santa Catarina atrai turistas de todo o país

Monumento histórico, localizado em Cabedelo, recebe também apresentações de teatro, música e danças populares

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Mais de 36 mil pessoas visitam por ano a Fortaleza de Santa Catarina, no município de Cabedelo, na Região Metropolitana de João Pessoa (números anteriores à pandemia). A maioria delas, é da região Nordeste, mas os moradores do Sudeste também estão entre os principais visitantes. Os dados são da Fundação Fortaleza de Santa Catarina, e conforme o presidente da fundação, Osvaldo Carvalho, os desafios do local hoje são: atrair público e fazer a manutenção adequada deste patrimônio histórico.

Segundas, quartas, sextas e sábados são os dias com mais visitantes. Entre os meses de outubro e fevereiro (principalmente janeiro e julho que são meses de férias) o movimento cresce. Porém, de abril até setembro que é uma época mais chuvosa, o público é menor e, além disso, a vegetação cresce rapidamente, prejudicando a visão do forte e aumentando as despesas com limpeza. Por essa razão, a parte externa do forte é uma preocupação frequente do grupo que cuida do local.

Antes da pandemia, a meta da administração do forte, era atingir 60 mil pessoas entre visitantes e convidados de eventos. "Cerca de 70% dos eventos realizados são gratuitos. Dos visitantes, aproximadamente 60% são nordestinos, depois vem a região Sudeste e a Sul. O Norte tem uma representação menor (3%). Mas esses números estão crescendo", detalhou o presidente da fundação.

Diversas atividades ocorrem no espaço, tais como apresentações teatrais, musicais, artes plásticas, danças populares, capoeira, dentre outras. Assim, o turista pode, além de contemplar a estrutura, ver peças em azulejos e cerâmica, retratando fatos da história do Brasil, além de exposições sobre canibalismo no país (em uma antiga prisão); fortes, fortalezas, fortins e eventos militares (na casa da pólvora); pesca da baleia, cujo material foi levado para mostrar a finalidade da atividade, (canhão, peças da baleia, etc) e artesanato local (com a Associação dos Artesãos de Cabedelo).

Muitos objetos foram doados ao arsenal. Outros, estão lá apenas para visitação por tempo determinado. Logo na entrada, está a capela da época de sua fundação, inclusive anterior à invasão holandesa, já que este povo era protestante. "O nome da fortaleza não é homenagem a Santa Catarina de Alexandria, é em homenagem a Dona Catarina de Bragança, neta de Dom Manoel I", conta Osvaldo da Costa.

Vizinho à capela estão as antigas prisões. No forte, ainda foram construídos no Brasil Colônia: a casa do capitão-mor, armazém, quartéis ou alojamentos de soldados, casa da pólvora (onde ficava a munição), alojamentos dos oficiais, casa do comandante e uma espécie de túnel que dava acesso ao Rio Paraíba.

E é na casa do capitão-mor, que está exposta a pedra do frontão da fortaleza, do século XVII, que fazia parte da entrada do monumento. É uma pedra com aproximadamente 1,20 metro de comprimento por 60 centímetros de largura que faz parte do acervo permanente do Museu Histórico Nacional e está no forte paraibano por uma espécie de empréstimo, pois não foi possível a doação.

São vários grupos que transformaram a fortaleza em um centro de atividades culturais. Desta forma, estão presentes o grupo folclórico da Nau Catarineta, o projeto Arte e Cultura Catarina, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a Paixão de Cristo, na Semana Santa, a Semana do Folclore, o Alto de Natal e outros.

Aberto de domingo a domingo das 8h30 às 17h, os guias oferecem informações históricas e algumas empresas de turismo, levam turistas para visitas guiadas. Segundo o gestor, são altos os custos de manutenção e é grande a necessidade de preservação das peças que refletem o patrimônio histórico brasileiro. "A Fortaleza de Cabedelo é conhecida mundialmente, um patrimônio histórico tombado. A maior preocupação, além da manutenção é trazer mais divulgação para Cabedelo que, junto com João Pessoa, Lucena e Santa Rita são cidades que pertencem ao estuário de defesa do Brasil Colônia", reforça o representante da fundação.

Parte do acervo do Brasil Colônia não pôde ser mantido, pois quando a fundação iniciou a administração do local (em 1992) este era praticamente abandonado, com áreas invadidas e salas quebradas. Hoje, diversos itens são preservados a exemplo de salas, locais de exposições e outras partes. Para o gestor, a finalidade da fortaleza é social, educacional e cultural e, por isso, a prioridade não são os eventos lucrativos - embora sejam realizados - mas sim a arte e a cultura, principalmente locais. "Misturamos a arte, teatro e cultura para que seja um ambiente vivo, não apenas de exposições, dando uma visão dinâmica da cultura", justificou Osvaldo Carvalho.

Ministério tem proposta para concessão à iniciativa privada

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional na Paraíba (Iphan-PB) é responsável pela administração legal do forte, também mantido pela Fundação Fortaleza de Santa Catarina desde dezembro de 1992. Apenas em 1995, é que a fundação veio a substituir, a Associação Artístico Cultural de Cabedelo, instituição que abriu a fortaleza à visitação pública, em 1991.

A entidade foi criada a partir de um protocolo de intenções entre o então Ministério do Exército e a Secretaria de Cultura da Presidência da República e hoje, o Iphan zela pela inalterabilidade das características do patrimônio junto à fundação.

Uma subcomissão regional do Exército originou a fundação, junto a um grupo de moradores de Cabedelo e o movimento artístico e cultural. No início dos anos 1990, o forte estava invadido por pessoas que tinham depredado, retirado materiais e descartado peças arqueológicas captadas durante a restauração iniciada em 1970. "No final dos anos 1940 até 1970, ela ficou em ruínas. Foi feita a restauração em 1970 que durou 20 anos. Na década de 1990 foi abandonado porque a empresa que estava restaurando encerrou o contrato. Assim, houve uma invasão de moradores de rua", lembra o diretor administrativo da Fundação Fortaleza Santa Catarina, Tadeu Patrício.

A fundação mobilizou a comunidade e o Iphan declarou em documento que a entidade era guardiã da fortaleza. E através de negociações, os invasores saíram da área. "A associação começou a dar notoriedade ao forte, chamando a população, para que entendesse que ali tem um patrimônio", comentou o presidente da fundação.

Uma sala foi separada para guardar os itens encontrados e evitar a depredação como garrafas de porcelana e balas de canhão. "Tentamos trazer mais o público. Muita coisa que a associação pegou na época e tinha sido jogada fora como materiais arqueológicos, trouxemos de volta para a fortaleza, guardando e arrumando dentro do conhecimento que a gente tinha", acrescenta o dirigente.

A energia e a água foram reinstaladas e hoje estas despesas são pagas pelo Governo do Estado. O local é conservado, através da ajuda de voluntários. Muitos não são da fundação, mas, segundo os diretores, estão ali pela continuidade da memória histórica. Os recursos são obitdos a partir de duas fontes financeiras em especial: a caixinha na entrada (R$ 2 inteira e R$ 1 meia) e os aluguéis para casamentos, aniversários, colações de grau e outros eventos.

Estudos

O Ministério do Turismo possui uma proposta de concessão de gestão para a Fortaleza de Santa Catarina que, neste caso, passaria a ser administrada por uma empresa privada. De acordo com o superintendente do Iphan-PB, Hyago Celane, ainda serão iniciados os estudos de viabilidade sobre as potencialidades do imóvel e não existe data prevista para as primeiras etapas.

O projeto faz parte do Programa Revive e tem um investimento estimado em US$ 500.000, aproximadamente R$ 2.457.150,00. Porém, a direção da fundação acredita que esta seria a entrega do patrimônio histórico à iniciativa privada. Por isso, defende a gestão compartilhada, isto é, o Governo Federal, Estado, município e empresas iriam colaborar para a conservação do monumento.

Com o patrimônio preservado, a Fortaleza de Santa Catarina está aberta para visitação pública de domingo a domingo das 8h30 às 17h

Foto: PMPJM

Poço de José de Moura festeja seus 27 anos de emancipação

Município, que comemora aniversário de fundação na terça-feira, tem na agricultura familiar sua principal fonte de renda

José Alves
zavieira2@gmail.com

O município Poço de José de Moura, localizado no Alto Sertão da Paraíba, a 540 quilômetros de João Pessoa, estará comemorando aniversário de Emancipação Política (27 anos), na próxima terça-feira (dia 13). Em comemoração à data, a prefeitura local programou 10 noites de festa com apresentações de bandas musicais e de grupos de forró pé de serra. Na mesma data a população também comemora o aniversário do padroeiro da cidade, São Geraldo Marjella que dá nome a igreja matriz. Este ano, a festa comemorativa foi iniciada no último dia 6, na Praça O Juareizão e se estenderá até o dia 16 deste mês.

Segundo informações da secretária de Turismo da cidade, Cíntia Mayara Linhares de Oliveira, a agricultura familiar é a principal fonte de renda e atividade econômica da comunidade, juntamente com a culinária e o artesanato de retalhos de tecidos. O prato mais cobiçado pelos visitantes é o famoso baião de dois com torresmo ou tripa. Outro prato bastante apreciado no município é o mugunzá, além do bolo de milho.

Aquisição de alimentos

Em razão da pandemia, diversas famílias de agricultores da cidade estão sendo beneficiadas pelo Governo do Estado, através do Programa de Aquisição de Alimentos na modalidade Compra com Doação Simultânea (PAA-CDS). Através desse programa, as famílias de agricultores em situação de insegurança alimentar e nutricional de diversos municípios do estado, estão recebendo gratuitamente produtos da agricultura familiar.

> Em razão da pandemia, diversas famílias de agricultores da cidade estão sendo beneficiadas pelo Governo do Estado

Poço José de Moura se localiza na Região Geográfica Imediata de Cajazeiras. Possui uma área territorial de 100,971 km^2.

A cidade tem como municípios vizinhos: Triunfo, Catingueira e São João do Rio do Peixe e fica a 35 km de Cajazeiras a maior cidade nos arredores. Um destaque da cidade de Poço José de Moura é que a maioria das ruas é calçada, segundo a secretária da Cultura, um orgulho da população para com o atual prefeito Paulo Braz (Cidadania).

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município tem uma população estimada para este ano de 4.366 habitantes, que se intitulam "pocenses", sendo a maioria frequentadores da religião católica. O salário médio mensal dos trabalhadores formais em relação a população (11.2%), é de 1,8 salários mínimos. No que dis respeito a educação, em Poço José de Moura, 98,5% da população na faixa etária entre seis e 14 anos está em sala de aula.

Memorial é ponto turístico da cidade

O principal ponto turístico da cidade é o memorial Zé de Moura, que funciona como um museu que preserva os objetos que pertenceram ao fundador da cidade. O memorial foi criado, em 2006, e recebe visitas de turistas e de escolas através de agendamento para levar seus alunos a fazerem pesquisas.

No prédio, os visitantes conhecem praticamente todos os itens que pertenceram a José de Moura. São centenas de objetos que contam a história dele, que se confunde com a história da cidade. São mais de 200 objetos espalhados num espaço de mais de 100 metros quadrados. No memorial, há fotos, escritos e objetos que pertenceram ao homem que deu origem a cidade. Três funcionários são os responsáveis pela recepção e manutenção do espaço.

O projeto de reforma do memorial, segundo a secretária da Cultura, já está com a Prefeitura de Poço de José de Moura. Além da reforma, a proposta é ampliar o ambiente para melhor acolher os visitantes. O projeto está entre as 29 proposituras apresentadas recentemente e que concorrem na busca de recursos do Fundo de Direitos Difusos da Paraíba (FDD-PB) financiados pelo Ministério Público da Paraíba (MPPB).

Cíntia Oliveira destacou que o Memorial tem uma imensa importância para a população local, porque é onde está arquivada a história do lugar e de seu fundador. O Memorial fica aberto ao público de segunda a sexta-feira, das 7h às 12h e das 13h às 17h. Nos finais de semana, só quando há algum evento especial. A entrada é gratuita.

Outros pontos da cidade que são paradas obrigatórias para os turistas são a Igreja matriz São Geraldo Marjella que foi construída há décadas, a Praça do Bode e a Cacimba do Gado, locais que deram origem a cidade. Segundo informações da secretária de Cultura, tanto a Praça do Bode como a Cacimba do Gado ficam praticamente em um mesmo espaço e atraem centenas de turistas todos os anos. A principal banda de música da cidade é uma atração à parte e existe há mais de 60 anos.

Foto: Reprodução

Poço de José de Moura também está comemorando o aniversário do padroeiro da cidade, São Geraldo Marjella, que dá nome à igreja matriz

Misticismo e a procura por conselhos e curas

Antes de se tornar município, as terras de Poço de José de Moura, pertenciam a uma mulher chamada Tomásia de Aquino, uma solteirona que morava na cidade de Icó, no Ceará, e era proprietária da margem direita da cidade. Ela mandou um vaqueiro até lá com o seu rebanho em busca de água – a seca castigava na época – e, naquelas terras, ela encontrou um oásis, havia água por lá. Por isso, inicialmente, o lugar foi chamado de Poço. O vaqueiro era o tataravô de Zé de Moura e o ano era 1824.

Além da criação de gado, a agricultura começou a se expandir naquela área, e foi nesse contexto que Zé de Moura nasceu, em 13 de outubro de 1888. Foi ele o fundador da cidade que ganhou seu nome. "Zé de Moura tinha um lado místico, de oração, e as pessoas sempre iam lhe procurar para pedir conselhos e curas. "Era vidente, um João de Deus do bem".

Na época, o local ficou bastante conhecido pelos viajantes que diziam: vamos para o Poço de Zé de Moura. E foi assim que o local ficou conhecido. Zé de Moura era uma pessoa inteligente e não cobrava nada, mas o povo era generoso. E ele investia tudo na comunidade. Entre seus feitos estão a construção da igreja e de casas para a população.

Brincantes no centro

Hoje, Grupo Rói Rói apresenta espetáculo com brincadeiras populares de antigamente na Casa da Pólvora, no Centro Histórico de João Pessoa. Página 12

Foto: Divulgação

Campina Grande é uma 'musa' da inspiração artística no Estado

Celebrando seus 157 anos amanhã, uma das principais cidades da Paraíba é berço de vários profissionais da cultura

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

Foto: Roberto Guedes

Monumento 'Farra da Bodega', obra do artista campinense Joás Pereira Passos: as 'realezas' Gonzagão e Jackson do Pandeiro dando o tom para a 'Rainha da Borborema'

Além de ser reconhecida no Brasil e em âmbito internacional como polo tecnológico, a cidade de Campina Grande – que celebra 157 anos de emancipação política amanhã – também se destaca na cultura, pois é berço de nomes expressivos que atuam nessa área, como acolhe os que chegam para militar no segmento, mantendo com todos eles uma relação de afeto, num grau que leva a Rainha da Borborema a ser motivo de inspiração para a produção de suas obras.

"Campina Grande é uma das grandes inspirações que tenho na escrita. A cidade é um grande ser vivo, as ruas são as rugas por onde as pessoas passam e procuro captar toda essa essência e o seu desenvolvimento histórico", confessou o cronista e historiador Thomas Bruno Oliveira. "Nas minhas crônicas, procuro registrar detalhes, minúcias da cidade, que o cidadão que passa apressado, por causa do corre-corre, e não se apercebe, para ficar documentado para a posteridade. Esse meu olhar não se dá apenas com relação a monumentos – a exemplo do monumento aos pioneiros, que representa o catador de algodão, o tropeiro e o indígena Ariú, às margens do Açude Velho – como também a pessoas".

Thomas Bruno comentou que também busca registrar aspectos da vida cotidiana. "A cidade está se colorindo, com a primavera, e, às vezes, as pessoas não percebem. Recentemente, escrevi sobre a destruição do patrimônio. Muitos prédios têm sucumbido e uma cidade que não valoriza sua história não vai ter um futuro melhor, não vai para frente se esquecer do passado", disse o escritor, que também é colunista de **A União**.

"Tenho paixão por Campina Grande. Costumo dizer que alguém pode até gostar de Campina igual a mim, mas não mais do que eu, porque todas as minhas raízes estão representadas aqui, onde me formei, constitui família e aprendi fotografia", confessou Jorge Barbosa, que já fez exposições com imagens da cidade. "Já morei em cidades do Brasil e até do exterior, como EUA e Austrália, mas Campina Grande é a cidade que gosto mais de fotografar", observou.

Dentre as exposições que tem Campina Grande com o modelo, Barbosa realizou *Campina 153*, em 2017, no Museu de Arte Assis Chateaubriand, e *Déco em Movimento*, entre julho e agosto passado, na galeria de arte do Teatro Municipal Severino Cabral. "Tenho um amor por Campina Grande que não sei explicar com palavras, mas apenas através de fotografias", disse o profissional, formado pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Fundadora da Fundação Artística Cultural Manuel Bandeira (Facma) e presidente da primeira seccional do Pensamento, Estudo e Nacionalidade (PEN) da Paraíba, a escritora e professora Elizabeth Marinheiro afirmou que o seu amor por Campina Grande "está definido" na ação literária que tem desenvolvido, ao longo dos anos. "É uma metáfora do meu amor pela cidade, que me inspira para escrever algumas crônicas e se caracteriza pela afetividade e o acolhimento dos campinenses", observou ela, que também costuma escrever inspirada pela observação da natureza.

"Sou apaixonada e Campina Grande é minha vida, cidade pela qual tenho loucura e admiração. É uma cidade guerreira, que tem potencial de criação muito grande. Dei minha vida a essa cidade", apontou a professora Eneida Agra Maracajá, fundadora e diretora do Festival de Inverno de Campina Grande e que dirigiu o Teatro Municipal Severino Cabral por duas vezes. Considerada uma ativista na área da cultura, ela destacou o evento. "A cidade é um celeiro de produção cultural e o festival representa o poder da resistência, que existe há 46 anos e é o único do gênero, no Nordeste", disse ela.

Eneida Maracajá ainda ressaltou que, além de administrar o Festival de Inverno de Campina Grande, o Instituto Solidarium, instalado na Casa Memorial Severino Cabral, desenvolve, desde 2005, projetos de caráter permanente de ações culturais e educacionais, no intuito de ser um polo de formação para crianças, jovens e adolescentes. A ativista cultural informou que um exemplo é o projeto 'Tamanquinhos das Artes', voltado para crianças em estado de vulnerabilidade social, com a oferta de oficinas de dança, música, teatro, artes plásticas e criação de brinquedos, a partir do aproveitamento de material reciclável.

"A cultura tem que estar vinculada à educação", resumiu Eneida Maracajá, acrescentando que, além do Teatro Severino Cabral e a Casa Memorial, a cidade ainda tem outros espaços de referência para a cultura, como o Cine-Teatro São José e o teatro da Unifacisa. A propósito, a ativista lembrou a dramaturga, poetisa e pesquisadora Lourdes Ramalho (1920-2019), que nasceu no Rio Grande do Norte, mas radicou-se em Campina Grande, onde morreu. "Foi uma forte referência e contribuiu muito para a cultura da cidade, onde recebia, em sua casa, na qual fez um teatrinho, algumas pessoas que vinham participar do Festival de Inverno. Consagrada e premiada, sua obra não se restringiu somente ao regional", afirmou ela.

Natural da cidade de Catolé do Rocha, o cineasta e produtor cultural Hipólito Lucena está radicado na cidade há quatro décadas e já se considera um campinense por adoção. "Campina Grande me deu régua e compasso para a minha formação acadêmica e cultural", disse ele, que é o coordenador-geral do Festival de Cinema Comunicurtas e diretor da TV UEPB. "Tenho amor e paixão pela cidade, que é acolhedora, criativa e onde se encontra de tudo", confessou ele, que já atuou pelo grupo de danças folclóricas Tropeiros da Borborema, com o qual se apresentou pelo Brasil e em nove turnês internacionais.

Há duas décadas, Hipólito Lucena vem atuando na área do audiovisual, movido pelo desejo de registrar os seus trabalhos. Além de filmes, ele realizou de 2014 a 2017 a série documental *Memórias Culturais da Borborema*, composta por 12 filmes que registram poetas e personalidades famosas e anônimas, como o músico Duduta, a artesã de renda Labirinto Toinha do Ingá e a professora Lenira Rita, precursora das quadrilhas juninas em Campina Grande. Em parceria com o professor da UFCG, Jorge Ribbas, criou o programa *Poemas*, websérie que exibiu 102 edições de 2015 a 2019, registrando a memória musical de Campina. Em novembro, ele pretende retomar a terceira temporada do programa *Luar*, baseado na vida e obra de Luiz Gonzaga e sua relação com a cidade de Campina Grande, com exibição pela TV UEPB.

Fundador e diretor da Companhia Raízes, Ronildo Cabral testemunhou o grupo campinense apresentar danças populares nordestinas em países como a Bélgica e França. "Nosso símbolo maior e o que nos marca é o monumento aos pioneiros no Açude Velho, que é a nossa logomarca. Nossas produções são inspiradas no Nordeste e em Campina Grande e é com amor e orgulho que retratamos e divulgamos a história da cidade para onde vamos nos apresentar", analisou.

O artista visual Jorge Elô é paulista, mas está radicado em Campina Grande desde os 13 anos de idade, e é o coautor, com o artista visual Cândido Freire, da escultura em homenagem ao vendedor de rapadura João Carga D'água, líder, na cidade, da Revolta do Quebra-Quilos, ocorrida de 1874 a 1875 e que se opunha às mudanças introduzidas pelos novos padrões de pesos e medidas do sistema internacional, então recém introduzidas no Brasil. "A obra foi criada para comemorar os 150 anos de Campina Grande e, para tentar representar a fisionomia o mais próximo possível, fizemos pesquisas com os descendentes".

Outro que se declara um apaixonado pela cidade é o presidente da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG), Thélio Farias. "Tenho um livro de poemas, *20 poemas de viagem e uma canção de chegada*, no qual dedico à Campina os versos do retorno, do reencontro com o lar, ressaltando o aconchego e o carinho da cidade. Campina é inspiração para poetas, escritores, cantadores e sonhadores. Terra de inventores. Terra de tropeiros. Terra inventiva. Local de magia e de realidades fantásticas", enalteceu ele.

"Lembro que José Américo ressaltava: 'Campina se parece com tudo, mas, ao mesmo tempo, não é igual a nada'. Gilberto Gil falou que 'Campina tem vontade e anseio de ser Nova York', pelo aspecto cosmopolita e símbolo de modernidade. Em outro livro, que irei lançar em 2022, *É Caminhando que se Faz o Caminho*, trarei crônicas de viagem pelo mundo. Eu menciono uma frase de Assis Chateuabriand, ao ser perguntado sobre as mais belas cidades do mundo: 'Campina Grande e Paris!'. Então, a força do trabalho, o povo e o espírito ousado de Campina foram e é inspiração para meus livros e minha vida", afirmou Thélio Farias.

Foto: Roberto Guedes

Foto: Divulgação

Foto: Jorge Barbosa/Divulgação

Teatro Municipal Severino Cabral (E), que abriga espetáculos e eventos como o Festival de Inverno; painel 'Presente, Passado, Futuro' (C), de Jorge Elô, para os 150 anos de CG, em 2014; foto da mostra 'Déco em Movimento' (D), de Jorge Barbosa

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Capitalismo financeiro

Nas últimas décadas a taxa de crescimento na economia capitalista está em declínio. A menor expansão do capital significa menos lucro.

Isso se explica em grande medida pelo excesso da capacidade produtiva instalada. Especialmente nos países de capitalismo central, que investiram pesado durante anos no desenvolvimento técnico-científico.

O problema é que o sistema capitalista tem a necessidade vital de expansão.

Essa expansão depende diretamente do circuito de realização do capital: Dinheiro-Mercadoria-Dinheiro. Isto é: os capitalistas precisam comprar força de trabalho e meios de produção que, a partir de um processo produtivo, levará à construção de mercadorias que serão vendidas no mercado e que vão garantir a realização do capital.

Tal processo é motivado pelo lucro. O capitalista industrial utiliza o capital dinheiro para produzir mais-valia. Essa é a base do modo de produção capitalista.

O que condiciona o investimento, no entanto, é a perspectiva de lucro. Todo investimento depende sempre de demanda ou de expectativa de demanda.

De 1960 a 2020 a média de investimento privado líquido em manufatura caiu pela metade.

A China é o ponto fora da curva. Ela cresce de modo sustentável, o que garante que o capital continue se expandindo. Em contrapartida, as taxas de investimento dos países ricos na economia real, produtiva, são bastante inferiores.

As economias capitalistas desenvolvidas se expandiram profundamente em comparação às economias periféricas. Para que elas continuem a se expandir é preciso de uma demanda cada vez maior. Não é possível ao sistema um retorno a níveis menores de demanda.

Historicamente os países centrais do capitalismo utilizaram dois meios para possibilitar essa expansão: imperialismo e o estímulo ao consumo interno, geralmente fomentado pelos gastos governamentais.

Outra alternativa encontrada pelos capitalistas é a financeirização, que se tornaria uma forma dominante a partir da segunda metade do século 20. Com a financeirização, os capitalistas apostam numa realização expandida do capital no futuro. O que é desarrazoável, considerando os problemas estruturais que impedem a realização plena do capital.

Em tese, os ganhos obtidos no mercado de ações estão relacionados com as expectativas de ganho reais das empresas no futuro. Com a financeirização, isso desaparece porque a lógica passa a ser a condição monopolística da empresa em meio à estrutura interligada do capital financeiro.

Marx chamava esse capital de capital fictício. Ele tem um custo para o sistema e uma propensão a criar bolhas e crises econômicas.

A crise do subprime de 2008 é um exemplo.

Quando as crises ocorrem, os Estados Nacionais entram em cena para salvar os grupos monopolistas. As crises trazem junto mais desigualdade e pobreza. O governo dos EUA injetou cerca de um trilhão de dólares para salvar o seu sistema financeiro, gerando um excesso de liquidez. Ao mesmo tempo que se observou um aumento do desemprego e da pobreza.

É certo que o capitalismo depende dos mesmos meios de expansão e que esses sofrem uma saturação. Esse impasse estrutural deixou o capital dependente de um tipo de crescimento que depende da geração de crédito pelo Estado.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Viva a música!

A coluna Estética e Existência convidou e agradece a mestra Liana Justus a contribuir nesta coluna de hoje. Ela é autora de 11 livros sobre música clássica.

Dizem que a música nos conecta ao universo. Seria por que as inteligências humanas utilizaram os sons da natureza e quiçá do espaço para transformá-los segundo uma estética humana? Talvez seja esse o elo com o etéreo. A música clássica repete essa ligação quando começa a se estruturar a partir da expansão do cristianismo, tornando-se o sustentáculo musical sacro à nova religião que surgia e se firmava. Assim, as bases dessa arte maravilhosa estão na jovem música sacra do cristianismo primitivo.

Nestes últimos 1500 anos, a música caminhou em constante e crescente complexidade e sua trajetória evolutiva tem um marco muito importante: a escrita da música em uma partitura. Esta surge quando monges italianos católicos colocam sinais gráficos nos textos dos cantos, como um recurso para a memória ao executá-los. Ao ser registrado numa partitura, o som transcende sua efemeridade e se concretiza, tornando-se fonte e objeto de estudo e de pesquisa.

Foi necessária a chegada dos séculos 7, 8 e 9 para que fossem dados os primeiros passos para uma escrita musical que revolucionaria a música, transformando-a em arte. A partir de então, nasce a música ocidental, a clássica que vai se inserindo em relevantes acontecimentos históricos, relacionando-se com a pintura, a literatura, a arquitetura e com os pensamentos filosóficos de todas as épocas, catalisando uma vasta amplitude de conhecimentos, sentimentos e de experiências culturais. Ao pensar nessa amplitude de sentimentos, conhecimentos e de experiências culturais e sensoriais, não há como não relacioná-la à minha história pessoal... Nascida em um lar musical onde as reuniões se realizavam ao som do acordeom do meu pai, com suas composições e valsas vienenses, ou dos discos de acetato de sua coleção com as maravilhosas interpretações dos tenores italianos Enrico Caruso (1873-1921), Beniamino Gigli (1890-1957) e a escuta de muita música clássica, fui levada, aos cinco anos de idade, a iniciar meus estudos de piano. Assim, a música entrou em minha vida e nunca mais saiu! Com o tempo, veio o desejo de compartilhar esse grande amor pela música, o que me levou a criar cursos com o objetivo de formar plateias de música clássica, sempre motivada por minha experiência

Foto: Divulgação

"No mundo da música, tão importante é o preparo do público para assistir aos concertos", diz Liana Justus

em frequentá-las e por perceber e sentir as dúvidas e as limitações que impediam as pessoas do pleno desfrute dos concertos, que só se tornam plenos quando há conexão entre os músicos e a plateia numa energia única.

No mundo da música, tão importante quanto a formação de bons profissionais é o preparo do público para assistir aos concertos. Muitas pessoas deixam de desfrutá-los por absoluto desconhecimento. Muitas vezes, pequenas dúvidas costumam inibir aqueles que gostariam de frequentar as salas de concerto e de conhecer mais sobre música clássica. Gostar ou não de uma obra de arte não é apenas questão de opinião, mas também de informação, ou, o que é mais grave, da falta desta. Isso porque a ausência de referências culturais priva grande parte do público da experiência única proporcionada pela obra de arte musical. Todas essas reflexões despertaram em mim o sentimento de estar realizando uma missão, a que me dedico há mais de 27 anos, por meio de cursos e de palestras com o intuito de compartilhar conhecimento sobre a música clássica e de motivar e formar novas plateias. Para tanto, proporciono às pessoas a criação de um referencial estético musical de qualidade e moderno, por meio da escuta das melhores interpretações consagradas pela crítica.

Vivemos uma época áurea na música clássica em virtude da grande qualidade musical atingida por orquestras e intérpretes atuais. As técnicas virtuosísticas e expressivas evoluíram muito, desenhando um cenário interpretativo não alcançado até então. No decorrer dos últimos 1500 anos, seres humanos especiais com muita inspiração e talento organizaram e transformaram sons em belas melodias e harmonias, reforçando nossa conexão com universo. Muitos desses tiveram sua fonte de inspiração na fé e no profundo espírito religioso, alguns deles se inspiraram em convicções filosóficas e políticas e outros exercendo, de maneira intensa a extraordinária, sua experiência na Terra, expressando, por meio da música, sua imensa alegria de viver. Salve Johann Sebastian Bach, Ludwig van Beethoven, Wolfgang Amadeus Mozart!

Cursos

As aulas *on-line* compõem-se de apostila ricamente ilustrada e vídeos com apresentações da professora Liana Justus com exemplos musicais dos melhores intérpretes da atualidade e com escuta orientada. Elas podem ser assistidas em qualquer dia e horário, por meio do celular, computador ou da TV com acesso à internet. O conjunto de materiais das aulas constitui-se em um ótimo recurso para a formação de um precioso acervo sobre a música clássica. A estrutura e a metodologia didática das aulas foram desenvolvidas por Liana Justus durante 27 anos de experiência em cursos de formação de plateia em música clássica. Acesse o site *www.lianajustus.com.br*.

Liana Justus, há 27 anos, tem se dedicado a formar novas plateias em música clássica. Mestra em História, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); especialista em História da Música, pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (Embap); licenciada em Educação Musical, pela Faculdade de Música do Paraná; formada no curso superior de Piano, pelo Instituto de Música do Paraná; palestrante, curadora e pesquisadora; membro da Academia de Cultura de Curitiba (ACCUR); Membro do Centro Feminino de Cultura (CPFC); autora de11 livros publicados sobre música, dois deles finalistas do Prêmio Jabuti de 2008 e 2011; curadora e palestrante em projetos culturais de relevância em Curitiba e no Estado do Paraná; idealizadora e produtora do curso *on-line* Encontros de Música Clássica.

■ Sinta-se convidado à audição do 339º Domingo Sinfônico, deste dia 10, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer as contribuições estéticas de Heitor Villa -Lobos (1887-1959).

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Nós, os desconhecidos

Eu estava no trapézio sem rede. Tremendo. Aí pensei, dizem que as coisas não falam. Ainda bem. Se eu pudesse escrever aqui o que estou sentindo, se eu realmente pudesse escrever sobre nós, os desconhecidos, mas não posso, somos uma província, onde as pessoas têm tempo de sobra, para os recados indicados.

Dalva Scheerer morreu. Se você não a conheceu, não importa, mas ela existiu. Não morreu sozinha, já estava num apê em Catanduva, cidade paulista, onde ela nasceu. Dalva tinha um filho chamado Léo, que nasceu na Alemanha e morou anos em João Pessoa.

Em 2016 ela me mandou um *imêio*, acho que foi o último, eu tinha acabado de ler *O Ingênuo*, de Voltaire.

Leiam o que ela me escreveu: "Oi Kubi, quanta saudade... Como vai esta maravilhosa tua mulher, Francis, minha inesquecível amiga do coração? E o filho? *Correio* (da Paraíba), colegas, praias, Jampa... Por onde anda o Carlos Azevedo Jr.? Juneldo, Walter (Galvão), Chico Noronha, Aranha. E Fernando Teixeira, o que tem feito?".

Em seguida, ela pede que eu vá até o fim do *imêio*, onde aparece um *link* de uma entrevista com Muhammad Ali, que eu amava, um negro norte-americano, nome adotado por Cassius Marcellus Clay Jr., o pai era um pintor de faixas e cartazes e a mãe uma empregada doméstica.

Na entrevista, ainda bem jovem, o pugilista fala das coisas mais simples, das coisas que eu pensei que não falavam, mas falam. As coisas não falam, Sr. K. Cuidado!

Muhammad Ali sempre perguntava à sua mãe porque Jesus é branco de olhos azuis, porque na Última Ceia todos são brancos, os anjos são brancos e quis saber mais – se quando a gente morre vai para o céu? Dona Odessa O'Grady Clay, disse que sim. Mãe é mãe, né?

O vídeo parece uma animação, quando Muhammad Ali diz que gostaria de ter carros, casas e queria saber se no céu tinha muitos banheiros. Sim, lá onde o imperador fez xixi.

Tantas coisas que ele diz rindo, coisas que começam e talvez nunca acabam como um jogo, algo que nos diverte, nos assombra, a coisa do medo, de perder o jogo, de perder a vida.

Fui à praia reencontrar outra Dalva, a que me vende a *Folha de S.Paulo* impressa, na banca de revista em Tambaú, também negra. Adorável. Disse a ela, hoje, (domingo passado) o nosso amigo Walter Galvão faria 65 anos. Ela disse: "Seu Kubitschek, ele está melhor do que nós".

Montei na bicicleta, meu cavalo ligeiro, comprei cajus e sai pelas ruas do bairro no momento mais solitário, poucos carros, muitas casas à venda. Chorei ao dobrar a esquina do Solar dos Navegantes, quando não vi Maévia na janela, gritando meu nome. Ela deu no pé bem antes do caos.

Na contramão, aproximando-me da indiferença a olhar os podres grafites de frente ou no oitão dos prédios, eu estava dentro de outro passeio ou em diagonal, fingindo interesse pela vidraça azul celeste de uma casa em ruínas.

Não era na verdade um protesto solitário contra o estado de coisas na cidade, o lixo, piolas pelo chão, gente faminta implorando pão eu me divertia sozinho, cantando uma modinha de Tom Jobim.

Vez em quando parava e olhava os desenhos que vem das nuvens. Lá longe as porradas de Muhammad Ali.

Somos todos desconhecidos, eu, Dalva Scheerer, aquela anciã esperando o ônibus, e a mocinha sem bunda com seu biquíni cavadão. Somos desenhos, garatujas – um cão, uma criança, um lutador de boxe, um imêio antigo e, talvez por isso algo me diverte no descontrolar de escolher o lugar e a hora propícios para fazer meu passeio solitário.

Kapetadas

1 - Somos tão jovens, tão jov... car*lho, que dor nas costas!

2 - Pra mandar nudes tem que ir pessoalmente? Uma amiga pediu pra perguntar.

3 - Som na caixa: "Impávido que nem Muhammad Ali, virá que eu vi", Caetano Veloso.

Foto: Divulgação

Muhammad Ali sempre perguntava à mãe porque Jesus é branco de olhos azuis

Colunista colaborador

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Filme alemão revê movimentos estudantis sobre atos islâmicos

Foto: Divulgação

Luna Wedler (E) e Jannsis Niewohner (D) atuam como vítimas de uma tragédia urbana em 'Je suis Karl'

Cogita-se de havia muito, sobre organizações extremistas, ideologicamente homicidas/suicidas, que tem por base o fanatismo acirrado de seus integrantes, aliciados por lideranças que se dizem transformadoras do seu próprio status quo, alegando: "Somos a mudança, somos a nova era. Parem de interferir no nosso futuro!" Isso posto, é o caso de alguns grupos formados de acadêmicos de uma universidade de Praga, sob suposto e confuso conhecimento político-social da atual realidade.

Situação assim, sem resposta muito clara, se constata em *Je suis Karl*. Uma produção alemã de Christian Schwochow, que vi esta semana na Netflix, e que traz – aos menos avisados – uma série de apontamentos sobre as incertezas de uma juventude europeia perdida entre normas estatais e uma barbárie islâmica, nesse novo tempo globalizado e dominado pelos recursos midiáticos.

Com um título bastante expressivo, que se tornaria em "grito de guerra" do movimento estudantil, "Je suis Karl!", é o retrato de uma juventude universitária eufórica que prega slogan como esse: "Sobre o que nos assusta, guerrilhamos!". Mas usa de métodos e práticas muçulmanas, como terrorismo, para se justificar perante instituições e governos constituídos.

Embora sendo filme alemão, o título nos sugere algo como o movimento estudantil acontecido em Paris no final dos anos 1960, em que a nova geração reivindicava o fim de posturas conservadoras por parte dos governantes. Tema que nos lembra um filme de Bernardo Bertolucci, *Os Sonhadores* (2003). Mas, em *Je suis Karl*, o foco da questão, que seria de insatisfação de uma juventude, traz o ranço não de um romantismo francês, como aqueloutro, mas o estigma de um islamismo denso, cruel e exterminador.

O drama é ambientado nas capitais de Praga (República Tcheca), Berlim (Alemanha) e Paris, na França, e inicia com um casal que volta de Budapeste (Hungria) para sua cidade, Berlim, e presencia os problemas de passaportes dos vários imigrantes entulhados em céu aberto. De volta pra casa, Alex Baier (Milan Peschel) e sua esposa Ines (Mélanie Fouché) reencontram um jovem conhecido líbio, Yusuf (Aziz Dyab), que fora barrado na entrada pela polícia de fronteira alemã. O casal dá um jeitinho, fazendo-o entrar na Alemanha camuflado entre densos cobertores.

Mas os dois personagens principais da história são a filha do casal, Maxi (Luna Wedler), jovem estudante, que acaba perdendo parte da família num atentado à bomba no centro de Berlim, e o jovem Karl (Jannsis Niewohner) que a conhece e passa a lhe dar apoio. Esse mesmo "Karl", que passa a aliciá-la em nome de sua organização criminosa sediada em Praga.

Após deixar o pai desolado com as perdas da esposa e filhos menores, Maxi viaja à Praga, a convite do jovem Karl, para participar de um seminário numa universidade local. A partir de então, a vida da jovem se complica ainda mais, embevecida que fica após estrondoso discurso influenciador de Karl, que é sacrificado na frente das câmeras de tv, pelo próprio grupo ativista, num ato de propaganda e "heroísmo" do jovem, pelo que defendem: "Estamos declarando guerra contra vocês!" (no caso, culpando as autoridades constituídas).

Destaco que é um filme a ser visto, justamente em confronto aos tempos globalizados de hoje. – Mais "Coisas de Cinema", acesse: www.alexsantos.com.br.

APC: atrizes paraibanas em alta

As atrizes Zezita Matos e Marcélia Cartaxo, que fazem parte da Academia Paraibana de Cinema (APC), continuam brilhando em recentes festivais realizados não só na Paraíba. Atuações que refletem, ainda, um considerável número de produções audiovisuais em que elas vêm atuando.

Mas existem rotulações em alguns eventos que os podem desacreditar, usando-se caricatas expressões do tipo "Cinema com Farinha". Intender-se-ia, a rigor, um tipo de cinema "farofeiro". Tirando-lhe o caráter sério, como se a atividade Audiovisual não carecesse de uma melhor deferência. Contudo, louve-se o esforço de quaisquer atividades culturais, mas que se dê dignidade à sua causa, título e realização...

Em cartaz

ESTREIAS

FÁTIMA – A HISTÓRIA DE UM MILAGRE (Fatima. EUA. Dir: Marco Pontecorvo. Drama histórico. 12 anos). Em 1917, Lúcia, uma pastora de apenas 10 anos, e os seus dois primos mais novos, Jacinta e Francisco, têm visões de Virgem Maria, que lhes surge com uma mensagem de paz. As suas revelações inspiraram dezenas de milhares de fiéis que se deslocaram até Fátima, na esperança de testemunhar um milagre, mas não agradaram a Igreja e o Governo de Portugal, que tentaram forçá-los a recontar a sua história. O que se viveu em Fátima mudou para sempre as suas vidas. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 18h.

VENOM: TEMPO DE CARNIFICINA (Venom: Let There Be Carnage. EUA. Dir: Andy Serkis. Aventura, Terror e Fantasia. 14 anos). Depois de um ano dos acontecimentos do primeiro filme, Eddie Brock (Tom Hardy) está com problemas para se acostumar na vida com o symbiote Venom. Eddie tenta se restabelecer como jornalista ao entrevistar o serial killer Cletus Kasady, também portando um symbiote chamado Carnage e que acaba escapando da prisão após sua execução falhada. CENTREPLEX MAG 4: 14h30 (dub.) - 17h30 (leg.) - 20h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 14h30 (dub.) - 17h (dub.) - 19h30 (leg.) - 21h40 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 14h - 16h30 - 19h - 21h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE (3D): 15h (dub.) - 17h30 (dub.) - 20h (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 13h30 - 16h - 18h30 - 21h; CINÉPOLIS MANGABEIRA1 (3D, dub.): 15h - 17h30 - 20h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 14h - 16h30 - 19h - 21h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 13h30 - 16h - 18h30 - 21h; CINE SERCLA TAMBIÁ 1 (dub.): 19h30; CINE SERCLA TAMBIÁ 2 (dub.): 18h15 - 20h10; CINE SERCLA TAMBIÁ 3 (dub.): 21h; CINE SERCLA TAMBIÁ 5 (dub.): 14h55 - 16h50 - 18h45 - 20h40; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h55 - 16h50 - 18h45 - 20h40; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 18h15 - 20h10; CINE SERCLA PARTAGE 4 (leg.): 21h; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 19h30.

CONTINUAÇÃO

007 - SEM TEMPO PARA MORRER (007 - No Time to Die No Time to Die. EUA. Dir: Cary Fukunaga. Thriller, Ação e Aventura. 14 anos). Depois de sair do serviço ativo da MI6, James Bond (Daniel Craig) vive tranquilamente na Jamaica, mas como nem tudo dura pouco, a vida do espião 007 é agitada mais uma vez. Felix Leiter (Jeffrey Wright) é um velho amigo da CIA que procura o inglês para um pequeno favor de ajudá-lo em uma missão secreta. O que era pra ser apenas uma missão de resgate de um grupo de cientistas acaba sendo mais traiçoeira do que o esperado, levando o agente inglês 007 ao misterioso vilão, Safin (Rami Malek), que utiliza de novas armas de tecnologia avançada e extremamente perigosa. CENTREPLEX MAG 2: 16h (dub.) - 19h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 13h45 (dub.) - 17h15 (dub.) - 20h45 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 14h15 - 17h45 - 21h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 21h10; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 13h45 - 17h - 20h30; CINE SERCLA TAMBIÁ 2 (dub.): 15h15; CINE SERCLA TAMBIÁ 3 (dub.): 18h; CINE SERCLA TAMBIÁ 4 (dub.): 17h - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 17h - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 17h30 - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 15h15; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 18h.

A ABELHINHA MAYA E O OVO DOURADO (Maya the Bee 3: The Golden Orb. Alemanha e Áustria. Dir: Noel Cleary e Alexs Stadermann. Animação, Aventura e Comédia. Livre). Quando Maya, uma pequena abelha teimosa, e seu melhor amigo Willi resgatam uma formiga princesa, eles se encontram no meio de uma batalha épica de insetos que os levará a estranhos mundos novos e testará sua amizade até o limite. CINE SERCLA TAMBIÁ 1 (dub.): 17h45 (de sáb. a ter.); CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 17h45 (de sáb. a ter.).

A CASA SOMBRIA (The Night House. EUA. Dir: David Bruckner. Terror, Thriller e Suspense. 14 anos). Lutando por conta da morte inesperada de seu marido, Beth (Rebecca Hall) vive sozinha em sua casa à beira do lago. Ela tenta o melhor que pode para se manter bem, mas possui dificuldades por conta de seus sonhos. Visões perturbadoras de uma presença na casa a chamam, acenando com um fascínio fantasmagórico. Indo contra o conselho de seus amigos, ela começa a vasculhar os pertences do falecido, ansiando por respostas. O que ela descobre são segredos terríveis e um mistério que está determinada a resolver. CINE SERCLA TAMBIÁ 1 (dub.): 17h30 (apenas na qui., sex. e qua.); CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 17h30 (apenas na qui., sex. e qua.).

AINBO: A MENINA DA AMAZÔNIA (Ainbo: Spirit of the Amazon. EUA, Peru e Holanda. Dir: Richard Claus. Animação e Aventura. Livre). Uma jovem garota que nasceu e cresceu na selva da Amazônia na aldeia de Candamo. Um dia ela descobre que sua terra natal está sendo ameaçada e percebe que há outros humanos além de seu povo no mundo. Usando a ajuda de seus guias espirituais, o tatu magricelo "Dillo" e a anta corpulenta "Vaca", ela embarca em uma jornada para buscar a ajuda do mais poderoso Espírito Materno da Amazônia, a tartaruga "Motelo Mama". Enquanto ela luta para salvar seu paraíso contra a ganância e exploração ilegal, ela também briga para reverter a destruição e o mal iminente do "Yacaruna", o demônio mais sombrio que vive na Amazônia. Guiada pelo espírito de sua mãe, Ainbo está determinada a salvar sua terra e seu povo antes que seja tarde demais. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h40; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 14h15.

PATRULHA CANINA: O FILME (Paw Patrol: The Movie. EUA. Dir: Callan Brunker. Animação. Livre). O filhote Ryder e seus amigos têm um grande desafio: impedir o novo prefeito da cidade, Humdinger, de causar muitos problemas. Juntos e equipados com muita tecnologia, a Patrulha Canina luta para salvar os moradores da Cidade da Aventura. CENTREPLEX MAG 2 (dub.): 14h; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 15h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 16h15; CINE SERCLA TAMBIÁ 4 (dub.): 15h10; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h10.

SHANG-CHI E A LENDA DOS DEZ ANÉIS (Shang-Chi and the Legend of the Ten Rings. EUA. Dir: Destin Cretton. Ação, Aventura e Fantasia. 12 anos). Shang-Chi (Simu Liu) é um jovem chinês que foi criado por seu pai em reclusão para que pudesse focar totalmente em ser um mestre de artes marciais. Entretanto, quando ele tem a chance de entrar em contato com o resto do mundo pela primeira vez, logo percebe que seu pai não é o humanitário que dizia ser, vendo-se obrigado a se rebelar e traçar o seu próprio caminho. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 20h40; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 18h15; CINE SERCLA TAMBIÁ 3 (dub.): 15h30; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 15h30.

O PODEROSO CHEFINHO 2: NEGÓCIOS DA FAMÍLIA (The Boss Baby: Family Business. EUA. Dir: Tom McGrath. Comédia e Animação. Livre). Os irmãos Tim e Ted, agora estão adultos e vivendo vidas separadas. Enquanto Tim construiu uma vida calma no subúrbio com sua esposa, Carol, e as filhas, Tabitha e Tina, Ted se transformou em um mega empresário que resolve todos os problemas com dinheiro. Mas quando Tim descobre que sua filha caçula também é agente do BabyCorp, ele precisará da ajuda do irmão mais novo para lidar com a situação. CINE SERCLA TAMBIÁ 1 (dub.): 15h45 (de sáb. a ter.); CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 15h45 (de sáb. a ter.).

Serviço

• **Funesc** [3211-6280] • **Mag Shopping** [3246-9200] • **Shopping Tambiá** [3214-4000] • **Shopping Partage** (83)3344.5000 • **Shopping Sul** [3235-5585] • **Shopping Manaíra** (Box) [3246-3188] • **Sesc - Campina Grande** [3337-1942] • **Sesc - João Pessoa** [3208-3158] • **Teatro Lima Penante** [3221-5835] • **Teatro Ednaldo do Egypto** [3247-1449] • **Teatro Severino Cabral** [3341-6538] • **Bar dos Artistas** [3241-4148] **Galeria Archidy Picado** [3211-6224] • **Casa do Cantador** [3337-4646]

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Boa sorte, candidato!

Se você é candidato ou candidata à próxima vaga da APL – Academia Paraibana de Letras –, por gentileza, não me peça o voto. Seu pedido certamente vai me constranger ou vai me fazer pensar que você se humilha, ou, o que me parece pior, está agindo de má-fé. Considere a semântica desta expressão no sentido existencialista da palavra, segundo Jean-Paul Sartre. Ou seja, não use de sua "liberdade negativa" em detrimento da suposta "liberdade positiva" de que os acadêmicos dispõem para escolher um nome, livre, secreta e silenciosamente, conforme os estatutos da mais lídima democracia. Enfim, seja autêntico.

Apresentar-se, sim, me parece de bom tom, porém, o faça sem cavilações, salamaleques e hipocrisia. Muito menos com qualquer tipo de pressão moral ou psicológica. Digo isso porque acadêmico é um bicho muito susceptível, muito vaidoso, muito esquisito, muito cioso de sua possível autonomia e independência ética e intelectual.

Para apresentar-se, você não precisa fazer a protocolar visita aos acadêmicos, como se dá, por exemplo, nas pré-eleições da ABL – Academia Brasileira de Letras –, exigência por sinal descrita e narrada com humor e derrisão por Guilherme Figueiredo em delicioso livrinho, intitulado *As excelências ou como entrar para a Academia*.

Dessa via crúcis, que beira o ridículo e o grotesco, você está livre. Sugiro ou aconselho: aos acadêmicos, fale apenas de seus interesses e intenções, exponha seu currículo, agradeça-lhes a atenção e mais nada. Insisto: não peça o voto. Confie no seu taco, no seu trabalho, nas suas obras de valor científico, artístico e literário, na sua incontornável presença na cena cultural de seu estado, pois suponho serem estes os pressupostos a credenciar a figura de qualquer candidato ou candidata.

Evidente que falo por mim. Contudo, quero crer que não se passe diferente com meus ilustres confrades e confreiras, mesmo sabendo que, às vezes, a escolha atende a critérios subjetivos que pouco têm a ver com a validade do mérito intelectual. Pressuponho também que eles devam conhecer de perto a vida cultural de sua região, os possíveis candidatos ou candidatas dentro de suas respectivas trajetórias na república das letras. Acadêmicos também estudam e leem.

De outra parte, quero lhe lembrar que as academias, e a nossa não foge à regra, são casas insólitas, complexas, fraturadas... Casas cheias de arestas, de sombras indecifráveis e de vírus patogênicos. Possuem seu lado cômico e pitoresco, sua atmosfera ambivalente e escorregadia, suas circunstâncias nefastas e insuportáveis, suas ocorrências toscas e perigosas.

A imortalidade, que a envolve, é absolutamente paradoxal, pois, no fundo, as academias nada mais são que casas de mortos, antiquários onde o chiste, as falácias, a melancolia e a glória se misturam na oratória dos pergaminhos carcomidos do panegírico e do necrológio.

Acerca da ABL, por exemplo, algumas obras literárias me dão notícia desses curiosos bastidores, trazendo à tona o ambiente difuso que a move no dia a dia, as picuinhas, a maledicência, a vaidade besta dos habitantes que vivem o lixo e o luxo daquele colendo sodalício. *Na casa dos 40* e *Anedotário geral da Academia Brasileira*, ambas de Josué Montello; *Farda fardão, camisola de dormir*, de Jorge Amado; *A Academia do fardão e da confusão*, de Fernando Jorge, e *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras*, de Jô Soares. Seria proveitoso dar uma espiada em suas páginas.

Certa feita um repórter perguntou a Érico Veríssimo por que não se candidatava a uma vaga na ABL. Ao que ele respondeu: "A uma vaga? Ora, eu já sou uma vaga". Não sei se a palavra aí quer significar ausência, lugar vazio, sendo o vazio, segundo certa linhagem teológica, o lugar de Deus, ou se simplesmente uma onda que passa e se dissolve. Sei que o autor de *O tempo e o vento* nunca se candidatou. Não sei também se agiu certo ou errado. Não tenho dúvidas, no entanto, de que pulou uma fogueira.

Infelizmente, tal não aconteceu comigo. A uma vaga na APL me candidatei, concorri e fui eleito, faz 22 anos, tempo suficiente para conhecer todos os cômodos da velha casa. Os fungíveis e os infungíveis. A porta de entrada e a porta dos fundos. Por isto mesmo asseguro a você, candidato ou candidata à próxima vaga, que lhe cederia cordialmente a minha, se para tanto não tivesse de morrer.

De qualquer maneira, boa sorte, candidato!

Colunista colaborador

Brincadeiras populares são revividas em espetáculo, hoje

Grupo Rói Rói apresenta 'Brincantes em Brincadeiras' na Casa da Pólvora, no Centro Histórico de João Pessoa

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Foto: Divulgação

Sem dispositivos eletrônicos, a trupe familiar de brincantes nascida no bairro da Torre relembra os passatempos de antigamente para as crianças e jovens

"Pompeu, pompeu / Dá um beijo n'eu / A cabeça do palhaço / Urubu comeu", anuncia o palhaço cantando canções tradicionais do teatro de mamulengos enquanto chama as crianças para brincar. É assim que terão início às atividades gratuitas destinadas ao público infantil neste domingo, às 16h, na Casa da Pólvora, no Centro Histórico de João Pessoa. O chamado é do Grupo Rói Rói, que convida os participantes para o espetáculo *Brincantes em Brincadeiras* a visitarem uma exposição de brinquedos antigos, a assistirem em um telão vídeos de filmes e séries antigas e a participarem de um show com muito humor e interatividade. Sem dispositivos eletrônicos.

Dando nome ao grupo familiar nascido no bairro da Torre, o rói-rói é um brinquedo muito comum nas feiras populares de todo o Brasil e ganhou esse nome graças ao barulho que faz quando se brinca com ele. O som que emite é resultado da vibração produzida pelo atrito da linha com a madeirinha de suporte. A trupe tem no resgate, estudo e divulgação de culturas populares tradicionais como brinquedos, brincadeiras e canções infantis sua principal fonte de inspiração para as apresentações artísticas. "Nós trazemos para o nosso tempo essas brincadeiras que não se fazem mais", resume o seu criador, o mestre em folclore Pedro Cândido.

O espetáculo se destina ao público infantil, adolescentes e jovens, mas pode ser apreciado por pessoas de qualquer idade, identificada pelo resgate dos brinquedos artesanais. "Quando uma criança vai com seus avós ou pais para o espetáculo, o próprio adulto vai se identificar com aquelas brincadeiras do tempo em que eles viviam enquanto crianças", explica o brincante. Cândido, contudo, procura não deixar as brincadeiras do passado sem uma contextualização com os valores atuais da sociedade. Cantigas como 'Dança do pezinho', 'Escravos de Jó' e 'Ciranda cirandinha' dividem espaço com temas como o combate ao racismo nas apresentações do palhaço. "É um espetáculo que se atualiza. Nós temos quadros que falam sobre consciência negra e temos danças dessa mesma origem", exemplifica.

"É um mundo novo quando a gente consegue retirar um pouco as crianças do tablet e do celular. E elas aprendem que é possível brincar em casa sem gastar nada. É um espetáculo muito instrutivo", define o líder do grupo de 10 pessoas, todas da mesma família, que decidiu se juntar artisticamente durante a pandemia e a obrigação de ficarem confinadas no mesmo espaço por muito tempo e tiveram de improvisar formas de brincar e produzir brinquedos com materiais reciclados. "Foi uma experiência que, sem querer, nasceu da pandemia. E hoje, nós já temos shows agendados em Recife, Olinda e em Natal. Nós vamos conquistar todo o Nordeste", confia Pedro Cândido.

O brincante se desenvolveu a partir da união de grupos folclóricos, quadrilhas juninas, blocos carnavalescos, circo e teatro mambembe. Foi juntando essas vivências que Pedro Cândido criou o seu grupo de cultura popular. "Eu nasci de um coco de roda, no bairro da Torre, na rua Barão de Mamanguape. Minha mãe, grávida, assistia a um coco de roda e em um batido de pé e outro eu nasci", descreve ele, que é o atual presidente da Liga Carnavalesca de João Pessoa. A sua história se confunde com a criação da escola de samba Malandros do Morro e ele também usa sua experiência para dar aulas de danças populares no Sesc, com destaque para grupos de terceira idade. "Eu faço questão de ser ainda um velho folclorista, que é uma coisa que não existe mais", que também se define com um moleque de rua que cresceu e que hoje ajuda a manter as tradições de sua comunidade, onde também dançava ciranda e a nau catarineta. "A rua era o palco da minha vida. Minha mãe sempre me dizia para ir para a rua. 'Quem fica em casa fica mofino', dizia ela", relembra ele.

A atividade promovida pela Funjope através do Centro Cultural Parque Casa da Pólvora faz parte de uma programação que inclui ainda duas exposições em homenagem ao mês das crianças. A primeira é a *Brinquedos e Brincadeiras*, que reúne mais de uma centena de brinquedos populares. A segunda é *Um Panorama da HQ Parahybana*, que apresenta trabalhos de nomes importantes desse universo. As exposições seguem abertas ao público gratuitamente até amanhã, dia 11.

No 'streaming'

Série argentina aborda o uso político da religião

Luiz Zanin Oricchio
Agência Estado

"O velho mundo agoniza, um novo mundo tarda a nascer, e nesse claro-escuro irrompem os monstros." A frase do filósofo italiano Antonio Gramsci (1891-1937), besta-fera dos seguidores de Olavo de Carvalho, serve de epígrafe à série argentina *Vosso Reino*, disponível na Netflix.

No lusco-fusco atual, em que surgem os monstros da extrema-direita e do moralismo tacanho, a série, em sua primeira temporada, narra a ascensão de um pastor evangélico à presidência do país depois que o candidato principal é esfaqueado por uma pessoa aparentemente insana.

Dirigida e escrita pelo cineasta Marcelo Piñeyro (*Tango Feroz*, *Plata Quemada*, *O Método*, *Kamchatka*), em parceria com Claudia Piñeiro, a série conta com elenco estelar. Diego Peretti e Mercedes Morán fazem o casal fundador da igreja (Reino da Luz). Chino Darín interpreta o filho de um político, que se torna braço direito do religioso e noivo de uma de suas filhas.

A solidez do roteiro e a qualidade dos intérpretes contam a favor da série. Seus primeiros oito episódios são movidos a reviravoltas, muita ação e golpes baixos, num ambiente em que políticos, pastores e manipuladores se esmeram numa luta renhida por dinheiro e pelo poder. Não faltarão ingredientes dos nossos tempos como a influência judicial em processos escusos e nem mesmo o elemento tóxico da pedofilia estará ausente da trama.

Emilio Vázquez Pena (Diego Peretti) é o pastor carismático de sua igreja, secundado por sua mulher, Elena (Mercedes Morán), manipuladora e implacável. Julio Clamens (Chino Darín) é um advogado de passado confuso, filho de um político, e que encontra na igreja de Emílio e Elena um ambiente de reconciliação, mas também um campo fértil para plantar e colher os frutos de sua ambição. Em torno deles se move um assessor político, Ruben Osório (Joaquin Furriel), que é quem de fato controla o jogo, aparentemente defendendo interesses econômicos estrangeiros.

É fácil aproximar a ficção de *Vosso Reino* com o que de fato acontece na realidade do continente e também em outras partes do mundo. A descrença popular com a política tradicional tem permitido a ascensão dos chamados "outsiders", os candidatos antissistema que praticam uma política populista, em geral de cunho religioso e moralmente retrógrada.

A influência do campo religioso viceja nesse ambiente de medo e representa uma grande ameaça ao Estado laico. A novidade da série é associá-lo à criminalidade e à corrupção, denunciando a duplicidade moral em que se move. Tal enfoque não passou despercebido na Argentina, onde uma associação de igrejas evangélicas protestou e tentou forçar a Netflix a tirar a série do ar. A plataforma de *streaming* aparentemente não se intimidou e já anunciou uma segunda temporada de *Vosso Reino*.

Convém registrar que estabelecer relações promíscuas com o Estado não é ambição exclusiva das crenças neopentecostais. Quem quiser observar como a Igreja Católica dos séculos 15 e 16 se comportava no poder secular pode assistir à ótima série *Os Bórgias* (Starzplay), bastante instrutiva. Pode também lançar um olhar aos Estados teocráticos contemporâneos espalhados pelo mundo e meditar se são algo desejável para a nossa sociedade. A separação entre Estado e Igreja foi uma conquista civilizacional que está sendo minada em vários países, Brasil incluído.

Os autores de *Vosso Reino* tomaram cuidado para se manter no plano da ficção. A igreja comandada por Emílio e Elena não existe na realidade, embora possa ser reconhecida em dezenas de seitas conhecidas em vários países, inclusive no Brasil. O crescente poder político, o acúmulo de capital, a exploração da fé popular – tudo isso vem sendo estudado e denunciado mundo afora. *Vosso Reino* faz explicitar esse processo através de uma história inventada. Mas, como dizia um pensador da antiga Roma, a força da ficção é que ela fala de nós.

Nesse sentido, é curioso que uma série como esta tenha surgido na Argentina, país onde a presença evangélica é menor que no Brasil, embora crescente. Entre nós, os efeitos corrosivos das crenças neopentecostais sobre a sociedade ainda não foram tratados em produções de streaming, mas são mote principal de dois ótimos filmes – *Divino Amor*, de Gabriel Mascaro, e do ainda inédito *Medusa*, de Anita Rocha da Silveira, apresentado no Festival de Berlim.

Ambos são críticos e colocam o foco na regressão dos costumes e na opressão das mulheres, cuja liberação é vista com temor, desconfiança e hostilidade pelas igrejas. *Vosso Reino* tem isso também, mas estende seu foco à questão política em seu âmbito tradicional, o da conquista do Estado, e pelos meios que forem necessários. Tudo em nome da família, da pátria, de Deus, da moral e dos bons costumes, é claro. A série funciona como um espelho cruel do nosso mundo.

Foto: Divulgação

Em 'Vosso Reino', Diego Peretti (D) e Mercedes Morán (E) fazem o casal fundador de uma igreja chamada Reino da Luz

Nova polêmica

Judiciário faz lobby para impedir projeto que barra supersalários. Proposta foi enviada à CCJ em agosto deste ano, mas o relator não ficou definido e a tramitação está parada. Página 14

Foto: Agência Estado

Historiadora mostra como a Justiça surgiu na Paraíba

Historiadora Yamê Galdino de Paiva defende tese de Doutorado e é premiada pela Associação de Brasilianistas

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

A Justiça, com regras, leis e normas, é primordial dentro de uma sociedade. Ela existia quando há muito tempo, mesmo quando sequer o termo era utilizado da forma como o conhecemos hoje. Atualmente, em todo o país há um sistema bem estabelecido, que há séculos atua, através dos tribunais, para julgar e estabelecer justiça. Na Paraíba isso não é diferente.

Em busca de saber mais como a Justiça da Paraíba acontecia no passado, especificamente no período finais do século XVII até o final do século XVIII, a historiadora Yamê Galdino de Paiva realizou a sua tese de doutorado, O resultado rendeu a ela um prêmio pela Associação de Brasilianistas na Europa.

"Eles premiam teses das ciências humanas e sociais que estudem o Brasil. E nessa edição houve três vencedoras e eu fui contemplada como uma das vencedoras e duas menções honrosas", comentou.

De acordo com a pesquisadora, licenciada e mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba; e doutora em História pela Universidade Nova de Lisboa, Yamê Galdino de Paiva, ela se desenvolvia de forma material e humana um pouco precárias, no entanto, com uma justiça eficaz. "A Justiça funcionava dentro das condições e estruturas das cidades, ou das vilas, e dos oficiais existentes naquelas localidades. Eu diria que seria uma justiça centralizada na comarca mas de situações materiais e humanas muito frágeis", disse.

Centralizada na cidade de Parahyba, atual João Pessoa, a comarca também atendia outras regiões do Nordeste, como Rio Grande do Norte e Ceará. A situação precária detalhada pela historiadora se dava na falta de oficiais e de estrutura, como

> Naquele período, a Paraíba estava inserida numa estrutura político-administrativa chamada de Estado do Brasil

cadeias seguras. "Havia poucos oficiais de Justiça para dar conta de todo o dia a dia da administração. Nós encontramos situações nos cartórios, de serem desorganizados. As cadeias tinham uma estrutura muito frágil, materiais pouco seguros, o que facilitava as fugas, além de uma superlotação".

No entanto, esse tipo de situação não era encontrada apenas aqui, era algo comum em todo o país. "Quando falo da situação precária, não quero dizer que a Justiça não funcionava. Essas situações que eu encontrei para a Paraíba também aconteciam em outros lugares do Brasil. Mas a Justiça funcionava dentro daquelas condições", ressaltou.

Naquele período a Paraíba estava inserida numa estrutura político-administrativa chamada de Estado do Brasil, que correspondia mais ou menos, em termos territoriais, ao atual Nordeste, segundo explicou Yamê Galdino. Nela havia um governador-geral e um vice-rei, que eram as autoridades máximas do poder político na colônia.

"Na capitania da Paraíba, a autoridade política principal era o governador da capitania e a Câmara Municipal da Cidade da Paraíba representava o poder local. Em termos econômicos, a cana de açúcar representou a principal produção e a principal fonte de rendimentos da capitania ao longo dos séculos XVII e XVIII", explicou a historiadora.

Os ouvidores eram, em sua maioria portugueses, formados pela Universidade de Coimbra. "Depois de terminar o curso ou serviam como advogado ou ingressavam no serviço régio, como acontece hoje na magistratura. Eles optavam por seguir essa carreira, tinha que fazer um concurso e uma das opções de serviço era servir na Paraíba como juiz do rei para aplicar o direito do reino português naquele momento, do período moderno". Mesmo precisando de um concurso para ingressar na comarca paraibana, o posto era dos mais altos na hierarquia portuguesa. "Depois de servir na Paraíba eles continuavam esse percurso como juízes em outras áreas. Esses ouvidores tinham como expectativa terminar suas carreiras em Portugal, em um tribunal mais elevado na hierarquia".

Além disso, havia a curiosidade de que nem sempre era necessário ser formado em direito para julgar processos. A falta de pessoal na época fazia com que pessoas não formadas julgassem ações de menor valor.

Foto: Divulgação

A historiadora Yamê Galdino de Paiva revela em sua pesquisa que os ouvidores eram, em sua maioria, portugueses formados pela Universidade de Coimbra

Foto: Divulgação TJPB

Uma das marcas da evolução da Justiça na Paraíba foi na infraestrutura, oferecendo melhores condições de trabalho

Corrupção não escandalizava

Ainda segundo a historiadora, os casos de corrupção, como vistos atualmente, não escandalizavam tanto na época. As punições eram mais brandas e os ouvidores dificilmente tinham suas vidas muito transformadas ou a conduta "ilibada" prejudicada. "A gente espera que as instituições punam o juiz ou o funcionário, geralmente. Nessa época, isso não acontecia necessariamente nesse sentido. O que poderia ser como uma punição era o afastamento, o pagamento em dinheiro de uma multa, algumas vezes acontecia a prisão, mas era mais a exceção do que a regra".

Entre as atitudes dos juízes estava o envolvimento com negócios locais,com comércios, que à época a legislação não permitia. "Havia o que eu chamo de mau uso da Justiça, mas pode ser entendido como a utilização da justiça em benefício próprio, ou de algum indivíduo. Beneficiando sentenças, tirando papéis de processos nos livros para favorecer uma parte. Esse tipo de situação ocorria no Brasil de forma geral nesse periodo".

No entanto, a falta de punição se dá, principalmente, segundo a Yamê Galdino, pela falta do controle sobre as atitudes desses juízes e de outros oficiais. "Não aconteciam na forma como hoje acontece. Hoje temos esses instrumentos por parte do poder público. A cobrança é diferente".

Mas será que a forma como a Justiça que era empregada naquela época influenciou a atualidade? Na opinião da pesquisadora, não há uma influência direta. "A gente não pode remeter tudo ao passado, mas eu acho que houve uma perpetuação por essas práticas sem que houvesse mecanismos de mais fiscalização. Me parece que eles são muito recentes em comparação com a antiguidade dessas práticas."

A falta de eficácia dos mecanismos de fiscalização está muito mais ligada ao fato cultural, ligado ao longo período em que a corrupção é perpetuada no país, do que com um sistema eficaz ou não de controle. "Essas práticas estão tão enraizadas, que ainda que esses mecanismos existam, não são capazes de ser tão efetivos assim. Principalmente pelas práticas de corrupção perpetuar- se perpetuar em muitos níveis da sociedade, não apenas no poder público".

> "A gente espera que as instituições punam o juiz ou o funcionário, geralmente. Nessa época, isso não acontecia necessariamente nesse sentido. O que poderia ser como uma punição era o afastamento, o pagamento em dinheiro de uma multa, algumas vezes acontecia a prisão, mas era mais a exceção do que a regra"

Supersalários: Judiciário faz lobby para impedir projeto

Proposta foi enviada à CCJ em agosto deste ano, mas o relator não ficou definido e a tramitação está parada

Lauriberto Pompeu
Agência Estado

Depois de levar mais de quatro anos para ser aprovado na Câmara, o projeto de lei que impõe barreiras aos "supersalários" no funcionalismo público agora empacou no Senado. O texto foi encaminhado para a Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) em agosto e, passados quase dois meses, nem sequer há um relator definido, o primeiro passo para fazer a tramitação andar. O motivo, segundo senadores ouvidos pelo Estadão, é a pressão de representantes do Poder Judiciário para barrar a proposta.

Um dos opositores ao projeto é o próprio presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Luiz Fux. Ao Estadão, ele afirmou não ser contra barrar supersalários, "inclusive de servidores da Justiça", mas entende que "mudanças na Lei Orgânica da Magistratura (Loman) devem partir do Judiciário".

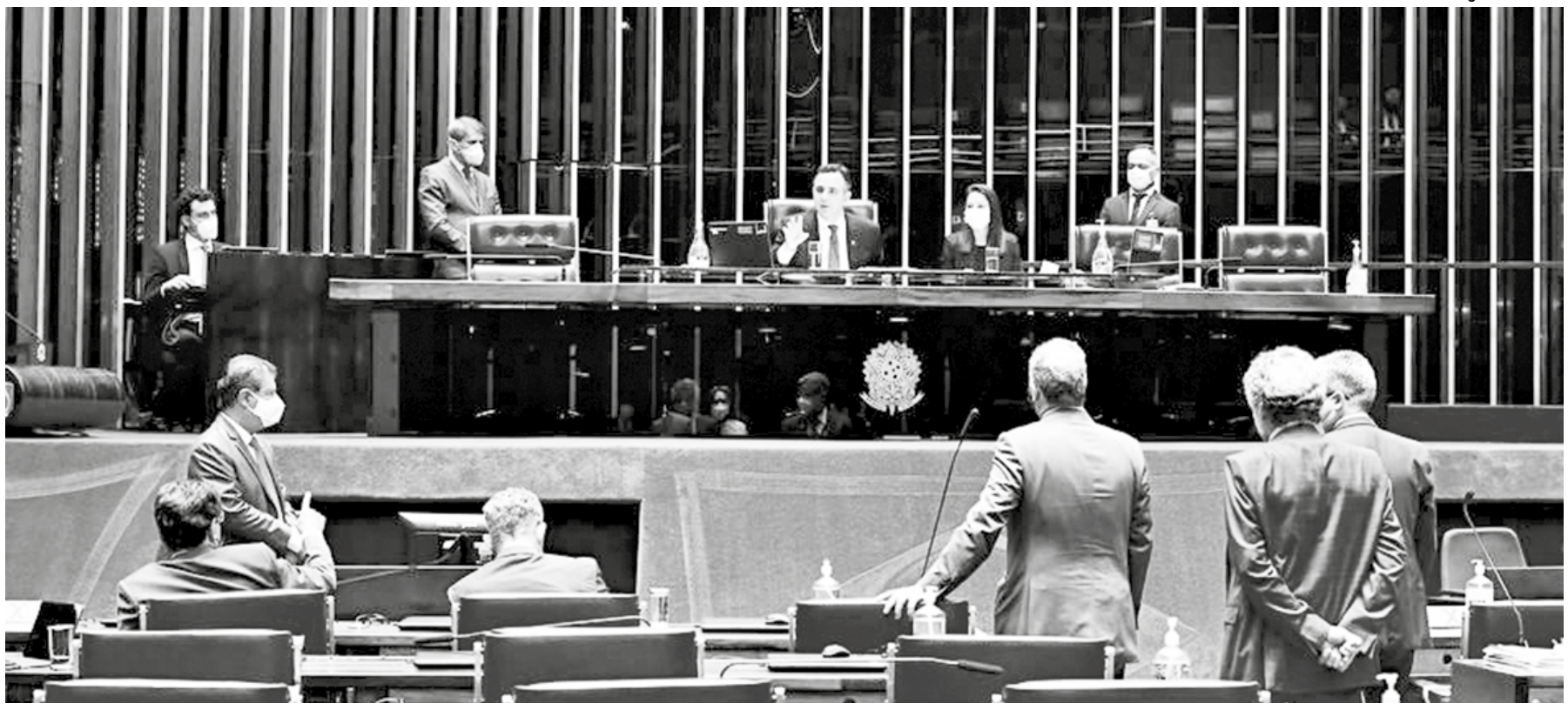
O presidente da CCJ, senador Davi Alcolumbre (DEM-AP), relatou a colegas ter sido procurado nos bastidores por integrantes de Cortes Superiores que sugeriram a ele "sentar em cima do projeto". O lobby para barrar as mudanças que podem reduzir o contracheque de juízes, desembargadores e outras categorias do funcionalismo, porém, também tem sido feito à luz do dia.

No dia 18 de agosto, a presidente da Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB), Renata Gil, se reuniu com Alcolumbre e o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (DEM-MG), para manifestar "receio de retrocessos" com o texto vindo da Câmara. "Há um equívoco entre o que é verba indenizatória e remuneratória", disse ela, em texto registrado no site da entidade, que reúne 14 mil associados e é uma das principais associações de juízes do país.

Procurada pelo Estadão, Renata afirmou que cabe ao Conselho Nacional de Justiça (CNJ) regulamentar e fiscalizar os pagamentos. "A AMB posiciona-se pela estrita observância dos ditames da Constituição Federal e das decisões do Supremo acerca das verbas indenizatórias", disse, em nota.

Atualmente, embora exista um teto equivalente ao salário de um ministro do Supremo, de R$ 39,2 mil, esse patamar costuma ser "fictício", porque os vencimentos abrangem "penduricalhos", como auxílio-livro, auxílio-moradia, auxílio-banda larga, entre outros, fazendo com que os ganhos mensais estourem o teto.

Foto: Agência Estado



O Senado sofre pressão de Cortes Superiores para barrar as mudanças que podem reduzir o contracheque de juízes, desembargadores e outras categorias do funcionalismo público

Mais de 500 tipos de benefícios

Em todo o país, são mais de 500 tipos de benefícios concedidos a servidores, que elevam as remunerações a patamares acima dos R$ 100 mil. Foi o que ocorreu no início do ano no Tribunal de Justiça de Mato Grosso, quando um magistrado recebeu R$ 274 mil extras em indenizações e "penduricalhos".

A proposta em discussão no Senado reduz a apenas 32 os benefícios que poderão superar o limite constitucional. As mudanças estipulam, por exemplo, que o auxílio-creche poderá ter valor de até 3% do salário máximo pago a um servidor, o que equivale a R$ 1,178 mil. Será ainda limitada a "venda" de férias a 30 dias por exercício. A medida atinge em especial magistrados e integrantes do Ministério Público que têm direito a 60 dias de férias e recebem o adicional de férias nos dois períodos.

Em ofensiva para manter ao menos parte dos "penduricalhos", o presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo, Geraldo Francisco Pinheiro Franco, enviou ofício a Pacheco no início do mês em que pede alterações no texto aprovado pela Câmara. Na prática, as mudanças sugeridas desfiguram a ideia de dificultar pagamentos acima do teto. Ele quer, por exemplo, o aumento do auxílio-saúde de 5% para 10% do salário, a retirada do limite para o ressarcimento de diárias e a manutenção dos atuais 60 dias para o adicional de férias e para a licença-prêmio. "Longe de constituir um privilégio da magistratura ou dos servidores públicos, o direito à indenização de férias não gozadas ostenta natureza de direito social, não passível de supressão nem mesmo por emenda constitucional", escreveu o presidente do TJ-SP.

Outra entidade que tem atuado para evitar a aprovação do texto é a Associação de Juízes Federais (Ajufe), que representa todos os magistrados federais de primeira e segunda instâncias, bem como os ministros do Superior Tribunal de Justiça (STJ) e do Supremo. Para o presidente da Ajufe, Eduardo André Brandão, o projeto aprovado na Câmara restringe direitos do servidor.

Líderes discutiram votação

A votação do projeto chegou a ser discutida em reunião de líderes de partidos do Senado há cerca de três semanas, mas sem definição de quem será o relator. Integrante da CCJ, o senador Oriovisto Guimarães (Podemos-PR) vê falta de vontade em fazer a proposta andar. "Muito difícil pressionar Davi Alcolumbre. Não vejo ninguém pedindo para que o assunto seja pautado", afirmou.

Nos últimos anos, o Supremo tem agido no sentido de facilitar o "drible" no limite imposto pelo teto constitucional. Hoje presidente da Corte, Fux concedeu em 2014 decisões liminares para que o auxílio-moradia fosse estendido para todo o Judiciário. As decisões só caíram quatro anos depois, após um acordo com o governo Michel Temer, que determinou um reajuste de 16,38% no salário dos ministros do STF.

Em junho, em outra decisão que liberou o estouro do teto, o STF entendeu que funcionários de empresas públicas independentes do Distrito Federal, como o Banco Regional de Brasília e a Companhia de Saneamento Ambiental de Brasília (Caesb), não precisam respeitar a regra.

O relator do projeto na Câmara, deputado Rubens Bueno (Cidadania-PR), disse ter enfrentado pressões para que o texto não fosse votado. "Presidentes de Tribunais de Contas, de tribunais estaduais, pressão de todo tipo. Eles são poderosos", afirmou o parlamentar.

Para Bueno, cada dia que o texto fica sem ser votado é algo negativo. "Enquanto não se vota definitivamente eles continuam. Se você olhar o Tribunal de Contas do Rio de Janeiro, há um mês mais ou menos, já criou mais um auxílio adicional de R$ 12 mil. Eles continuam como se nada estivesse acontecendo".

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Evangelho da saudade segundo Ofinho Costa

"Pois Deus me é testemunha de que tenho saudades de todos vós, na terna misericórdia de Cristo Jesus". Filipenses 1:8

Mais bela do que qualquer canção é a melodia da saudade, pondera o poeta Bebé de Natércio, um dos personagens do livro "Contos de quarentena", do engenheiro e radialista comunitário Wolhfagon Costa, professor aposentado da Universidade Estadual da Paraíba e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, velho guerreiro nas lutas comuns pela democratização das comunicações através das rádios comunitárias. Ofinho, como é conhecido pelos amigos, teve a delicadeza de me visitar em Bananeiras para oferecer o livro "Contos de Quarentena", onde ele reflete: "Em tempos de quarentena, um contista, querendo ser poeta, sem nem prosar direito, atreve-se: 'aqui, eu navego sem ter mar, voo sem avião. Essa bolha é meu mundo. Esses livros me guiam. Essa nave me leva ao mundo'. E acordou, nem triste, nem alegre e nem poeta. Sabe que conta".

A reforma tributária do governo pode aumentar em 20% o preço dos livros. No caso do contista Ofinho, seu livro me saiu a custo zero, mas sua lembrança de me surpreender no meu recanto no cocuruto da serra não se estima o valor, porque muito auxiliou na evolução de me reconciliar com o processo da vida, isolado que estou desde o começo da pandemia. Foi a primeira visita que recebi em mais de um ano, mesmo porque não conheço ninguém na região onde moro atualmente.

Ofinho é natural de Solânea, onde reside, e no seu livro de contos a cidade aparece em retratos rápidos, bem humorados e zombeteiros, mas dominados por aquela comoção das lembranças do passado. Gostei de cara, li desembestado as 110 páginas cheias de ironia e fino trato da forma. Ofinho me surpreende pelo talento de escritor. Eu diria que, para estar ao nível do humor do livro, Ofinho se apresenta à altura da alta literatura, mesmo porque Solânea, antiga Vila Moreno, está a mil metros acima do nível do mar.

Rachel de Queiroz acredita que "essa capacidade de morrer de saudades só afeta a quem não cresceu direito, feito uma cobra que se sentisse melhor na pele antiga, não se acomodando nunca à pele nova". Mais lírico, o poeta Moacyr Félix: "Não tenho mais em mim a vida que levei, mas sinto o mundo caminhar em minha memória". E é de saudade que fala o livro de Ofinho, nostalgia que às vezes é pura literatura fantástica, como observou o prefaciador Rangel Júnior, descambando em alguns contos para delírios criativos, que "o isolamento da pandemia perturbou o juízo de Wolhfagon Costa", ainda conforme o apresentador da obra. Não se define o livro de Ofinho. Às vezes é crônica ligeira, às vezes contos, outras ocasiões ganha status de poesia, construída de retalhos de infância nos contrafortes do planalto da Borborema. As pequenas coisas e loisas do banal dia a dia em uma cidade do interior, com suas figuras simples e passagens dessa vida besta que encanta, enternece e surpreende.

Sobre meu compadre Bebé de Natércio, amigo e colega de trabalho de Ofinho, deu-se a história no ano dois mil, quando o novel escritor decidiu que seria candidato a vereador em Solânea e precisou dos préstimos do poeta e compositor Bebé para a feitura de um jingle de campanha. Passados muitos dias e a eleição às portas, nada de Bebé preparar o trabalho. Ofinho encontrou Bebé por acaso em mesa de bar, com seu violão criativo. Bebé pegou o instrumento e cantou o jingle. "Fiz agorinha mesmo, gostou?" Resultado: Ofinho ganhou a eleição com meio milheiro de votos e Bebé de Natércio ganhou mais um admirador de sua arte enquanto inserida no contexto social e político do seu tempo.

Propostas de reformulação da legislação sobre licença parental avaliam como imprescindível a maior participação do homem nos cuidados com os filhos

Fotos: Pixabay

Licença parental deve ser vista como investimento e não gasto

Empresas começam a entender que bem-estar do funcionário significa desempenho melhor, afirmam especialistas

Ludimila Honorato
Agência Estado

A oferta de licença parental estendida tem feito parte do plano estratégico de algumas empresas que compreenderam que funcionários felizes têm desempenho melhor. Vanguardista, o benefício ajuda a atrair, reter e engajar mais os colaboradores. Enquanto isso, grupos buscam levar o tema ao debate público e influenciar alterações na legislação, que, segundo especialistas, está defasada e incongruente com as mudanças na sociedade.

No Brasil, a licença-maternidade foi introduzida em 1948 pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) e tinha duração de 84 dias com remuneração paga pelo empregador. Ao mesmo tempo, estabeleceu-se a licença-paternidade de apenas um dia. A partir de 1973, a Previdência Social assumiu o valor pago pelo afastamento das mães, o que é feito até hoje. Em 1988, a Constituição ampliou a licença das mulheres para 120 dias e a dos homens para cinco dias, sendo esta paga pela empresa.

Nova mudança ocorreu em 2008 com a criação do programa Empresa Cidadã, cujas companhias aderentes podem estender a licença-maternidade para 180 dias e a paternidade para 20 dias. Neste último caso, o empregador deduz do Imposto de Renda da pessoa jurídica o total da remuneração paga ao funcionário. De acordo com a Receita Federal, de 150 mil a 200 mil organizações são elegíveis ao benefício, mas, até fevereiro deste ano, só 24.180 tinham aderido - ou seja, de 12% a 16%.

A 99 integra esse rol de quem aderiu, e o diretor executivo da 99Pay, José Maurício Orsolini Filho, usufruiu do benefício em janeiro, após o nascimento do primeiro filho. "Cinco dias seriam muito pouco. O primeiro mês é muito complicado, um misto de emoções, de insegurança. Por mais que ouça relatos, a gente não está preparado. Foi muito importante ter os 20 dias e gostaria que fossem até mais." Ele afirma que a medida tem impacto positivo no trabalho. "À medida que a empresa permite ter vida mais humana, você acaba vestindo mais a camisa e faz a relação de trabalho ser mais sustentável no longo prazo."

Agora, uma nova proposta de licença parental chega para reforçar o debate público e pautar o tema no Congresso, onde existem ao menos 13 projetos de lei ou propostas de emenda à Constituição que versam sobre o assunto. O PL 3110/2021 é resultado de uma série de discussões iniciadas em 2020 pelo Grupo de Trabalho sobre Licença Parental, coordenado pela ONG Family Talks e pela Frente Parlamentar Mista da Primeira Infância.

O papel do homem

Os integrantes representam interesses diversos e avaliam diferentes questões: o cuidado com a criança, impacto na empregabilidade de mulheres, baixa participação dos homens, gastos do poder público e impacto nas empresas. "O grupo se debruçou sobre os problemas de fundo e, considerando o contexto brasileiro, viu como premissa necessária para garantir melhor condição do desenvolvimento infantil e proteger a projeção laboral da mulher o maior envolvimento masculino no cuidado", diz Rodolfo Canônico, especialista em Políticas Públicas para a Família, fundador e diretor executivo do Family Talks.

Principais pontos do Projeto de Lei

Depois de avaliar diferentes formatos, o grupo chegou ao seguinte projeto de lei:

■ Para companhias fora do Empresa Cidadã: seriam mantidos os 120 dias de licença-maternidade, os cinco de licença-paternidade e a introdução, à parte, de um afastamento de 30 a 50 dias (a serem usufruídos por qualquer um dos responsáveis pela criança), com recebimento de 80% do salário.

■ Para empresas cidadãs: as mães teriam os mesmos 180 dias de licença, os pais manteriam os 20 dias e haveria uma licença opcional de 40 a 60 dias (também para qualquer um dos responsáveis), também com 80% da remuneração.

■ Em ambos os casos, o período adicional seria combinado pela família.

■ Mediante conversa com a empresa. Há discussões para dobrar o período de licença-paternidade no caso de organizações fora do Empresa Cidadã. Apesar de as colocações pressuporem uma dicotomia de gênero, Canônico afirma que o benefício se destina a todas as configurações de família, com filhos biológicos ou adotivos.

■ "É para proteger o núcleo da criança, porque a licença não tem só objetivo de recuperação do parto. Na adoção, por exemplo, crianças precisam se acostumar ao ambiente, ainda mais quando são mais velhas."

Debates sobre tempo adequado

Especialistas ouvidos pela reportagem dizem que a principal justificativa para a baixa adesão às licenças estendidas é a de mais custo para empresas e governos. Em paralelo, eles avaliam que ainda falta conhecimento e, por isso, o grupo de trabalho lançou uma pesquisa a fim de entender os desafios das organizações para garantir o tempo de afastamento adequado.

Para o grupo, a licença parental deve ser entendida como investimento, não gasto. "A partir do momento em que a sociedade investe na licença-maternidade no modelo atual, está investindo em amamentação, criando ambiente em que a criança desenvolva habilidades socioemocionais, o que tem retorno altíssimo para a sociedade", diz Canônico.

Ele cita o trabalho do economista James Heckman sobre a primeira infância, segundo o qual cada dólar investido nos primeiros anos da criança traz um retorno de até 13% na sociedade. Além disso, uma boa educação infantil resulta em salários 25% maiores no futuro, menos chances de não trabalharem ou de cometerem crimes violentos.

Regina Madalozzo, especialista em economia do trabalho e pesquisadora associada ao GeFam, lembra que, enquanto a licença-maternidade é paga pela Previdência Social, a empresa pode contratar um funcionário temporário, ao qual pagará do próprio caixa. Além disso, o salário pago pelos 60 dias adicionais do Empresa Cidadã é ressarcido pelo Governo Federal no pagamento de Imposto de Renda da companhia.

O argumento de que mulheres passam mais tempo fora do trabalho do que os homens também não se sustenta. Uma análise da pesquisadora feita com dados do Relatório Anual das Informações Sociais de 2017 mostrou que elas ficam, em média, 16 dias por ano afastadas enquanto os homens ficam 13,5 dias. Ela afirma que, sozinha, a licença-maternidade tem impacto pouco significativo. "O impacto é muito menor do ponto de vista econômico e muito maior sobre como a gente entende o significado da licença."

Sociedade precisa participar

A deputada federal Leandre Dal Ponte, presidente da Frente Parlamentar Mista da Primeira Infância, afirma que, mais do que lei, precisamos de mudança cultural para que a pauta avance. Para ela, é preciso convencer a sociedade sobre a licença do ponto de vista de interesse das crianças, que serão futuros profissionais dentro dessas empresas. "A Frente Parlamentar já trabalhou em temáticas muito próximas às da licença parental, mas a gente percebeu que, além da dificuldade da pauta entrar na agenda política, tem certa inércia por parte do próprio homem de buscar isso como direito dele", diz ela.

Os especialistas julgam importante investir em educação e campanhas para incentivar os homens a aderirem à licença. Para isso, é fundamental alinhar discurso à prática e garantir a manutenção dos empregos após os afastamentos, o que incentiva outros a seguirem o mesmo caminho. Regina Madalozzo aponta que os homens deixam de adotar a licença estendida, pois também teriam medo de serem prejudicados no trabalho. Mas essa percepção é comprovada no caso das mulheres: quase metade delas ficam sem emprego até dois anos após a licença-maternidade, padrão que se prolonga por até quase quatro anos, segundo estudo da FGV de 2017.

Juliana Poli, gerente de marketing sênior da 99, não foi demitida e usufruiu do benefício da Empresa Cidadã, mas relata ter sentido medo de ficar desempregada. Na época da gestação, ela trabalhava apenas com homens e sentia que precisava mostrar que a gravidez não a diminuía como profissional.

"É um salto muito grande essa licença ampliada de quatro para seis meses, faz muita diferença até você ficar mais segura", diz. O marido dela, autônomo, tirou 30 dias de licença, o que foi muito positivo para ela e o bebê. Já o retorno ao trabalho foi melhor do que ela esperava. "Quando voltei, fui muito bem recebida, perguntaram o que eu queria fazer, cheguei com calma, deu tempo para eu me organizar."

Na Câmara, as discussões são tímidas e o projeto de lei aguarda despacho do presidente da Câmara para definir o que será feito a partir dele. Uma das possibilidades é a formação de uma comissão especial para discuti-lo junto com outras propostas, como o PL 1974/21, apresentado em maio pela deputada Sâmia Bomfim. "Talvez a licença parental ainda não tenha ganhado corpo, mas o tema da primeira infância vem ganhando relevância e poderá facilitar o entendimento e a importância da licença", diz Leandre.

EDITAL DE CONVOCAÇÃO DE ASSEMBLÉIA GERAL - SOCIEDADE ANÔNIMA
SIBRAL ADMINISTRADORA DE BENS S/A
CNPJ 09.138.884/0001-10

Pelo presente Edital, convidamos os senhores acionistas para a reunião de Assembleia Geral Ordinária (AGO) que se realizará no dia 20 de outubro de 2021, às 14:00hs na sede social da empresa, à R. Dom Carlos Gouveia Coelho, 171 – sala 11 (CEP 58011030), Trincheiras – João Pessoa-PB, com a seguinte Ordem do Dia:

a) Eleição o conselho de administração e diretores;
b) tomar as contas dos Administradores, examinar, discutir e votar orçamento para expansão das atividades;
c) deliberar sobre a destinação quadro societário, capital social e outros relativos ao assunto;
d) Inserção/mudança de atividades econômicas;
e) outros assuntos de interesse geral da sociedade.
f) Mudança de endereço fiscal para Av. Cabo Branco, 1780 – sala 12, caixa postal 43 – Cabo Branco – João Pessoa-PB.

João Pessoa-PB, 08 de outubro de 2021.
SEVERINO BEZERRA CABRAL NETO
DIRETOR

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.

Aos •domingos •com

Messina Palmeira

Editoração:
Ulisses Demétrio

1 Os engenheiros de origem paraibana, Leonardo e Gustavo Perazzo, respectivamente pai e filho, são finalistas no prêmio Talento Engenharia Estrutural, uma iniciativa da Gerdau e da Associação Brasileira de Engenharia e Consultoria Estrutural (ABECE), e que tem como objetivo reconhecer e premiar os profissionais ou empresas que desenvolvem projetos de destaque na engenharia de estruturas. A família Perazzo, representada em João Pessoa pelo engenheiro Homero Perazzo, está orgulhosa de contar com representantes nordestinos no evento mais importante da engenharia estrutural do país.

2 Belle Soares, Berenice Paulo Neto, Sara Cabral, Ney Suassuna, Rayner Holmes Borba, Celene Sitônio, Sandro Galvão, Carmi Lisboa, Simone Gasmann, Fernando Rabelo e Marise Rosa são os aniversariantes da semana.

3 A Secretaria de Cultura de Cajazeiras e a Academia Cajazeirense de Artes e Letras foram agraciadas com a doação de parte do acervo da biblioteca particular do Dr. Ivan Bichara, filho da cidade. A oferta consta de 55 caixas contendo cerca de dois mil livros dentre as obras do notável romancista e outras de sua leitura preferencial. A doação da família, depois de ouvida a matriarca da família, D. Mirtes Almeida, foi intermediada pelo Dr. Guilherme Sargentelli (foto),neto do ex-governador da Paraíba. Da oferta, consta também a doação ao prof. Francelino Soares dos originais do romance "Tempo de Servidão". Não precisa dizer da exultação do professor com a honrosa distinção.

4 A cantora Nik, e seu filho o cantor e compositor Jhony Fernandes, lançam projeto direcionado a pessoas autistas "Tá BLZ", na próxima quarta-feira (13/10), com as participações do Palhaço Pipoca e da personagem Dona Creuza.

5 Ana Flávia Pereira (na foto, com a filha Bárbara e o namorado desta, Sergio Belloni), sempre com o apoio do advogado Samuel Sales, já está na terra do Tio Sam, resolvendo assuntos profissionais e revendo os amados filhos e queridos netos.

6 O Centro de Cursos Inglês e Espanhol, liderado pelo jornalista e professor Alexandre Resende e localizado no Tambiá Shopping, está com novos cursos profissionalizantes, além dos tradicionais cursos de inglês, espanhol e informática.

7 O advogado e jornalista Rui Galdino (na foto, com o presidente da API, Marcos Weric) promoveu evento para apresentar, oficialmente, a jornalistas e formadores de opinião a Carta de Arrematação do Tambaú, importante empreendimento hoteleiro paraibano.

8 Na noite da última terça-feira, tivemos a oportunidade de festejar o Dia Nacional da Cachaça, degustando as delícias do restaurante Camarada Camarão e o sabor inigualável da cachaça São Paulo. Na ocasião, registramos a presença de Ronaldo Ribeiro, sócio proprietário do Camarada Camarão João Pessoa, ao lado de Rafael, Luciana e Múcio Fernandes, proprietários do Engenho São Paulo.

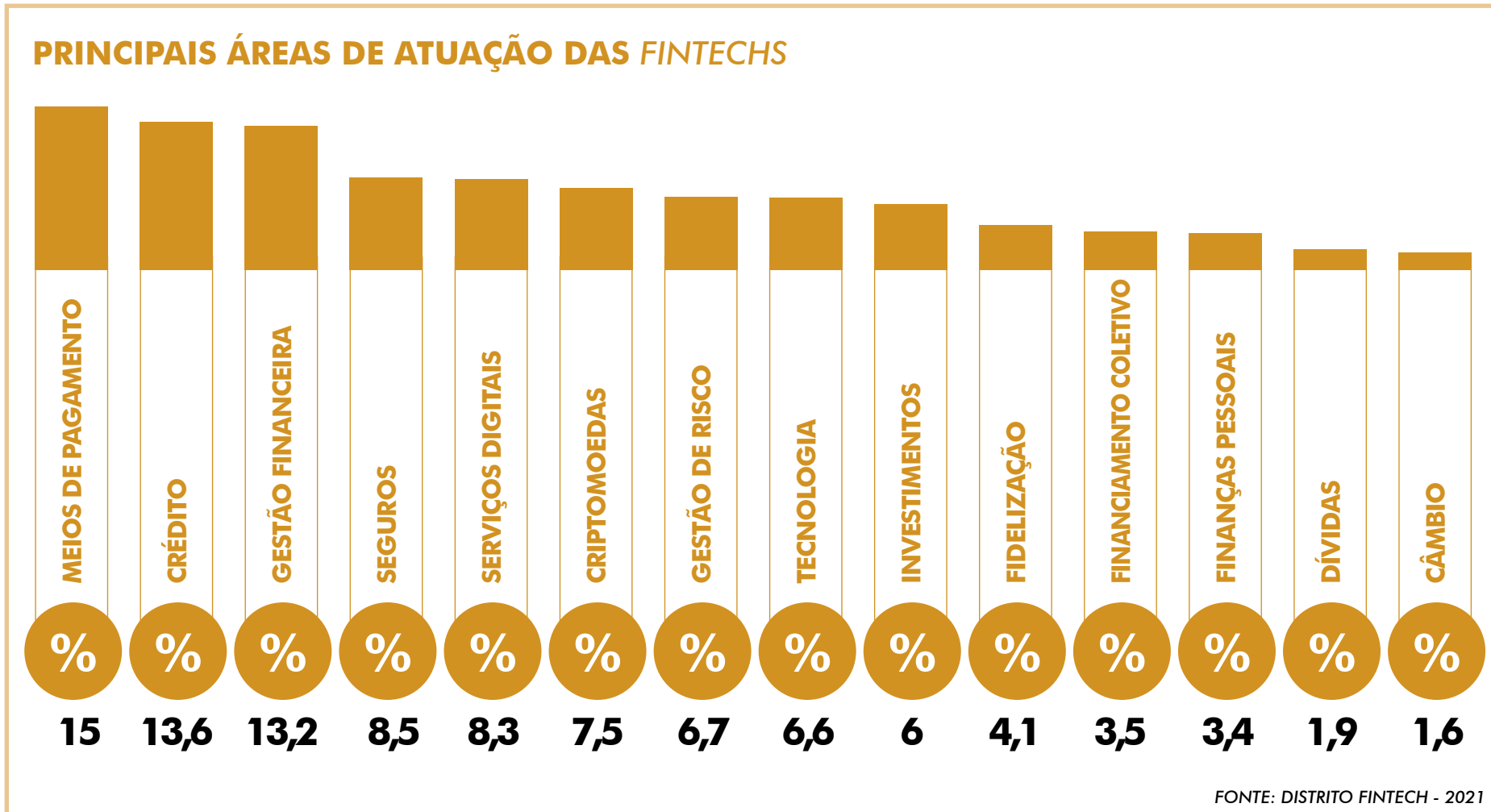
9 A escrivã de polícia e mediadora no TJ, Betinha Gomes, comemorou o recebimento de certificado de Instrutora de cursos de Conciliacão e Mediação Judiciais, ao lado do marido Vicente Silva e da amiga Thereza Madalena.

10 A querida empresária Elízia Lopes, entre Chico Franca e sua esposa, Carmem e o secretário de Turismo de João Pessoa, Daniel Rodrigues, festejou 30 anos de sua empresa a Internacional Turismo, cercada do carinho de familiares e amigos.

Mercado de *fintechs* conquista público sem conta em banco

Empresas facilitam o pagamento de contas, a emissão de cartões de crédito e oferecem soluções financeiras aos clientes

Carol Cassoli
Especial para **A União**



Com o desenvolvimento de novas tecnologias e o grande público "desbancarizado" no Brasil, o mercado financeiro se vê diante de instituições especializadas que, observando este cenário, buscam resolver problemas antigos e oferecer soluções específicas às novas demandas da sociedade. É assim que as *fintechs* ganham espaço na vida dos brasileiros e, segundo a plataforma de serviços digitais Celcoin, reduzem em 1,8 quilômetro o trajeto da população paraibana de casa até o banco.

Fruto da junção entre os termos "financial" e "technology", as *fintechs* são empresas que criam alternativas econômicas a partir das necessidades de seus clientes, funcionando como bancos que, sem sede física, atendem virtualmente. Além disso, cada *fintech* oferece um tipo especializado de serviço e, hoje, já existem 14 sistemas diferentes para soluções que vão desde crédito e pagamento de contas a investimentos e gerenciamento de criptomoedas, por exemplo.

Paraibana, a empresa de tecnologia financeira Conpay surgiu há três anos e faz parte do boom das *fintechs* no Brasil que, segundo o levantamento Inside Fintechs, da empresa de monitoramento digital Distrito, foi responsável por aportes de mais de R$ 5 bilhões de janeiro a maio deste ano.

Criada por ex-colaboradores de uma empresa voltada a pagamentos, a Conpay nasceu com o propósito de oferecer a seus clientes contas totalmente digitais da maneira mais simples possível. De acordo com sua assessoria, a empresa é resultado de uma estratégia traçada pelos sócios Leandro Xavier e Stefano Maia ao perceberem que as empresas tradicionais estavam perdendo algumas oportunidades para se diferenciar entre os concorrentes.

Finanças

Fintechs no país foram responsáveis por aportes de R$ 5 bilhões no primeiro semestre

Neste contexto, a ideia era unir o aprendizado de anos no mercado financeiro à criticidade de enxergar novas possibilidades e, assim, criar uma empresa voltada para o cliente; algo que, segundo a Inside Fintechs, se torna cada dia mais uma tendência neste mercado.

Para Rodrigo Jovê, que é graduando em Economia e possui certificação para indicação e distribuição de investimentos (CPA 20), a principal diferença entre as fintechs e as instituições financeiras convencionais é a personalização do serviço oferecido. Segundo ele, enquanto os bancos ainda tentam levar serviços genéricos à população, as fintechs conseguem identificar as necessidades de cada cliente a partir de informações compartilhadas em bancos de dados e até mesmo pelo Open Banking (que é resultado do impacto que essas empresas geraram no sistema financeiro). "Quem é um bom pagador terá mais regalias, enquanto quem é mau pagador terá mais restrições. É necessário conquistar a confiança das *fintechs*", aconselha.

Simplicidade e ausência de burocracia

A estratégia de personalização da experiência individual da clientela tem gerado bons frutos para estas instituições financeiras. Usuária da carta de serviços de mais de três *fintechs*, a analista de tecnologia Ellen Souza se rendeu à praticidade de ter um banco na palma da mão. De acordo com Ellen, a agilidade e facilidade na criação de contas e realização de operações é um dos principais critérios que a fizeram entrar, há dois anos e meio, para a comunidade de pessoas que usam os serviços dessas empresas.

Na opinião da analista de tecnologia, a lista de vantagens em ser cliente é extensa e vai desde a possibilidade de um atendimento totalmente remoto até a oferta de taxas mais brandas do que as oferecidas por bancos convencionais.

Além disso, Ellen explica que, com as demandas do dia a dia, a simplificação da burocracia é um ponto que deve ser levado em consideração na hora de optar por uma instituição tradicional ou inovadora. "Às vezes eu uso mais um banco que outro simplesmente pela facilidade de uso do aplicativo. A experiência do usuário também conta muito", relata.

Considerando as mudanças de mercado e as inovações as quais as empresas têm se rendido, o graduando em Economia, Rodrigo Jovê, enxerga nas *fintechs* o futuro dos bancos como a população conhece hoje. "Atualmente, já vemos exemplos de bancos que têm lançado versões digitais sob outras marcas", observa.

Continua na página 18

Desenvolvimento Econômico e Gestão Estratégica

Chico Nunes
francisco.nunespb@gmail.com | Colaborador

Políticas públicas que poderão influenciar os rumos do agronegócio

Seguindo com o entendimento das novas medidas anunciadas pelo Governo Federal para o aquecimento da economia, hoje vamos compreender o que é a Cédula de Produto Rural Verde (CPR-Verde), que foi criada pela Presidência da República e sancionada em 1º de outro de 2021, utilizando ainda como fonte o blog Observatório da Política Econômica.

Trata-se de um processo de consolidação do mercado de compensação voluntária de emissões de carbono (CO2), fornecendo segurança jurídica e possibilitando que o produtor rural possa ser remunerado pela preservação ambiental, enquanto aguarda o final do ciclo produtivo agrícola.

Para uma melhor compreensão de como os interessados devem proceder, o processo corre da seguinte forma: primeiro o produtor rural detentor de ativos ambientais como, por exemplo, um projeto agroambiental que capture carbono, ou uma área de floresta com prevalência de alguma espécie ameaçada, emite uma CPR-Verde em favor de um comprador.

Uma vez emitido, o título deverá conter a promessa de entrega do produto com as especificações de qualidade e quantidade, acompanhadas de certificação por terceira parte (em particular, agências certificadoras de carbono). Finalizando o processo, com a certificação da entrega do produto acordado (captura de carbono), o produtor rural é remunerado.

Segundo estimativas realizadas pelo citado blog, nosso potencial de certificação de créditos de carbono em nível de Brasil pode chegar a 1,5 bilhão de toneladas por ano, representando um mercado potencial de 45 bilhões de dólares por ano (levando em conta um preço de 30 dólares por tonelada de CO2).

Após a criação deste Decreto da CPR-Verde, todas atenções dos operadores de mercado para a parte verde do Brasil, em especial, para a região da Mata Atlântica e para a floresta Amazônica. A pergunta que não quer calar é: o Semiárido nordestino terá algum tipo de contemplação neste decreto? A opinião de especialista no assunto é de que temos chances sim, mas será preciso adotar uma estratégia de mudança na matriz energética de algumas atividades, além de adequar o texto legal que foi sancionado.

Considerando que o Semiárido nordestino é uma das regiões mais afetadas pelos impactos das mudanças climáticas e a desertificação, principalmente pela caracterização de sua agricultura, com baixo grau de tecnificação e elevada dependência da disponibilidade de recursos naturais, precisamos ficar atentos e reivindicar as necessárias adequações para que não fiquemos de fora deste contexto.

Fazendo um dimensionamento territorial do que representa a região semiárida em termos de Brasil e, principalmente, de Nordeste, os números por si só justificam qualquer esforço no sentido de inseri-la de forma mais adequada nos termos do Decreto supra mencionado.

Temos 1.262 municípios brasileiros localizados no Semiárido, representando mais de 1 milhão de km^2, cerca de 12% do território nacional. Neste espaço reside aproximadamente 27 milhões de compatriotas, com mais da metade em áreas rurais, em situação de muita pobreza. Os piores IDH do Brasil são encontrados nesta região, considerados baixos ou muito baixos.

Os números dos possíveis alcances desta medida, são bastante expressivos, aferidos em termos de bilhões, mas o nosso Nordeste poderá novamente receber muito pouco. Sendo enfático neste ponto, precisamos promover uma substituição da matriz energética de algumas atividades produtivas, a exemplo da cerâmica vermelha, celulose e papel, siderurgia, beneficiamento de mandioca, padaria, gesso, dentre outros.

Dando os créditos de boa parte desta análise ao Observatório da Política Econômica, com quem me alinho em percepção ao tratar deste tema, o setor industrial nordestino pode ser acomodado na categoria de projetos com impactos ambientais, presentes no texto legal da CPR-Verde. Fico torcendo para que nossos legisladores e gestores públicos estejam atentos e consigam viabilizar os ajustes deste Decreto, para que possamos promover uma melhoria do nosso agronegócio.

Foto: Freepik

Foto: Arquivo pessoal

Inovação oferecida pelas empresas que atuam com tecnologia financeira é o principal atrativo para conquistar os consumidores como Glaucy Grangeiro e Rodrigo Jovê, que buscam facilidades para lidar com contas e dinheiro

Foto: Orlilo Antonio

Clientes buscam versatilidade e mais autonomia financeira

Número de fintechs voltadas a atender a este novo perfil de consumidor vem crescendo no Brasil nos últimos anos

Carol Cassoli
Especial para **A União**

Voltadas não apenas ao fornecimento de crédito ágil, as *fintechs* têm se destacado por sua versatilidade e capacidade de adaptação ao mercado. Segundo o levantamento Distrito Fintech 2021, existem, hoje, no Brasil, aproximadamente 1.150 empresas de tecnologia financeira. Cerca de 400 a mais que no ano passado e 600 a mais que em 2019.

No setor elétrico brasileiro, a *fintech* Voltz, da Energisa, é a primeira a atuar neste segmento. E, apesar de oferecer soluções para pagamentos, a Voltz vai além do esperado e inova com a oferta de uma conta digital sem taxas, que pode ser aberta em cerca de três minutos.

Em sua carta de serviços a Voltz informa que ao aderir à conta digital, o cliente também passa a ter acesso a oportunidades exclusivas. "Atentos às demandas de nossos clientes identificamos o desejo de outros produtos relacionados a crédito, como financiamento de contas de energia (produto que será lançado este mês) e também a necessidade de oferecer seguros digitais, produtos de assistência e cashback em compras, on-line e em lojas físicas".

Além de apostarem na variedade, as *fintechs* também se interessam por campos ainda não desbravados no mercado financeiro, como os 34 milhões de brasileiros que não têm contas bancárias ou sub-utilizam os serviços oferecidos por seus bancos. Segundo um levantamento do Instituto Locomotiva, 21% da população - ou um em cada três brasileiros - está fora do sistema financeiro. Juntas, estas pessoas movimentam, por ano, em torno de R$ 347 bilhões.

Serviços

Fintechs procuram oferecer vantagens e atender aos desejos dos clientes para fidelizá-los

Para Rodrigo Jovê, este cenário é propício para o desenvolvimento das empresas de tecnologia financeira. "A automatização feita pelos algoritmos das *fintechs* promove redução dos custos de serviços e isso pode levar produtos financeiros a essas pessoas", explica.

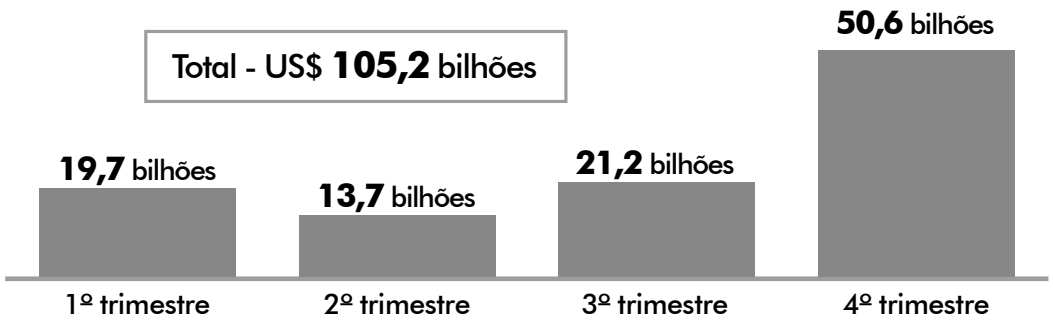
Barreiras

Neste contexto, o único empecilho ao crescimento do setor seria o acesso pleno à tecnologia de bolso (como smartphones, tablets e computadores). Sob a perspectiva de Jovê, no entanto, esta é uma barreira que tende a, naturalmente, ser superada, e, de acordo com o Instituto Locomotiva, já está sendo ultrapassada. Segundo o levantamento do Instituto, 60% das pessoas desbancarizadas têm acesso tanto à internet quanto a celular e 49% dos brasileiros - com conta ou não - se sentem desconfortáveis em instituições financeiras convencionais.

Cliente de quatro *fintechs* diferentes, a bacharela em Direito, Glaucy Grangeiro também foi conquistada pela facilidade de abertura de contas digital e gratuitamente. Para ela, as contas digitais também podem servir como um investimento caso o cliente tenha interesse em guardar seu dinheiro por um tempo e queira rendimentos no futuro.

De qualquer forma, Glaucy não desdenha dos bancos tradicionais. Mesmo perdendo parte de seu espaço para as *fintechs*, as instituições financeiras convencionais ainda têm seu valor para a jovem. "Meu atual emprego não aceita banco digital para realizar seus pagamentos de salário. Nesse caso, é indispensável recorrer a um banco físico", enfatiza ao contar que também possui conta na Caixa Econômica Federal.

INVESTIMENTOS EM *FINTECHS* - 2020



FONTE: DISTRITO FINTECH - 2021

Mercado passa por rápida expansão

Com mais de 30 funcionários e, aproximadamente, mil clientes, a Conpay se viu diante de uma rápida expansão. Pouco mais de um ano após entrar no mercado, a *fintech* paraibana se uniu à empresa Novio (então iniciante no ramo de pagamentos). Hoje, dois anos depois da fusão, a Conpay se destaca por proporcionar soluções completas, a partir de diversos meios de pagamento e por sua própria conta digital.

Vivenciando as constantes mudanças no ambiente que atravessa a realidade das *fintechs*, a empresa vê a média subir não apenas entre seus colaboradores, mas também no cenário nacional. Segundo a pesquisa Distrito Fintech 2021, atualmente, as empresas de tecnologia financeira contam com uma média de 57 funcionários em seu ecossistema que, em geral, ainda é relativamente jovem.

O levantamento apontou que a quantidade de *fintechs* existentes, entre os anos 2000 e 2010 correspondia a apenas 11% do total observado hoje. Durante o período de 2014 a 2021, no entanto, mais de 59% das *fintechs* surgiram, apontando para um mercado que, além de estar em expansão, também está em desenvolvimento.

Competição com bancos é saudável

Diante do cenário competitivo que a ascensão das *fintechs* gerou no país, as instituições tradicionais manifestaram críticas às novas empresas de soluções financeiras. De acordo com a Federação Brasileira dos Bancos (Febraban), os bancos são favoráveis ao aumento da competição no setor e a estimulam em todos os níveis. Segundo a Febraban, a competição é um caminho para aprimorar serviços e o relacionamento com os consumidores, que é visto como um dos principais pilares de uma economia saudável.

Apesar disso, no entanto, a federação ressalta que, para que o ambiente se desenvolva de maneira saudável, é importante que uma competição justa aconteça. "A Febraban salienta a importância de que as regras sejam iguais para todos os competidores que prestam o mesmo tipo de serviço e que tenham portes semelhantes, sejam bancos já estabelecidos ou novos entrantes".

Do ponto de vista da Febraban, estas condições seriam capazes de evitar o desbalanceamento e o desequilíbrio nas relações de concorrência, com atores semelhantes sendo submetidos a regras diferenciadas.

Por outro lado, no entanto, a Zetta, uma das associações responsáveis por sintetizar o posicionamento das *fintechs* brasileiras, vê estas empresas como inovadoras. De acordo com a associação, as empresas estão alterando a lógica e o rumo do mercado financeiro e a competição faz parte do processo. "Há menos de uma década, ter e aceitar cartão de crédito não era algo simples para a maior parte das pessoas físicas e jurídicas. O surgimento dos bancos digitais, com todos os desafios por eles enfrentados, transformou a relação com o dinheiro e meios de pagamentos."

A Zetta afirma que a relação do público com seu dinheiro mudou de tal maneira que, hoje, poucas pessoas se lembram como o mercado era antes das *fintechs*, seja por meio da inovação em cartões, investimentos, seguros e em toda ou através da gama de serviços oferecidos por cada empresa. A associação afirma, ainda, que as *fintechs* facilitaram o acesso dos brasileiros às instituições financeiras e permitiram um maior poder de escolha ao consumidor. "O boom de *fintechs* está contribuindo para diminuir a concentração bancária, redução dos juros, inclusão financeira e oferta de produtos mais competitivos. Estamos construindo um futuro com maior democratização e facilidade de acesso a todo o universo financeiro".

Na foto maior, equipe do projeto de pesquisa em microclima do Cariri paraibano; no detalhe, uma das estações, localizada em São Sebastião do Umbuzeiro

Pesquisa "traduz" o Cariri em fórmulas matemáticas

Dados gerenciados por projeto desenvolvido na PB vão auxiliar no estudo da vegetação, do solo e da temperatura na região

Márcia Dementshuk
Assessoria da SEC&T

Em 1623, Galileu Galilei disse que "o universo (...) está escrito em linguagem matemática, e as letras são triângulos, círculos e outras figuras geométricas, sem o que é humanamente impossível compreender uma única palavra." A modelagem ambiental é uma representação matemática do ambiente.

Essa ferramenta matemática será usada nas pesquisas no Cariri, de Lukas Barbosa de Melo, mestrando no Programa de Desenvolvimento e Meio Ambiente da UFPB, Lucas Nascimento da Silva e Rivaildo Ribeiro de Souza Filho, graduandos do curso de Engenharia Ambiental da UFPB e membros do PIBIC, com a coordenação pelo professor Dr. Bartolomeu Israel de Souza.

Os dados gerenciados pelo projeto de pesquisa em microclima no Cariri paraibano irão compor fórmulas matemáticas para criar modelos ambientais que trarão respostas sobre o comportamento da vegetação, do solo, da temperatura em um cenário de mudanças climáticas. São 12 estações meteorológicas coletando dados diariamente, a cada hora, desde 2017 e cinco geotermômetros a cada 15 minutos, desde 2020.

Sabendo que estas pesquisas estão em fase inicial, solicitamos um exemplo do que poderá ser investigado através da modelagem ambiental: "Num cenário de aumento de 1,5°C na temperatura do ar, como será o comportamento da temperatura do solo, da umidade do ar e do ponto de orvalho?"

A proposta foi pegar como base os dados referentes a um dia de coleta de duas estações (uma em local degradado e outra em local com mais vegetação) e simular o aumento da temperatura do ar. De cara, os pesquisadores resistiram a esse pedido: "Não é tão simples. São muitos fatores envolvidos e estaremos distantes de uma resposta científica mais acertada."

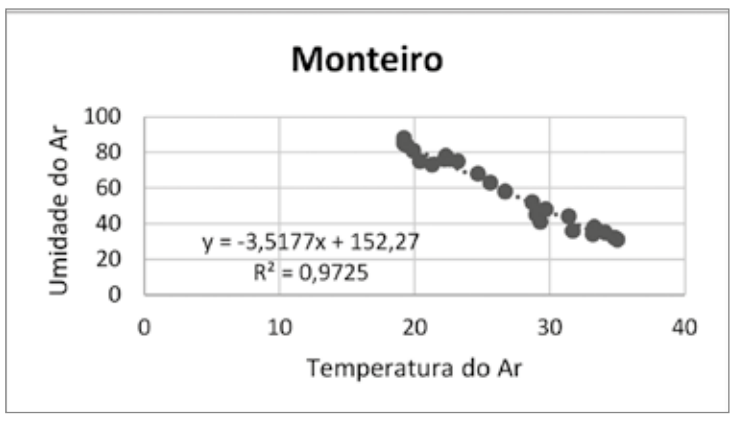
Deixando isso bem claro, chegamos a um exemplo que serve para mostrar como a pesquisa será conduzida e a quantidade de cálculos empregados nessa tarefa. No dia 20 de setembro de 2021, os pesquisadores coletaram em campo os dados da temperatura do ar, a umidade do ar, o ponto de orvalho e a temperatura do solo (10 cm de profundidade), das estações em Monteiro (área degradada) e São Sebastião do Umbuzeiro (área preservada). Para esse exemplo, Lukas trabalhou com essas 96 variáveis iniciais, geradas em 24 horas, nas duas estações.

Para fazer as projeções Lukas aplicou fórmulas diferentes em cada categoria. Assim, ele conseguiu saber como as outras variáveis se comportariam. Usando técnica de modelagem, Lukas gera um gráfico para visualizar o resultado em cada hora do dia. As fórmulas trazem outra informação importante: o coeficiente de determinação, o "R2".

O R2 é como um "aviso". Vai dizer se os dados que Lukas tem são suficientes para gerar um resultado mais preciso, ou não. Quanto mais próximo de "1" for o R2, mais Lukas acertou nas correlações para encontrar um resultado mais acertado.

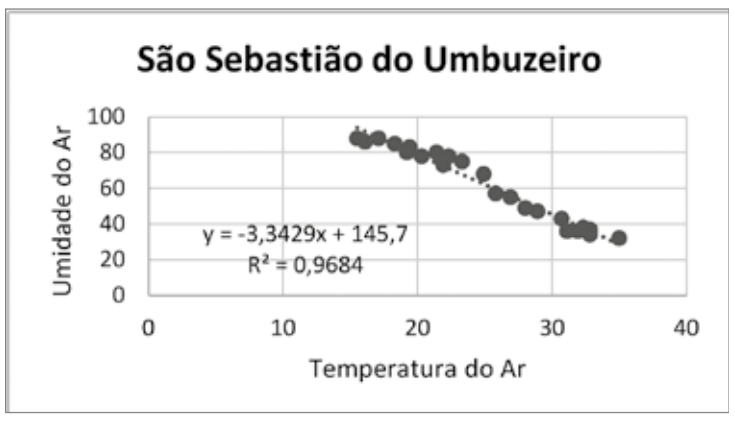
DADOS DE TEMPERATURA DO AR COM ACRÉSCIMO DE 1,5° C X UMIDADE DO AR

Estação em Monteiro
(Vegetação degradada)



Com o aumento de 1,5° C na temperatura do ar, a umidade do ar diminui em média 5mm. Existem outros fatores que influenciam, mas observe no gráfico valor de R2: está próximo de 1. Significa que essa relação é o suficiente pra entender como a umidade do ar vai alterar nesse cenário.

Estação em S. Sebastião do Umbuzeiro
(Vegetação mais preservada)



A relação entre a temperatura do ar e o ponto de orvalho é mais complexa, depende de outros fatores. O coeficiente de determinação, o R2, em Monteiro, ficou em 0,3913, muito baixo. Precisa de outras variáveis para investigar. O mesmo se deu com relação às mudanças na temperatura do solo.

Por ano, as 12 estações de monitoramento geram meio milhão de dados

É neste ponto que a pesquisa passará a utilizar técnicas de inteligência artificial. Um dos estágios é testar outras variáveis na fórmula para chegar a um R2 (o coeficiente de determinação) aceitável, próximo de 1. Por ano, as 12 estações de monitoramento geram 525.600 dados; mais os cinco geotermômetros. As correlações com outros dados podem ser feitas de milhares de formas. Sem contar com a inteligência artificial seria impossível avançar.

Tendo um resultado prévio satisfatório do modelo, o pesquisador irá validar essa fórmula usando dados reais observados em campo, capturados nas estações de monitoramento. Comparando os resultados, será obtida a "acurácia" do modelo, ou seja, o grau de acerto que o modelo ambiental proposto Lukas terá. Inicia-se outro processo de investigação manipulando cenários futuros, usando esse modelo encontrado e validado com esses procedimentos.

Com esses dados será possível ter uma amostra bem próxima do real na região do Cariri paraibano, suprindo a ausência de informações específicas desse local. O estudo permitirá compreender os impactos que as mudanças climáticas irão provocar no Cariri e motivar a sociedade a antecipar o planejamento de ações para diminuir esses impactos de modo a preservar a vida animal, vegetal e humana.

E se der tudo errado? "É assim mesmo", consola Lukas. "Tentamos outra técnica de inteligência artificial, formulamos outro modelo, até chegarmos a resultados aceitos pela comunidade científica".

Para entender

O físico Renan Aversari Câmara ressalta que o problema da modelagem é que talvez nunca se alcançará a complexidade das relações naturais.

> Estudo permitirá compreender os impactos que as mudanças climáticas irão provocar no Cariri

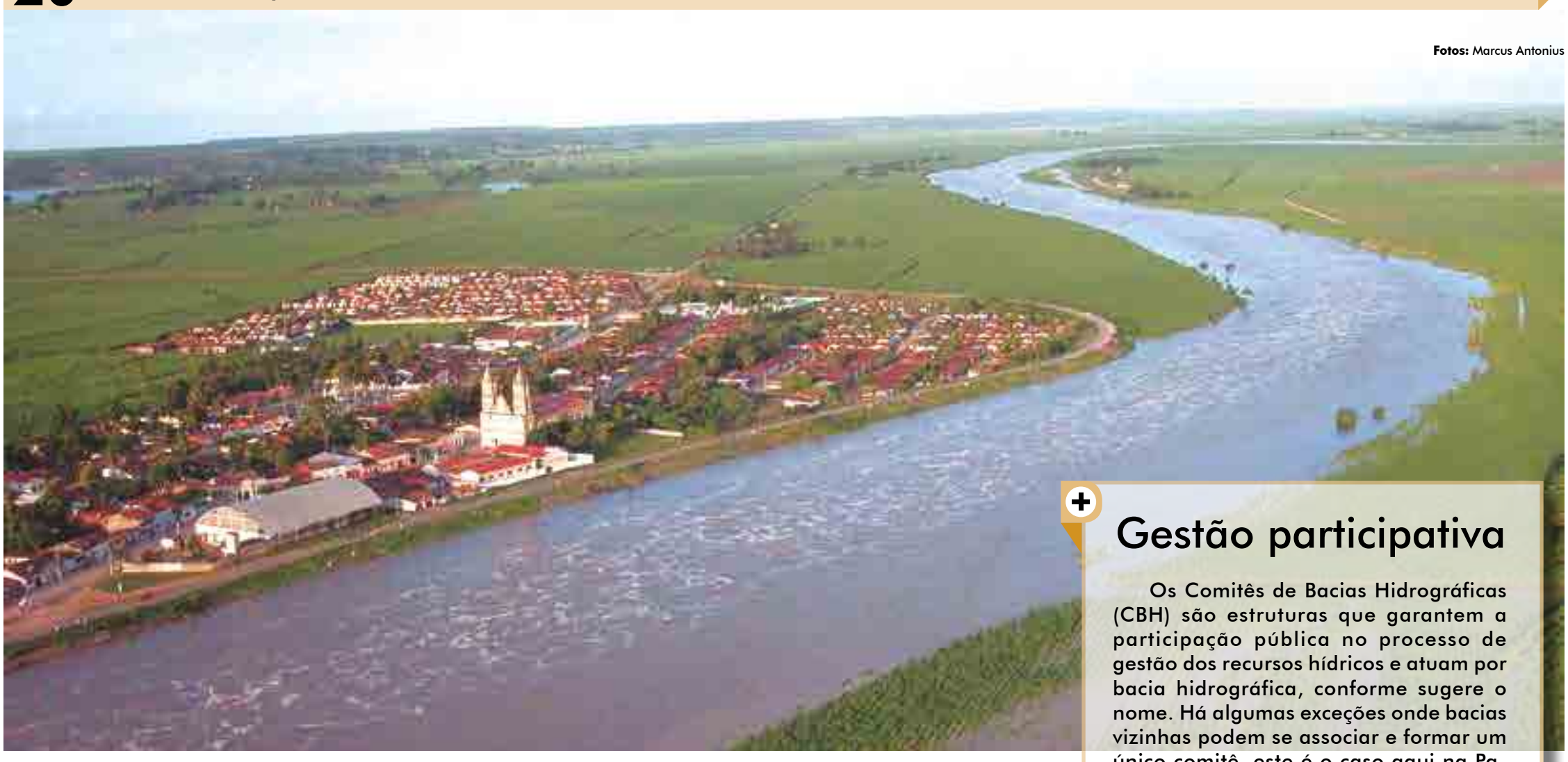
Para entender com precisão absoluta o que acontece em termos naturais, a cada grau de precisão que se avançar, tem que reduzir a escala.

Quando se estuda microclima, se faz cortes metodológicos para enquadrar o escopo de pesquisa. Nesse corte metodológico é onde reside o erro, pois é necessário relevar alguns fatores em escalas menores e maiores para chegar ao específico. Caso contrário não se dá conta de fazer um modelo específico e a ciência não avança.

Esse erro vai ser tolerado quando os cortes metodológicos não inferirem num erro tão grande quanto a escala de dados que o pesquisador pretende ter. Portanto, se a precisão dos dados que a pesquisa obter é superior ao erro estimado, então o resultado é satisfatório. O "erro estimado" é a acurácia. É aceitar cientificamente as limitações humanas diante da complexidade da natureza.

"Na amplitude do universo, esses cortes são necessários e o fator instigante é quando se encontram outras pessoas trabalhando em outras escalas e que começam a perceber as mesmas coisas. Os fenômenos vão se entrelaçando, significa que essas modelagens estão boas, prevendo fenômenos naturais", instiga Renan. A contribuição da pesquisa feita no Cariri encaixa com uma pesquisa com outro escopo e vai se completando o mosaico global.

Fotos: Marcus Antonius



A bacia hidrográfica do Rio Paraíba integra um dos quatro comitês existentes na Paraíba, que estimulam a participação pública nas decisões sobre recursos naturais

Projeto ensina na escola o valor dos recursos naturais

Comitês capacitam professores e gestores da rede pública visando o fortalecimento da educação e da consciência ambiental no Estado

Beatriz de Alcântara
azdbea@gmail.com

O Governo do Estado da Paraíba, através da Agência Executiva de Gestão das Águas (Aesa), se uniu em parceria aos Comitês de Bacias Hidrográficas locais para a realização do projeto Comitês nas Escolas. O objetivo da iniciativa é capacitar professores e gestores da rede pública de ensino para o fortalecimento da gestão participativa dos recursos hídricos e assim também contribuir para a educação ambiental no ensino público.

O projeto, que foi dividido em quatro partes, teve a primeira etapa realizada no primeiro semestre deste ano junto ao Comitê da Bacia Hidrográfica do Litoral Sul. Na ocasião foram capacitados mais de cem professores de 35 escolas. Na área de abrangência do Comitê da Bacia Hidrográfica do Litoral Norte, o Governo do Estado convidou 116 escolas e mais de 200 já se inscreveram para uma capacitação que ainda irá acontecer.

A segunda etapa, iniciada na última segunda-feira, atenderá 116 escolas urbanas, rurais e indígenas em 49 municípios paraibanos.

A escolha das escolas participantes é feita por meio da Aesa, que "analisa quais unidades de ensino estão na área de abrangência de determinado Comitê de Bacia e envia convites para escolas desta região", informou a assessoria de comunicação do órgão. O projeto é realizado todo na modalidade virtual e é oferecido o kit "Comitês nas Escolas", que auxilia no repasse do conhecimento para os alunos. O projeto estima que quase três mil alunos já tenham sido beneficiados.

Além do Governo Estadual, por meio da Aesa, e dos Comitês de Bacias Hidrográficas, ainda participam do projeto Comitês nas Escolas a Secretaria da Educação e da Ciência e Tecnologia (SEECT), a Secretaria de Estado da Infraestrutura, dos Recursos Hídricos e do Meio Ambiente (Seirhma), a Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), a Companhia de Água e Esgotos da Paraíba (Cagepa) e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) junto com o Instituto Federal da Paraíba (IFPB).

> "Levar a temática dos recursos hídricos para a sala de aula é poder abordar a importância da água, discutir a poluição dos rios e mares e apresentar as bacias hidrográficas"

De acordo com Taciana Cirilo, coordenadora de Educação Ambiental da Sudema, a atuação do órgão no projeto contempla a execução das aulas, em parceria com os demais integrantes, "realizando a monitoria das salas de aula on-line e a avaliação da capacitação". Para a especialista, "levar a temática dos recursos hídricos para sala de aula é poder abordar a importância da água, discutir a poluição dos rios e mares e também apresentar as bacias hidrográficas, o local a que elas pertencem, como são formadas e onde estão inseridas, por exemplo".

Foto: Arquivo pessoal

Taciana, da Sudema, ressalta importância do projeto e ação dos comitês

Joacy Nóbrega, diretor administrativo financeiro da Aesa, reforça a importância do projeto Comitês nas Escolas reiterando a ideia de Taciana. "Depois de nossa casa e do meio familiar, é a escola que nos forma, que nos capacita através do conhecimento e das experiências que nos são transmitidas. Esse tema é de fundamental importância para a criar na consciência das gerações atuais e futuras uma convivência harmônica com o meio ambiente, melhorando o uso racional dos recursos naturais e em especial os recursos hídricos", completou.

Para Nóbrega, os impactos sociais que resultam do investimento em educação ambiental são garantia de um futuro mais sustentável. "Quando o indivíduo adquire conhecimento sobre a importância dos recursos naturais desde cedo, melhor será a preservação ambiental com sua exploração mais pensada em sua sustentabilidade", concluiu o diretor administrativo financeiro da Aesa.

+ Gestão participativa

Os Comitês de Bacias Hidrográficas (CBH) são estruturas que garantem a participação pública no processo de gestão dos recursos hídricos e atuam por bacia hidrográfica, conforme sugere o nome. Há algumas exceções onde bacias vizinhas podem se associar e formar um único comitê, este é o caso aqui na Paraíba. No Estado, existem quatro comitês, diante da otimização, e em todo o país são 233 CBHs.

Os comitês paraibanos se dividem em: Litoral Sul, Litoral Norte, Rio Paraíba e o Rio Piancó-Piranhas-Açu, que é um comitê federal. O primeiro engloba as bacias do Gramame e Abiaí; o segundo contempla as bacias hidrográficas de Miriri, Mamanguape e Camaratuba; e o terceiro, a bacia do Rio Paraíba. Por fim, a última bacia configura um comitê federal porque abrange dois estados, a Paraíba e o Rio Grande do Norte.

"Nós temos esses quatro comitês na Paraíba e ainda temos quatro bacias que não têm comitês porque são bacias também compartilhadas com o Rio Grande do Norte, que são as bacias do Rio Guaju, Jacu, Curimataú e Trairi, pequenas e localizadas no extremo norte do Estado. As águas fluem para o Rio Grande do Norte, então, também seriam comitês federais e, por isso, a Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA) tem que coordenar a implantação destes comitês", explicou Mirella Costa, vice-presidente do Comitê das Bacias Hidrográficas do Litoral Norte.

A formação dos comitês é de suma importância para manter a gestão e a formação de políticas públicas voltadas aos recursos hídricos mais próximas da sociedade civil, que pode, inclusive, contribuir de forma ativa através deles. "Nós temos várias competências e, por exemplo, uma pessoa da sociedade civil ou usuário de água, um agricultor, por exemplo, pode participar do comitê, pode influenciar as decisões desse comitê e de todo um sistema de recursos hídricos. Então, a gente estimula essa participação sempre para que a sociedade realmente integre esse processo de gerenciamento de recursos hídricos", afirmou Costa.

Segundo a vice-presidente do CBH do Litoral Norte da Paraíba, quanto mais pessoas conhecem um comitê e compreendem que as decisões referentes aos recursos hídricos acontecem de baixo para cima, ou seja, a partir das discussões e planejamentos dos comitês, e que isso pode ser adotado pelos órgãos competentes, elas se sentem estimuladas a participarem. "Os comitês atuam no sentido de trabalhar conjuntamente com os órgãos do Estado, que são os órgãos instituídos oficialmente", completou Mirella Costa.

Um exemplo de atuação dos CBHs que inspiram os trabalhos na Paraíba vem do comitê do Rio Paraíba do Sul. "Eles têm muitos projetos, principalmente, de melhoria da qualidade da água. Por exemplo, estações de tratamento de água para levar água de boa qualidade para as pessoas ou estações de tratamento de esgoto para tratar os esgotos antes de lançar novamente os efluentes nos rios. São projetos de recuperação de áreas degradadas, enfim, é uma vasta gama de projetos que podem ser instituídos pelos comitês para a recuperação da bacia hidrográfica e manutenção da sua sustentabilidade", finalizou a vice-presidente do comitê do Litoral Norte.

Brasileirão

A Série A do Campeonato Brasileiro programa para este domingo apenas dois jogos: Internacional x Chapecoense e Santos x Grêmio. Página 23

Foto: Lucas Uebel/Grêmio

Foto: Reprodução/wikipédia

CAMPINA GRANDE 157 ANOS

TERRA DOS "MAIORAIS" E DO BASQUETE

Campinense x Treze é um dos clássicos mais tradicionais do Nordeste e leva multidão ao Estádio Amigão

Rivalidade entre Campinense e Treze divide corações na Rainha da Borborema, que agora também palpitam pelo Unifacisa

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Cidade de cultura, comércio e um povo cheio de orgulho de sua história, Campina Grande completa 157 anos de sua emancipação, amanhã. Nesse trajeto do tempo, a cidade que divide a Paraíba entre o Litoral e o Sertão acumulou personagens, conquistas e memórias diversas onde, sem dúvida alguma, as relações de afeto e pertencimento com o esporte estão entre os recortes mais valorosos. Assim, a rivalidade entre Campinense e Treze, sintetiza esse sentimento e o presente, com o basquete, abre caminho para novas um futuro que se abre.

Nesse caminho que confunde tradição, com paixão e representatividade, ao mesmo tempo em que dividem a cidade ao meio, Campinense e Treze, também são projeções fortes do seu povo para a Paraíba e o Brasil. Conhecido como um dos clássicos de futebol mais relevantes do interior brasileiro e, seguramente, um dos maiores do Nordeste, o Clássico dos Maiorais, quando se desenha nos gramados e lota as arquibancadas do Estádio Amigão, impõe, com o peso da história, o retrato máximo do que é ser de Campina Grande e, literalmente, vestir suas cores, sejam elas rubro-negras ou alvinegras.

Clássico dos Maiorais

Mas essa história de rivalidade, ainda que o Campinense tenha nascido em 1915 e o Treze, em 1925, só ganha a projeção que possui a partir dos anos 1960, quando a Raposa chega para disputar o campeonato estadual de futebol e, já de princípio, institui a maior sequência de títulos do futebol paraibano, entre 1960 e 1965, abrindo caminho para um período de afirmação do futebol de Campina Grande no Estado, até então, amplamente dominado pela capital.

Com o Campinense em campo, o Treze que desde sua fundação militava no futebol e, a partir do final dos anos 1930, passou a disputar as competições em nível estadual, deixou de ser um combatente exitoso, porém solitário. Afinal, o Galo - que passou a disputar o paraibano em 1939 - acumulava, até aquele momento, três títulos estaduais (1940, 1941 e 1950), em uma luta hercúlea contra o poderio do futebol de João Pessoa, que nos 21 anos, entre a presença do alvinegro e o surgimento da Raposa para o futebol, havia vencido 17 vezes com Botafogo, Auto Esporte e os extintos Astréa, Estrela do Mar e Red Cross. Havendo ainda, nesse intervalo, um triunfo do Filipéia de Bayeux.

Antes da Raposa, além do Treze, cabe ainda uma menção honrosa ao Ipiranga que, em 1946, ficou com a segunda colocação do Campeonato Paraibano representando o futebol campinense. No entanto, é após a década de 1960 e, consecutivamente, o surgimento do Clássico dos Maiorais, que o futebol de Campina Grande se consolida no cenário da Paraíba. Desde então, foram 61 edições da disputa com 34 títulos para a Rainha da Borborema, sendo 21 do rubro-negro e 13 do alvinegro.

Jornalista e professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Léo Alves atribui ao Clássico dos Maiorais e à cultura esportiva da cidade de Campina Grande, uma parte fundamental da essência da cidade. Para ele, seja através do futebol ou agora, também o basquete, as pessoas fortalecem seus vínculos sentimentais com a sua terra natal e local onde vivem e esse fator é gerador de um sentimento de pertencimento único que independe até mesmo do clube ou modalidade pela qual se joga ou torce.

"Campina Grande orgulha-se de ter um dos maiores clássicos do interior do Brasil. Treze e Campinense, o Clássico dos Maiorais. Esse orgulho do futebol é uma extensão do sentimento das pessoas pelo seu lugar. É o orgulho do povo de uma cidade que é pioneira em vários aspectos. Foi em Campina que se instalou a primeira televisão local do Estado (1963), o primeiro computador da região Nordeste (1967), o primeiro parque tecnológico do Nordeste e um dos cinco primeiros do Brasil (1984). Esse pioneirismo também se reflete no futebol com a conquista da Copa Nordeste pelo Campinense (2013) e a melhor campanha de um time paraibano em Copas do Brasil, com o Treze (2005). Esse é um processo que agora estende-se para outro esporte, através do Basquete Unifacisa, que disputa a divisão de elite nacional. Neste sentido, o esporte em Campina Grande fortalece o sentimento de pertencimento da cidade, o amor e orgulho por ela, o ser parte, morar, viver e levar esse local com sigo. O esporte também é marca dessa identidade regional", analisou Léo Alves.

Bola ao cesto faz sucesso

Em 2012, quando surgiu, o departamento de esportes da Unifacisa, o sonho de fazer de Campina Grande um polo do basquete, no Nordeste e no Brasil, existia apenas na cabeça de Diego Gadelha e Eduardo Schafer, diretor da equipe e gestor da equipe, respectivamente. Hoje, o Basquete Unifacisa é uma realidade que faz da cidade paraibana uma das referências no esporte coletivo profissional do país. Pela ousadia e competência na aplicação de seus projetos e metas, o time campeão da Supercopa do Brasil - espécie de terceira divisão - e da Liga Ouro - o segundo nível do país -, chegou, em 2019, ao NBB e desde então, tem se mantido entre os 10 melhores times do país.

Para a jornalista e pesquisadora Geovanna Teixeira, o Basquete Unifacisa é exemplo de gestão e a prova de que é possível, mesmo em uma cidade do interior da Paraíba, fazer esporte coletivo em nível profissional e competir com as principais potências do país. Para ela, hoje, Campina Grande já respira basquete e a cidade deve, cada vez mais, fortalecer seus vínculos com esse esporte que fez da cidade que aniversaria amanhã, uma vitrine para esse esporte, no Brasil.

"Além de fomentar o basquete e a prática da modalidade, na cidade, o Basquete Unifacisa representa um projeto que deu certo, um programa de gestão estruturado em projetos de curto, médio e longo prazo, algo que não vemos, por exemplo, no futebol. Então, essa passa a ser uma referência importante para a cidade e para os esportes coletivos da Paraíba. Além disso, o atrativo de mídia para a cidade, a partir da equipe é imensurável, pois temos uma exposição constante, em nível nacional, já que em praticamente todos os materiais de divulgação e materiais feitas sobre a equipe, Campina Grande é foco ou entra como menção de uma cidade, do interior da Paraíba que está brigando no principal nível do esporte no Brasil. Então, hoje, passa a existir essa relação direta entre a equipe e a cidade", comentou Geovanna.

Para a pesquisadora, o Basquete Unifacisa, mesmo com menos de 10 anos de existência, já conseguiu enraizar uma semente importante na história esportiva de Campina Grande. Hoje, além da equipe profissional, clubes tradicionais como o Campestre, já passam a investir também nesse esporte, inclusive, suprindo necessidades que passaram a surgir na cidade, como divisões e times de base que já estão fomentando a descoberta de novos talentos e, principalmente, fortalecendo a relação dos campinenses com a modalidade desde cedo.

Foto: Daniel Nery/Unifacisa

Unifacisa criou o departamento de basquete em 2012 e conseguiu um grande feito ao unir a cidade em torno de seu projeto vitorioso com a bola ao cesto

"Agora, já vemos esse crescimento se refletindo, por exemplo, no projeto de retomada que vemos no Clube Campestre onde o basquete surge como expoente. Inclusive, cobrindo lacunas como o trabalho de base em categorias de entrada no esporte. Ou seja, temos hoje um movimento de basquete forte na cidade. Sabemos da força do futebol e de sua história, mas sem dúvida alguma, o basquete chegou para abrir um novo momento e representar Campina Grande em outros espaços. Ainda é uma modalidade, no nível profissional, relativamente nova, se compararmos com o futebol, mas mesmo assim, já se estabeleceu com um formato diferente que vai desde a cultura de gestão, ao espetáculo criado e a forma de torcer. Tudo isso contribui para o crescimento que estamos vendo. É um legado em construção e quem ganha é a cidade, dentro e fora das quadras", explicou Geovanna Teixeira.

Com um time na elite do Brasil e um trabalho de base forte sendo estabelecido, não há qualquer indício de que o basquete perca o fôlego que ganhou nos últimos anos, em Campina Grande. Pelo contrário, a tendência é apenas de crescimento e consolidação da Rainha da Borborema como centro do esporte da bola ao cesto no Nordeste. Exemplo de sucesso que serve de referência para outros esportes, pois prova que, para o povo de Campina não há limites em relação ao que é possível ser feito em uma cidade que leva no seu nome, o desejo máximo dos esportes, estar entre os maiores e ser grande em tudo.

Fotos: Alexandre Vidal/Flamengo

Michael supera depressão e risco de criminalidade

Jogador se envolveu com drogas, brigas e roubos que atormentaram a família, e até chegou a pensar em suicídio

Toni Assis
Agência Estado

"Pô, no Goiás você jogava demais. Contra o Flamengo, você foi um monstro naquele Brasileiro (de 2019). Ninguém desaprende. Eu quero aquele atacante do Goiás jogando aqui comigo". As palavras de Renato Gaúcho logo nos primeiros treinos no Ninho do Urubu serviram como um divisor de águas para Michael no elenco rubro-negro. De atleta secundário e marcado pela torcida, ele virou peça fundamental para mudar jogos. Em muitos deles, acabou sendo importante não só com assistências, mas também com gols.

Em entrevista ao Estadão, Manoel Messias de Oliveira, de 60 anos, e pai do novo xodó da Gávea, contou a transformação que o treinador rubro-negro provocou na vida do filho desde que foi contratado para o lugar de Rogério Ceni, há poucos meses.

"Ele fala que o Renato é o seu parceirão. Mudou tudo desde que ele chegou. E o trabalho não ficou só no discurso. Nos treinos, corrigiu algumas deficiências do Michael, direcionou trabalho específico e fez meu filho estar novamente focado para a volta por cima", comentou o pai do atleta.

Desde a sua chegada ao Rio, em janeiro de 2020, Michael passou por muitas transformações. Contratado a peso de ouro após o excelente campeonato que fez pelo Goiás, o atacante viu a sua rotina mudar, a primeira delas foi trocar Goiânia pelo Rio de Janeiro. O protagonismo do time esmeraldino deu lugar ao papel de coadjuvante no Ninho do Urubu. Mas foi fora de campo que as coisas se complicaram. E a depressão foi o primeiro sinal de que algo não ia bem.

"A transição foi difícil. Dinheiro demais às vezes atrapalha. Muitas pessoas começaram a pedir coisas. E o Michael não sabia dizer não. Ele precisou de uma ajuda psicológica. Ele se sentia um caixa eletrônico. Achava que as pessoas só agiam por interesse. Logo depois da mudança para o Rio, a mulher engravidou. Não é fácil. Para ter uma ideia, uma vez ele me ligou e disse que estava vendo uns vultos. Daí pedi para fazer orações. Logo depois viajamos e passamos um tempo juntos no Rio", afirmou Messias, em um tom bastante emocionado. Michael não conseguiu tempo na agenda para atender a reportagem.

Em entrevista ao Canal Barbaridade, no YouTube, tempos atrás, o atacante revelou ter passado por momentos difíceis e chegou até mesmo a pensar em suicídio. De origem humilde, o patriarca se apegou aos conselhos para amenizar o sofrimento do atacante flamenguista e lhe mostrar caminhos.

Pai de quatro filhos, o professor de informática teve dificuldades na criação das crianças, principalmente após a separação da mulher. Primogênito, Michael começou a seguir por caminhos perigosos ainda na adolescência. Álcool em excesso, envolvimento com drogas, brigas e roubos passaram a atormentar a família.

"Sinceramente, não via futuro para o meu filho. Entrou no crime muito cedo. Com 13, 14 anos ele ia para as bocas de fumo. Eu saía à noite desesperado atrás dele. A polícia vinha sempre atrás dele e dos amigos. Escapou de tomar tiro várias vezes. Roubava carros e depois jogava dentro do rio. Fiquei sabendo disse só bem mais tarde. Ele (Michael) saiu de Poxoréu (cidade onde foi criado, no Mato Grosso e que fica a 251 km ao sul de Cuiabá) fugido. Foi para a casa das tias, em Goiânia, e continuou aprontando e andando com pessoas erradas", afirmou ao Estadão.

Igreja

Os tempos de turbulência só terminaram quando um amigo de Michael foi morto a tiros. Com a ajuda do amigo e técnico Fabrício Carvalho, o jogador foi entrando nos eixos, passou por alguns times da capital goiana e ganhou destaque. Mas segundo Miriam Alves, madrasta do jogador, foi a igreja que o ajudou a mudar de vida.

"Ele aceitou a Jesus e as coisas foram acontecendo em sua vida. Sei que, mesmo envolvido com drogas, ele sofria. Tinha um bom coração. Tive câncer e o Michael me ajudava nas tarefas de casa. Uma vez, num momento de desespero, ele suplicou: 'Deus, se você existe, abra uma porta para mim. Logo depois ele foi para o Goianésia, fez três gols em um jogo e apareceu nos gols do Fantástico (quadro esportivo de programa de televisão que vai ao ar aos domingos à noite). O Goiás ficou de olho nele e o contratou", contou Míriam.

Pai corinthiano

Esqueça o Michael problemático e envolvido com pessoas erradas. Desde que passou a se destacar no Goiás, o atacante ligeirinho colocou os pais como prioridade em sua vida. A transferência para o Flamengo ajudou a mudar esse panorama. "Hoje temos uma vida de tranquilidade. O Michael nos proporciona uma velhice sossegada. E procura ajudar não somente a gente, mas também os seus irmãos. A mãe biológica também é auxiliada pelo filho. Temos muito orgulho de ver o nosso menino brilhando no futebol", comentou o pai.

Corintiano assumido, Messias espera ver um dia o filho vestindo a camisa de seu clube do coração. "Brinco com ele que se jogar Corinthians e Flamengo, torço por uma vitória do Corinthians por 2 a 1, mas com um gol dele. Claro que estou brincando. Agora tenho dois times para torcer. Mas o restante da família é toda flamenguista mesmo. A Míriam, minha mulher, que é cruzeirense, também virou Flamengo por causa dele", completou Messias.

Em dias de jogos em sua casa, filhos e netos se amontoam na sala com a camisa rubro-negra. Dentre os familiares, uma merece destaque especial. "A minha mãe, Maria Rosa, de 83 anos, é doida com o Michael. Ela tem a bandeira separada e fica segurando. Quando o neto está jogando e sofre alguma falta, ela fica muito brava", comentou aos risos o pai do atacante.

Há pouco menos de dois meses para a final da Libertadores contra o Palmeiras, em Montevidéu, Messias e Míriam já tem o roteiro definido a seguir. Mas se engana quem pensa que o pai e a madrasta vão estar assistindo à decisão no estádio Centenário. "Vamos viajar agora em outubro e ficar um tempo na casa do Michael. Tem a nossa neta e vamos matar a saudade. A Andrezza, minha nora, é sensacional e muito importante na vida dele. Mas prefiro ver o jogo aqui na minha casa mesmo, com meus familiares Não gosto de sair do Brasil. O que eu quero mesmo é ver o Michael jogando num Maracanã lotado."

Durante a conversa, Messias comentou sobre o cotidiano do filho quando está em sua casa, no Rio. E revelou hábitos que ele conserva desde os tempos em que morava em Poxoréu. "Gosta de lavar o carro, ir para a cozinha preparar um tira-gosto e faz uns pratos bem legais. O meu filho é bom de garfo, mas também é bom na cozinha. Ele ainda montou uma academia completa e faz exercícios o tempo todo. A alimentação é toda balanceada, certinha. Dá até orgulho ver a dedicação dele."

Medalhões

Por fim, Messias contou que, nessa nova fase de Michael no Flamengo, algumas pessoas foram muito importantes na sua adaptação e transformação. Entre os amigos, o destaque ficam para o goleiro Diego Alves, o meia Diego e ainda o lateral-esquerdo Felipe Luís.

"Não sei, mas de repente foi o próprio Renato Gaúcho que pediu ajuda para os veteranos. São atletas com rodagem, que já passaram muitas coisas na vida e abraçaram o Michael. Nos bons momentos, você pode reparar, ele está sempre comemorando com esses três. O Rafinha também era muito próximo, mas infelizmente acabou deixando o Flamengo. Enfim, é bom saber que pessoas boas estão cercando nossos filhos", completou.

Transição de um time intermediário para um grande, como o Flamengo, foi difícil e precisou até de ajuda psicológica

Brasil tenta a 10ª vitória nas Eliminatórias contra Colômbia

Seleção lidera o torneio com 27 pontos e joga hoje na cidade de Barranquila, às 18 horas, em partida pela quinta rodada

Foto: Lucas Figueiredo/CBF

Este ano, Brasil e Colômbia se enfrentaram pela Copa América com vitória brasileira por 2 a 1, gols de Roberto Firmino e Casemiro. Hoje, o confronto é pelas Eliminatórias da Copa de 2022

O Brasil vai, hoje, em busca de sua décima vitória nas Eliminatórias para a Copa de 2022 no Catar e terá pela frente a Colômbia, em jogo da atrasado da 5ª rodada. Na última quinta-feira, a seleção de Tite derrotou a Venezuela por 3 a 1 e chegou aos 27 pontos A novidade deste jogo será o retorno de Neymar que cumpriu suspensão.

Até o momento já foram disputados 32 jogos entre Brasil e Colômbia, com 19 vitórias da Seleção, dez empates e apenas três triunfos dos colombianos. O último encontro foi no dia 23 de junho deste ano pela Copa América com vitória brasileira por 2 a 1, gols de Roberto Firmino e Casemiro, descontando Luíz Dias. O jogo deste domingo às 18 horas será no Estádio Metropolitano, em Barranquila.

A Colômbia também é o último adversário sul-americano que o Brasil enfrentou em uma Copa do Mundo FIFA. Pelas quartas de final do Mundial de 2014, a Seleção Brasileira venceu por 2 a 1 na Arena Castelão, em Fortaleza. Os gols da partida foram marcados por Thiago SIlva e David Luiz (de falta).

Estreia de Tite em casa

Foi contra a Colômbia que o técnico Tite teve seu primeiro contato com o torcedor da Seleção Brasileira. Depois de estrear vencendo o Equador por 3 a 0 fora de casa, o treinador comandou o Brasil na vitória por 2 a 1 sobre a Colômbia na Arena da Amazônia, em Manaus.

O placar foi aberto por Miranda, logo no primeiro minuto de jogo. A Colômbia empatou no fim da primeira etapa, com o gol contra de Marquinhos. Mas Neymar tratou de garantir a vitória para a Seleção no primeiro jogo de Tite dentro de casa. A partida seria a segunda de uma sequência de nove vitórias, que marcou o início do trabalho do treinador na Canarinho.

9 x 0

foi a maior goleada imposta pelo Brasil à Colômbia, no ano de 1957, em Lima

Jogo da Amizade

Em janeiro de 2017, Brasil e Colômbia se enfrentaram no Jogo da Amizade, uma partida amistosa em homenagem às vítimas do acidente aéreo da Chapecoense.

Meses após o trágico acidente, as duas seleções fizeram um amistoso para arrecadar fundos para as famílias das 71 vítimas. Em campo, a Seleção Brasileira venceu por 1 a 0, mas não houve maior vencedor naquele dia do que a solidariedade. Um jogo que entrou para a história do nosso futebol justamente por não se resumir ao que aconteceu dentro das quatro linhas.

Maior vitória

Em 1957, o Brasil derrotou a Colômbia por 9 a 0, o maior placar em toda a história do confronto. A partida, válida pela Copa América do Peru, estabeleceu um recorde que até hoje não foi quebrado na Seleção Brasileira. O atacante Evaristo de Macedo marcou cinco gols na goleada, a melhor marca de um jogador com a "Amarelinha" em partidas contra seleções.

No Estádio Nacional de Lima, o placar foi aberto por Pepe. Com três gols, Evaristo sacramentou a goleada ainda antes do intervalo, que teve o Brasil vencendo por 4 a 0. Na volta para o segundo tempo, Didi marcou duas vezes, Zizinho ampliou e Evaristo foi às redes em mais duas oportunidades para dar números finais à partida: 9 a 0.

Goleada no Maracanã

Pela segunda rodada das Eliminatórias da Copa do Mundo de 1978, o Brasil recebeu a Colômbia no Maracanã. A partida contou com um público pagante de mais de 160 mil pessoas e foi um verdadeiro espetáculo para todos os presentes. Coincidentemente, a goleada foi construída por jogadores que atuavam no futebol do Rio de Janeiro.

O placar foi aberto por Roberto Dinamite, ídolo do Vasco da Gama. Zico, do Flamengo, ampliou, e Roberto voltou a marcar minutos depois. Antes do intervalo, Marinho Chagas fez o quarto. Na volta para o segundo tempo, Chagas, que jogava no Fluminense à época, foi às redes novamente. Antes do apito final, Rivellino, também do Tricolor, completou a goleada por 6 a 0.

Homenagem a Tancredo

Um dos mais importantes políticos brasileiros, Tancredo Neves morreu no dia 21 de abril de 1985. Meses antes, ele havia sido eleito Presidente da República, mas nunca chegou a assumir o cargo. Tancredo foi homenageado pela Seleção Brasileira em um amistoso quatro dias depois de sua morte. No Mineirão, em Belo Horizonte, o Brasil recebeu a Colômbia e a partida foi tomada de homenagens a Tancredo. Antes da bola rolar, os times respeitaram um minuto de silêncio em lembrança póstuma ao político. A Seleção vestiu braçadeiras pretas para lembrar Tancredo e, dentro de campo, venceu por 2 a 1, com gols de Alemão e Casagrande.

Brasileirão

Internacional enfrenta a Chapecoense no Beira Rio

Foto: Ricardo Duarte/Internacional

O Internacional vem crescendo no Brasileirão e já ocupa a oitava posição na tabela. Neste domingo, enfrenta a Chapecoense em casa

Da Redação

Apenas dois jogos vão acontecer pela 25ª rodada do Brasileiro da Série A, hoje. No Estádio Beira-Rio, o Internacional vai receber, a partir das 11 horas, a Chapecoense, lanterna da competição, que no meio de semana impôs dificuldades ao líder Atlético Mineiro no empate de 2 a 2. A equipe de Santa Catarina em 24 jogos soma apenas 12 pontos e dificilmente escapará do rebaixamento. São 14 derrotas, nove empates e apenas uma vitória. Sua defesa levou 38 gols e o ataque marcou 20, um saldo negativo de 18 gols. Já o Internacional vive uma fase de recuperação na disputa e ocupa a oitava posição com 33 pontos. O Colorado, nos 23 jogos, conseguiu oito vitórias, nove empates e seis derrotas com o seu ataque marcando 26 gols, mas a defesa sofrendo 23, um saldo positivo de apenas três gols. No outro jogo de hoje, na Vila Belmiro, a partir das 16 horas, o Santos recebe o Grêmio, em mais um confronto de clubes desesperados. O Peixe está em 16ª lugar na classificação, uma posição à frente de seu adversário. Tem 25 pontos contra 23 do time gaúcho que abre a Z4. Nos 25 jogos soma cinco vitórias, 10 empates e oito derrotas. O ataque marcou 21 gols e sofreu 29, saldo negativo de oito gols. Já o Grêmio faz uma de suas piores campanhas. Tem jogos atrasados e até agora chegou a 22 atuações com seis vitórias, cinco empates e 11 derrotas, marcando 20 gols e sofrendo 26, um déficit de seis gols. Na última rodada, empatou em 2 a 2 com o Cuiabá, enquanto o Santos ficou na igualdade com o São Paulo em 1 a 1.

Foto: Guilherme Drovas/Botafogo

Botafogo vai precisar jogar um "bolão" para se reabilitar

Belo enfrenta amanhã o Paysandu pela segunda rodada do quadrangular decisivo do Brasileiro da Série C

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Após perder na estreia para o Ituano, o Botafogo busca a reabilitação no quadrangular de acesso da Série contra o Paysandu. O jogo seria realizado neste final de semana, mas foi adiado para esta segunda-feira, a pedido do time paraense, por causa da saída do Círio de Nazaré, pelas ruas de Belém. A partida está programada para as 20 horas, no Estádio da Curuzu, com arbitragem paranaense comandada por José Mendonça da Silva Junior, auxiliado por Rafael Trombeta e Weber Felipe Silva.

O Botafogo não gostou da escalação do árbitro José Mendonça e pediu formalmente à CBF, a sua substituição, mas não foi atendido. A alegação do Belo é que ele anulou quatro gols do time em um jogo contra o Ferroviário, no Almeidão, em 2018, dos quais, pelo menos dois deles foram legítimos e não houve impedimento como ele marcou. A CBF alegou que não havia mais tempo hábil para a troca, segundo o Estatuto do Torcedor, e também porque reconhece que o árbitro acertou na anulação de dois gols por impedimento.

É nesse clima e precisando vencer, que o Botafogo entra em campo, em um momento delicado, com o ataque sofrendo muitas críticas pelos gols que vem perdendo nos últimos jogos. O técnico Gerson Gusmão reconhece a fragilidade no setor, mas promete achar uma solução para o problema, já nesta partida contra o Paysandu.

Os números dos confrontos entre os dois clubes na Série C mostram muita igualdade. Paysandu e Botafogo se enfrentaram seis vezes, com duas vitórias do Botafogo, duas do Paysandu e dois empates. Na competição atual, o Belo levou a melhor nas duas partidas que disputou contra o Papão da Curuzu, na fase de classificação. Na primeira, ganhou por 2 a 0 em Belém e por último 2 a 1, em João Pessoa.

Para o técnico Gerson Gusmão, as vitórias servem apenas de motivação, mas não garantem que o clube vá conseguir um novo resultado positivo. "O fato de termos vencido nos motiva, nos dá um pouco mais de esperança, mas o contexto agora é outro. O quadrangular é outro campeonato e os clubes estão em outro nível disputando o acesso para a Série B. Eu acredito que será um jogo muito disputado", afirmou.

Sem nenhum problema de suspensão ou contusão, Gerson não garante se vai fazer alguma alteração no time e no sistema de jogo. Se repetir a escalação da partida contra o Ituano, o Belo deverá começar a partida da seguinte forma: Felipe, Sávio (Pablo), Daniel Felipe, William Machado e Tisunami (Gabriel Araújo); Tinga, Pablo e Clayton, Kleiton, Welton Felipe e Juba (Luã).

Paysandu

No Paysandu, o empate fora de casa contra o Criciúma motivou bastante o elenco para este jogo contra o Botafogo. Desde que assumiu o comando técnico, no segundo turno da fase de classificação, Roberto Fonseca (ex-Botafogo) ainda não perdeu jogando na Curuzu. Foram quatro vitórias e um empate.

Outro fato que vem motivando muito o grupo é que esta partida contra o Botafogo vai marcar a volta do torcedor bicolor ao estádio. Está sendo preparada uma grande festa e a torcida promete comparecer em massa para empurrar o time paraense para cima do Belo.

Copa do Nordeste

Treze segue se preparando para jogo de estreia

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

O Treze segue treinando neste final de semana, sem folga, para o jogo de terça-feira, às 21h30, no Estádio Amigão, em Campina Grande, contra o Floresta, pelas eliminatórias da Copa do Nordeste 2022, competição prevista para começar em fevereiro. A partida é uma decisão e quem vencer, nos 90 minutos, ou na cobrança de penalidades, passará para a próxima fase e enfrentará o Santa Cruz, em Recife.

A grande novidade é a presença do atacante Daniel Passira, de 25 anos, que estava no Guarany de Sobral-CE, até o último domingo, quando o clube cearense foi eliminado da Série D pelo Campinense. Passira é o quarto reforço do Galo para as eliminatórias da Copa do Nordeste. Apesar de não ter a certeza se vai chegar à segunda fase da competição, o clube continua no mercado e tentando contrastar mais um zagueiro, um volante e um atacante.

"A ideia era já ter todos estes jogadores contra o Floresta, na próxima terça-feira, mas fomos surpreendidos pela antecipação do jogo feita pela CBF. Com isso, perdemos quatro dias de logística e treinos. Mas, o pensamento é conseguir chegar à fase principal da Copa Nordeste, já que ficamos devendo este ano e não teremos calendário no segundo semestre. As dificuldades são grandes para novas contratações, por causa da situação financeira que atravessa o clube. Porém, eu tenho certeza que o Galo vai passar pelo Floresta", disse o diretor executivo, Fernando Gaúcho.

A expectativa da torcida do Galo é muito grande. Os órgãos sanitários do município e do Estado, além do Ministério Público, concordaram com a presença de quatro mil torcedores no Amigão. As vendas já começaram na Loja do Treze, e no dia do jogo, serão nas bilheterias do Estádio Almeidão.

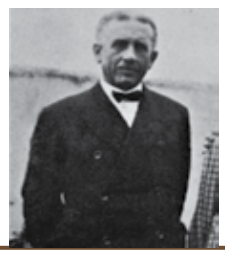
Foram destinados dois mil ingressos para a arquibancada sol, 1 mil 550 para a arquibancada sombra e 450 para as cadeiras. O clube já informou que vai manter o desconto dos idosos e estudantes, que vão pagar meia entrada. Em relação aos sócios, os adimplentes entrarão sem problema, de acordo com o plano de cada um.

Foto: Instagram/Trezeoficial

O atacante Passira já está treinando com o grupo para o jogo de estreia

Jornalista que era "fogo"

Álvaro Pereira de Carvalho é a personagem retratada desta semana na seção 'Quem Foi?'. De jornalista a governador da Paraíba, ele nasceu em Mamanguape, em 1885, e morreu em João Pessoa, em 1952, aos 67 anos. Página 26 e 27



Fotos: Reprodução

Fotos: Divulgação

Quadro 'A Falésia do Cabo Branco' é um dos destaques do livro, que mistura arte e história

'Retalhos da Pintura'

Livro inédito retrata a história da Paraíba por meio das tintas e pincéis com a finalidade de eternizar imagens e alargar os conhecimentos

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

Quem estiver interessado em história, hoje pode ver a Paraíba sob a face das tintas e pincéis, uma arte trazida até ao público por meio da mestra em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e artista plástica Laurita Caldas, no livro 'Retalhos da Pintura', com a finalidade, segundo ela, de "eternizar os marcos históricos da nossa terra e alargar os conhecimentos das gerações futuras". A mãe de Laurita, Maria Laura Caldas dos Santos, é parceira da filha nesse inédito livro, que retrata em telas coisas interessantes sobre a Paraíba: o Cabo Branco, a Pedra da Boca, a história dos flamboyants e outras atrações.

Ao elaborar a aquarela 'A Falésia do Cabo Branco', por exemplo, Laurita, que é bisneta de Trajano Américo de Caldas Brandão – um dos maiores filantropos e jornalistas da Paraíba –, afirma: "Não apenas esbocei um desenho para cobrir de tintas. Não! Procurei alertar que um acidente geográfico estratégico, referenciando a Paraíba nas cartografias náuticas desde o distante século XVI, também possui uma história notável". A arte delas – mãe e filha – tem essa história, pesquisada pelo autor desta reportagem.

Os exemplos de valor histórico dos temas elaborados em pincéis e tintas são muitos: além de excelente tema para filmes e artes plásticas, o Cabo Branco surgiu, com esse nome, no tempo do governador provincial Henrique de Beaurepaire Rohan, que ordenou, em 1868, aos cartógrafos David Polleman e Charles Bless o desenho do mapa geral da Paraíba, embora algumas localidades interioranas da época não tenham sido registradas.

No mapa mais antigo do Brasil, elaborado por Cantino, em 1502, o atual Cabo Branco aparece com o nome de San Vincenzo. Cantino fez esse trabalho a mando do seu patrão, o Duque de Carrara. Canério endossa a mesma denominação em seu mapa de 1505. O alemão Waldessemüller, em sua cartografia de 1507, segundo afirma o historiador paraibano Horácio de Almeida, "destaca o Cabo Branco com batismo idêntico".

> Temas elaborados e retratados no livro têm valor histórico e podem servir até como roteiros e narrativas em outros campos das artes

Waldessemüller foi o cartógrafo que, erroneamente, denominou o continente descoberto por Colombo de América, em homenagem a Américo Vespúcio. Na Carta de Marear de Reinnel, em 1616, o Cabo Branco ressurge com o nome de Cabo Spichel. A denominação de Cabo Branco, da atualidade, deve-se à cor de uma argila branca que abrange grande parte da falésia, avistada a 12 milhas da costa.

+ Flamboyants, "anaconda" e Caldas Brandão

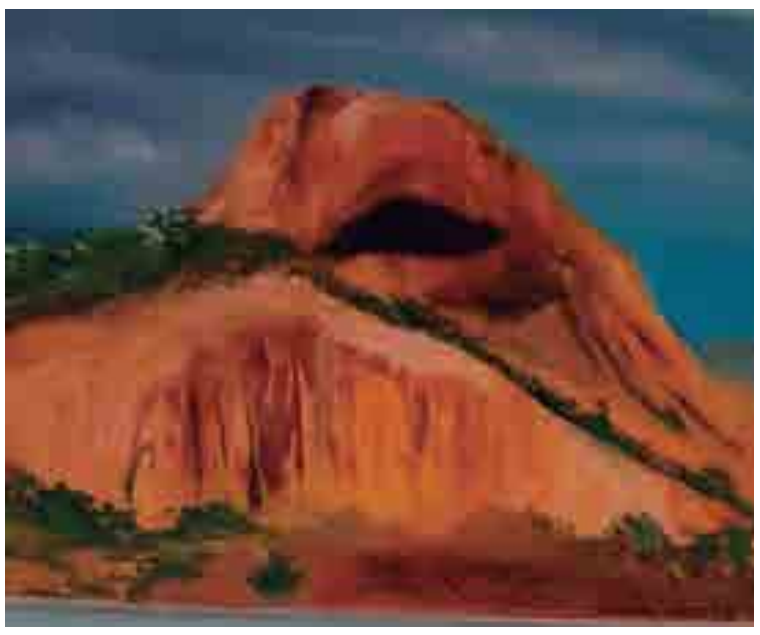
Nos pincéis e quadros de Laurita e Maria Laura, os flamboyants assumem um papel de raios flamejantes, exibindo a exuberância de sua cor vermelha, com leve toque de amarelo. Esse majestoso vegetal tem origem em Madagascar e chegou ao Brasil no início do século XIX. Na Paraíba foi introduzida por franceses que vieram criar fazendas de gado no Sertão e trouxeram mudas para transformá-las em futuros "sombreiros" dos pastos.

A Pedra da Boca, situada no município de Araruna, no Brejo paraibano, a 168 quilômetros de João Pessoa, uma vez captada pelos pincéis de Laurita e de Maria Laura se sobressai como "gigantesca serpente", surgindo por trás de uma montanha. Nesse quadro, retratado no livro, um detalhe especial: a "anaconda" só mostra um "olho", mas, na realidade, é a entrada da Pedra da Boca, produto de um fragmento de rocha que despencou no abismo, forçado pela ação corrosiva do salitre.

Laurita Caldas e Maria Laura Caldas dos Santos, filha e mãe nas artes plásticas

Retratar em óleo sobre tela um homem historicamente impulsivo como o desembargador Trajano Américo Caldas Brandão não é tarefa fácil. Mas, para a sua bisneta Laurita Caldas e sua neta Maria Laura, é. Elas pesquisaram por longos meses o perfil de seu ilustre antepassado e descobriram uma rua, uma praça e um município (Caldas Brandão) em seu nome, no Estado da Paraíba. Então aproveitaram uma foto antiga e a submeteram à mágica dos pincéis. Mais detalhes sobre o livro podem ser acessados nas redes sociais (Facebook).

Daí também nasceu a face do jornalista, filantropo, homem público e desembargador. Caldas Brandão foi captado em pincéis, no vigor de suas atividades múltiplas, aos 49 anos. A Paraíba deve a ele a ideia da criação do Montepio dos Servidores Civis do Estado e, entre outras coisas, a construção do novo prédio do Hospital Santa Isabel, em João Pessoa, quando Brandão era o provedor da Santa Casa da Misericórdia. "Ele era um homem justo e honesto, que acreditava no senso de justiça e na boa reputação alheia. A posteridade não o esquecerá", lembra Laurita.



A Pedra da Boca, situada no município de Araruna, captada pelos pincéis das artistas, que também valorizam as paisagens com flamboyants

Álvaro Pereira de Carvalho

Um jornalista perseguido pela "maldição do fogo"

Hilton Gouveia
hiltongouvearaujo@gmail.com

Inicialmente ele foi barbeiro, profissão que aprendeu com o pai. Não deu certo. Álvaro Pereira de Carvalho tinha 14 anos quando começou a procurar alguma coisa para fazer e ganhar dinheiro, pois a meta era sobreviver, alimentar-se, dormir e ter roupa limpa e passada. Já estava perto dos 18 anos quando entrou no jornalismo. Segundo confessou a alguns – entre eles Arthur Aquiles, um inflamado jornalista paraibano, muito simpático à causa da República –, a má sorte o perseguia, já que os dois jornais em que trabalhava foram incendiados.

E quais foram esses jornais? Eram os hebdomadários (edições semanais) *O Combate* e *O Comércio*, que, por desfecharem campanha tenaz contra os governos de Venâncio Neiva e José Peregrino de Araújo, foram empastelados por ordem do então chefe de polícia Antônio dos Santos Leal. Arthur Aquiles dos Santos usava esses jornais de sua propriedade para denunciar o que chamava de corrupção na administração desses dois governadores.

Arthur Aquiles, conhecido também pelos tipos de galhofas que improvisava, estimulava Álvaro de Carvalho a tachar as autoridades com apelidos grosseiros. Álvaro nunca aceitou essas ideias. Tais depredações, que buscavam impedir o trabalho da imprensa, ocorreram entre os anos de 1903 e 1904, numa fase de muita violência política na capital paraibana.

Amigos mais chegados, em tom de brincadeira, se dirigiam a Álvaro com a seguinte expressão: "Você é fogo". O menino humilde apenas ria, pois, intimamente, ele sabia que os poderosos da Paraíba surgidos entre o final do século XIX e o início do século XX se acreditavam inimputáveis, intocáveis e blindados contra qualquer tipo de punição. Por isso "a maldição do fogo" perseguiu esse intrépido jornalista por três anos.

Também ensaísta e escritor, Álvaro de Carvalho encontrava tempo para trabalhar em **A União**, onde foi redator por alguns anos. Mas, estudioso, enveredou no caminho da política, chegando a deputado federal e a governador – esse último cargo ele ocupou após a morte de João Pessoa, assassinado em Recife pelo advogado João Dantas, em 26 de julho de 1930. Álvaro passou apenas 26 dias como vice-governador e deixou o posto em 4 de outubro de 1930. No seu governo foi sancionada a lei que substituiu a bandeira do estado e a troca do nome de Cidade da Parahyba para João Pessoa.

Política

Nunca aceitou que fosse estimulado para tachar as autoridades com apelidos grosseiros

Antes de tudo isso, as dificuldades financeiras enfrentadas por ele e a família não o impediram de matricular-se na Faculdade de Direito de Recife, onde bacharelou-se em Direito no ano de 1916, aos 31 anos de idade. Para a sua época, ser culto e versado nos clássicos era façanha privativa de ricos. Álvaro desmentiu essa teoria, lendo todos os clássicos da literatura universal. Era de aplicada versatilidade profissional, além de político, secretário de estado, professor de literatura e de italiano do Liceu Paraibano. O fim da Revolução de 1930 mudou radicalmente sua vida.

O passo seguinte foi seguir para São Paulo e se estabelecer em Santos durante sete anos. Ali, lecionou inglês em colégios particulares e advogou algumas causas. Também destacou-se, já de volta à Paraíba, como um dos fundadores da Academia Paraibana de Letras (APL). Todos o consideravam "um operário dos mil instrumentos".

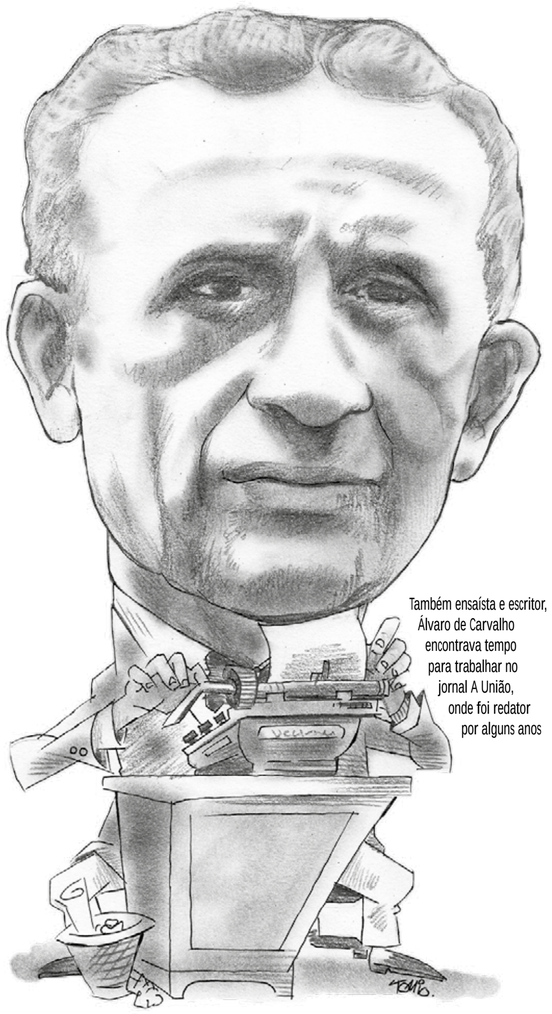


Ilustração: Tônio

Também ensaísta e escritor, Álvaro de Carvalho encontrava tempo para trabalhar no jornal A União, onde foi redator por alguns anos

Após se estabelecer em Santos, no litoral paulista, onde atuou como professor de inglês e advogado, Álvaro de Carvalho retornou à Paraíba e foi um dos fundadores da Academia Paraibana de Letras

Foto: Roberto Guedes

Biografia e citação honrosa ao lado de ídolos da sua terra

Álvaro Pereira de Carvalho nasceu em Mamanguape, no dia 19 de fevereiro de 1885. Morreu em João Pessoa, a 5 de outubro de 1952, aos 67 anos. Seus pais se chamavam Manuel Pereira de Carvalho e Francisca Leopoldina de Carvalho. Casou primeiramente com Luíza Gonzaga dos Santos, nascendo 11 filhos dessa união. Em 1947, aos 55 anos, casou em segundas núpcias com Francisca Marques da Rocha.

Nos anais da Biblioteca Nacional, Álvaro Pereira de Carvalho é citado, ao lado de grandes personalidades de Mamanguape, entre eles Carlos Dias Fernandes, o jornalista que, por ser inimigo de João Pessoa, foi o primeiro a ser demitido da Diretoria de A União, quando "o grande estadista" assumiu o governo da Paraíba, em 1927.

Também consta ao lado de Marcos Barbosa, que é citado por Adailton Coelho e Ataliba Nogueira como "o primeiro homem a voar no mundo com material mais pesado que o ar, cerca de 250 anos antes de Santos Dumont. Esses dois escritores contam que Barbosa improvisou um par de asas com as pás de arame e um tipo de estopa, voando por cerca de 300 metros. Sofreu uma queda sem consequências, assim protagonizando o primeiro acidente aéreo da América do Sul, numa época entre 1690 e 1710.

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Rádio não é só para ouvir, é para ver também

Quando eu era adolescente, participei de várias gincanas no Instituto Educacional Vera Cruz, em Patos, no Sertão paraibano. Numa delas, as equipes inscritas receberam uma tarefa antecipada: apresentar o aparelho de rádio mais antigo que conseguissem encontrar. Além de sair perguntando, vizinho a vizinho, quem conhecia alguém, que conhecia outro alguém, que pudesse ter um rádio beeeeeem antigo, fizemos algumas pesquisas para saber quando esse meio de comunicação havia chegado ao Brasil. Descobrimos que havia sido ainda na década de 1920.

Na Paraíba, conforme artigo publicado pelo professor Moacir Barbosa de Sousa, não há exatidão a respeito de quando os primeiros aparelhos receptores chegaram ao nosso Estado, mas sabe-se que, em 1937, uma loja de João Pessoa (especializada em artigos elétricos) publicou um anúncio sobre o Radiorreceptor Ericsson. Essa seria a data mais precisa sobre o assunto, conforme Moacir Barbosa.

À época, pouca gente possuía aparelho de rádio por aqui, e era comum que os sons da Rádio Clube da Paraíba (depois Estação Rádio-Diffusora e hoje Rádio Tabajara) chegassem à maioria dos ouvintes por meio de alto-falantes instalados no Centro de João Pessoa. De acordo com Moacir Barbosa, o "transmissor da nova emissora não era potente e os poucos proprietários de receptores precisavam de muita paciência para sintonizar o sinal da Rádio Clube. Alguns desses donos de aparelhos chegaram a destinar salas especiais onde as pessoas se reuniam ao redor do Radiorreceptor".

Eu tive a curiosidade de pesquisar sobre os primórdios do rádio na Paraíba ao ler os dados do Inside Radio 2021, estudo da Kantar Ibope Medi divulgado recentemente. A pesquisa aponta que 80% dos brasileiros ouvem rádio, e cada ouvinte passa, em média, 4 horas e 26 minutos ligado no rádio. Na Região Sul, o índice de ouvintes chega a 85% das pessoas, seguida por Nordeste (81%) e Centro-Oeste e Sudeste (ambas com 80%). Mais: 42% dos ouvintes de rádio gostam de comerciais nas rádios entre os programas e as músicas, e o crescimento da credibilidade do rádio no último ano foi de 43%.

Foto: Reprodução

A maioria dos brasileiros prefere usar o rádio comum (80%), mas o consumo aumentou pelo celular (80%) em relação a 2020: de 23% para 25% em 2021. Quando o consumo é on-line, temos os seguintes números: 66% pelo celular, 37% pelo computador e 8% em outros equipamentos. Entre os web-ouvintes, há grande destaque para as pessoas da classe AB, entre 20 e 39 anos; ou seja, é um público jovem e conectado a novas tendências.

Os dados do Inside Radio 2021 mostram ainda um fenômeno muito interessante: rádio agora não é só para ouvir, é para ver também. As emissoras estão investindo mais em canais de players de vídeo, em transmissões ao vivo do estúdio, ou em programas exclusivos. E isso se justifica, afinal 59% do público entrevistado ouviu música ou outro conteúdo de áudio no YouTube, e 73% assistiram a vídeos on-line em sites de fotos e vídeos. A pesquisa traz ainda muitos outros dados interessantes, inclusive sobre podcast e redes sociais com foco apenas em voz, a exemplo do Clubhouse.

Em tempo: sabem a tarefa de encontrar o rádio mais antigo da cidade, que citei no início deste texto? Por pouco, minha equipe não levou o ponto! Mas nossa participação ficou na memória de todos, tenho certeza. Na hora de apresentar os aparelhos, levamos um bonito rádio emprestado de alguém do bairro e o colocamos com cuidado sobre a mesa. De imediato, ouve-se uma grande gritaria e todos os olhos se fixam em um personagem que circula entre os jurados... Não era o dia do rádio, era do rato mesmo!

Tocando em frente — Professor Francelino Soares

francelino-soares@bol.com.br

A Jovem Guarda – Introdução

Já lhes falei, numa série anterior, constituída de três "episódios", do momento/movimento musical denominado de Jovem Guarda.

Evidentemente, o que se falou sobre a pré-Jovem Guarda deve ter servido como base introdutória para a "cereja do bolo", a Jovem Guarda propriamente dita.

Como numa "fita de cinema", a plateia (leitores) ficou a reclamar a continuidade do "filme", ou seja, a abordagem desse movimento musical.

E aqui estamos nós, no papel de "operador da máquina de projeção", a sequenciar os doces embalos das "jovens tardes de domingo" e muito longe de dizer que "o show já terminou"; distante disso, estamos apenas iniciando essa viagem que nos poderá levar, num "ritmo de aventura", a um tempo sobre o qual se costuma dizer: "éramos felizes e não sabíamos".

O trailer desse filme – a Jovem Guarda – teve início, muito antes das cenas principais, quando George Freedman, Sérgio Murilo, Tony e Celly Campello deram início a essa aventura.

Sobre esse tema, pela riqueza e abrangência de informações e curiosidades que dominam o meu universo e a minha vivência musical, obviamente, não me será possível narrá-los em um só "episódio"; portanto, o assunto constará de uma sequência intermitente.

Antes de me adentrar no âmago do assunto, faz-se necessário observar uma informação do publicitário/empresário Carlito Maia, colhida por Marcelo Fróes, um especialista no assunto. Ele afirma que Roberto Carlos estreou o programa 'Jovem Guarda' (naquela tarde de domingo,16h30, de 22 de agosto de 1965, no auditório da TV Record) quase que por acaso. E explica: quando foi proibida a transmissão de eventos futebolísticos pela tevê, ao vivo, nas tardes do domingo, pois, segundo dirigentes da CBF (João Havelange à frente), as transmissões ao vivo vinham afastando a juventude dos gramados, fazendo-os preferir assistir aos jogos no conforto de suas casas, a TV Record então buscava uma maneira de angariar a audiência em horário tão nobre para a mídia. Então, Paulo Machado de Carvalho (1901-1992), advogado, homem da comunicação e do futebol, que, a partir de então, se tornou amigo de Havelange, num verdadeiro jogo de interesses mercadológicos, foi convidado para presidir duas delegações das Copas do Mundo de Futebol que conquistaram os troféus (Suécia, 1958, e Chile, 1962), sendo, por isso mesmo, cognominado de o Marechal da Vitória.

Voltando ao assunto – música –, Paulo Machado de Carvalho resolveu preencher o vazio das "jovens tardes de domingo" com uma programação capaz de atrair uma audiência tão respeitosa quanto às transmissões futebolísticas. Fundador e dono da TV Record SP, PMC, vendo, por acaso, o tape de uma apresentação em emissora carioca, comandada por Erasmo Carlos, cujo nome era o de uma já bem executada música sua – 'Festa de Arromba' – interessou-se por trazer essa turma para criar um programa semelhante em seu canal. Roberto Carlos, que fazia parte da tal festa de arromba, pareceu mais do agrado dos produtores; no entanto, apesar de o "piloto" do programa agradar em cheio, o nome teria que ser mais convidativo ao público jovem, daí o 'Jovem Guarda'. E tem mais: o jeito tímido e introvertido de RC levou-o a convidar "o meu amigo Erasmo Carlos" e a "ternurinha" Wanderléa que, recém-vinda das Minas Gerais, já conquistara a turma de roqueiros baladistas e ainda meio ingênuos. E, assim, naquela tarde de domingo, estreava, como enorme sucesso, o primeiro programa, que, desde então, passou a contar com a participação de "estrelas do rock", como Renato e seus Blue Caps, Golden Boys, Clevers (depois rebatizado de Os Incríveis), Wanderley Cardoso, Jerry Adriani, Martinha, Sérgio Reis, Ronnie Von, entre inúmeros outros de que lhes irei falando na medida em que o filme for sendo exibido em minha imaginação.

Mas recorda-se que, pelo sucesso que vinha alcançando um outro programa – 'Tony e Celly em Hi-Fi' –, a Tony, que já adquirira "fama de estrela do rock" em São Paulo, foi-lhe oferecido o comando do programa Jovem Guarda, o que não se concretizou pelo fato de ele, achando o salário insuficiente, ter declinado do convite.

Um fato cujos detalhes, de certa forma, são inéditos: dizem os periódicos da época que se chegou ao nome do novo programa por meio de uma frase cunhada, mesmo fora do contexto musical obviamente, por Vladimir Ilyich Ulianov, que não é outro senão o cidadão conhecido por Lênin (ou Lenine, como queiram): "O futuro do Socialismo repousa nos ombros de uma jovem guarda, porque a velha guarda está ultrapassada".

Para a sequência desse enredo, "voltem na próxima semana!".

Foto: Reprodução

MARMITANDO
COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses- Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tevê e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Fotos: Pedro Ivo

Não é aguardente, é cachaça

Vem acontecendo uma reformulação nas cachaças paraibanas e isso é bem visível e também muito bem-vinda para quem aprecia uma boa cachaça. Podemos até dizer que temos genuinamente um produto exclusivo do Brasil e esse produto são as nossas cachaças, que só aqui são fabricadas.

Empresas têm como intuito de se apresentar de forma mais consistente e contemporânea ao mercado. E isso é muito bom.

E vamos falar em uma em específico, com mais de cem anos de tradição: o Engenho São Paulo, maior produtor de cachaça de alambique do Brasil, que coleciona prêmios nacionais, certificações e reconhecimento de um público cada vez mais exigente e conhecedor quando o assunto são os destilados. Este ano, o Engenho São Paulo e suas marcas passam por um projeto de reposicionamento de marca, buscando se apresentar ao mercado com uma expressão mais consistente e contemporânea por meio de seus produtos e de sua comunicação.

O novo branding da Cachaça São Paulo e do próprio engenho transmitem o DNA e honram a história centenária do Engenho São Paulo. Segundo Jones Siqueira, sócio-diretor da agência Neopop Imaginária, responsável pelo processo de rebranding das marcas, o desafio maior foi manter a essência do engenho, apostando em elementos mais atuais. "Todo projeto de rebranding é um grande desafio e uma grande responsabilidade também. Precisamos nos inspirar no passado e depois reinterpretá-lo de forma contemporânea, e não simplesmente transcrevê-lo. É isso que vai trazer um novo ar para a marca e é o que torna o projeto bem-sucedido", detalha Jones.

A cachaça, de forma geral, evoluiu muito no Brasil, sendo apreciada no mundo todo. É um produto importante histórica e economicamente para o Brasil, mas que precisa continuar atraente para todas as gerações. A nova identidade da Cachaça São Paulo carrega esse propósito, além de expressar o novo posicionamento que o engenho quer passar: marcas consistentes, tradicionais e alinhadas com o momento atual. Para o rebranding da Cachaça São Paulo, a agência analisou todos os rótulos do produto comercializados até hoje, realizou uma profunda pesquisa de mercado com consumidores e donos de estabelecimentos da região e procurou manter a carga afetiva e os códigos visuais que já a fazem ser reconhecida pelo público. "Para a nova embalagem, analisamos os pontos fortes e fracos de todos os seus rótulos anteriores e, inclusive, mantivemos alguns traços, como a ilustração do engenho e a faixa listrada em amarelo que a deu o apelido, por parte de seu público, de 'cachaça do papo-amarelo'. Tudo isso tentando expressar a essência do produto, que é uma cachaça raiz", diz.

A partir de agora, a Cachaça São Paulo conta com uma tipografia com características de caligrafia, dessas bem antigas, e teve o "til" de São Paulo substituído por uma auréola, para que remetesse ao santo e não ao Estado brasileiro. Já para a nova identidade do Engenho São Paulo, o trabalho foi transpor o seu legado histórico para o design de forma impactante e autêntica sem ofuscar os produtos que devem ser os grandes protagonistas. Segundo Jones, o próximo rótulo a passar pelo processo de reposicionamento será o da Cachaça Cigana, marca premium da empresa. Em breve, todas as outras marcas também contarão com novas logomarcas e rótulos.

Só falta um restaurante para o engenho e criar um circuito bem agradável para turistas conhecerem, já que é tão perto da capital, João Pessoa.

Para mais informações sobre o Engenho São Paulo, o site é o https://engenhosaopaulo.com.br e o Instagram é @engsaopaulo. Acompanhe também o perfil no Instagram da Cachaça São Paulo: @cachacasaopaulo.

PRATO DO DIA

Galinhada a moda

Ingredientes

- 1 fio de azeite
- 1 colher de sopa de manteiga
- 1 cabeça de alho amassada e picada
- 1kg de frango a passarinho
- 200g de bacon em cubos
- 500g de arroz ponta de agulha branco
- 1 pimentão amarelo pequeno picado
- 1 pimentão vermelho pequeno picado
- 2 tomates sem pele picado
- 1 cebola pequena bem picada *(de preferência roxa)*
- 1 lata de milho verde
- 1 tablete de caldo de galinha
- 1 colher de sobremesa de açafrão
- Sal e pimenta do reino a gosto
- Noz moscada
- Cachaça

Modo de preparo

Em uma panela grande, coloque o filete de azeite e a manteiga, acrescente o bacon e a cebola. Deixe dar uma leve refogada e acrescente o frango e já tempere com sal, pimenta do reino e a noz moscada; e vá dando uma leve fritura no frango para que ele chegue ao ponto que você queira. Em seguida, acrescente o restante dos ingredientes e o arroz, misture bem e vá colocando o caldo de legumes aos poucos para ir cozinhando até chegar no ponto. E sirva.

QUENTINHAS

A Associação Donos do Amanhã, que apoia cerca de 200 crianças carentes com câncer de toda a Paraíba, iniciou a venda dos tíquetes antecipados para o 'McDia Feliz 2021'. Este ano, a campanha destinará o valor arrecadado na Paraíba para o projeto 'Nutrir para Vencer', que vai comprar e distribuir suplementos alimentares para as crianças e adolescentes carentes em tratamento de câncer que precisam de uma boa nutrição, para combater a doença. Para ajudar, basta adquirir um tíquete antecipado do sanduíche Big Mac na sede da @donosdoamanhapb, pelo telefone 3242-2710 ou nas lojas Sonho Doce. Os vouchers poderão ser trocados pelo sanduíche no dia da campanha, 23 de outubro, em qualquer McDonald's.

Happy hour e menu executivo no MeatUp é outra história! No horário especial temos caipirinha e caipirokas em dobro. Um almoço especial pode tornar tudo mais leve. Te ajuda a sair um pouco da correria do trabalho e provar diferentes sabores. Aqui no MeatUp nós temos o Menu Executivo (R$ 49,00) de terça a quinta-feira. Nele, você escolhe uma proteína mais um acompanhamento e uma sobremesa.

Já em nosso happyhour, temos o tão querido caldinho de feijoada (R$ 7,00), que é uma das nossas apostas, preparado a partir da feijoada da casa, com carnes nobres. Na compra de uma caipirinha tradicional (R$ 18,00), o cliente leva outra totalmente de graça ou comprando uma caipirosca com limão, morango ou maracujá (R$ 21,00) também leva outra. O que não podemos deixar de falar é do nosso geladíssimo Chopp Voiller em dobro (R$ 9,00), chopp artesanal 100% paraibano, levemente cítrico, com certeza, é um perfeito acompanhamento para nossos petiscos. Por falar em petiscos, os nossos vão de filé com gorgonzola e fritas até bolinho de vó ou buffalowings.

Não tem como começar ou terminar a semana de um jeito melhor, né? Garantimos uma grande hospitalidade e carnes premium na sua mesa! Telefone: (83) 3035-7818

Nessa última semana, a empresária paraibana Marina Sá apresentou em São Paulo para jornalistas e influencers do mercado gastronômico o Terroá na Caixa. O evento se chama Experiência Terroá e acontece dentro da programação do festival Nordestesse, idealizado pela jornalista Daniela Falcão.Como sempre, é um sucesso!

PITADAS A GOSTO

E nessa última terça-feira nos encontraremos no evento que foi reunir duas marcas saborosas e bem nordestinas: o Camarada Camarão e a Cachaça São Paulo.

O Camarada Camarão em João Pessoa foi aberto no dia 22 de Janeiro de 2020 e está localizado em um conceituado shopping da cidade. O restaurante, além de manter seu ambiente rústico, aconchegante e espaçoso, tem alto padrão de atendimento, sendo o mais bem avaliado no Tripadvisor, mantendo-se em primeiro colocado num ranking dos melhores restaurantes de João Pessoa. Ele proporciona aos seus consumidores pratos cuidadosamente elaborados, com uma mistura de sabor entre a cozinha regional e internacional. O evento constou com apenas 15 pessoas importantes e amantes de uma boa gastronomia e de uma excelente degustação de cachaça.